

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
MICHELE COELHO NOVEMBRE

**A HOSPITALIDADE E A FESTA DAS NAÇÕES DE
PIRACICABA**

São Paulo
2015

MICHELE COELHO NOVENBRE

**HOSPITALIDADE E A FESTA DAS NAÇÕES DE
PIRACICABA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Hospitalidade: Processos e Práticas, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo.

São Paulo

2015

N832h Novembre, Michele Coelho
Hospitalidade e a festa das nações de Piracicaba /
Michele Coelho Novembre. – 2015.
115f.: il.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo.
Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) - Universidade
Anhembi Morumbi, São Paulo, 2015.
Bibliografia: f.106.

1. Hospitalidade. 2. Lazer. 3. Comensalidade. 4. Festa.
I. Título.

CDD 647.94

MICHELE COELHO NOVENBRE

**HOSPITALIDADE E A FESTA DAS NAÇÕES DE
PIRACICABA**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Hospitalidade: Processos e Práticas, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo.

Aprovado em 26/02/2015

Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo/Orientador (UAM/SP)

Prof. Dra. Marielys Siqueira Bueno/UAM (SP)

Prof. Dr. Sidnei Raimundo/USP, EACH

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Ana Dionisia, que me estimulou e apoiou para continuar os estudos.

Aos meus familiares e aos meus amigos, que também me incentivaram e me apoiaram. Especialmente ao Luiz Limonge, à Thaisa Marilia, à tia Marisa, ao meu pai, à Luciani e à Mariana.

Ao Prof. Dr. Luiz Octávio de Lima Camargo, como orientador, e à Prof. Dra. Marielys Siqueira Bueno, como orientadora em parte do curso.

Aos demais professores do Curso de Mestrado em Hospitalidade, pela orientação e contribuição para a minha formação acadêmica e pessoal.

À Alessandra Marota, secretária do Curso de Mestrado em Hospitalidade.

Ao Centro Universitário Senac, pela bolsa de estudos concedida, em especial à diretora do Campus Águas de São Pedro, Cícera Carla Bezerra da Silva, e à coordenadora de Ensino Superior, Rosana Romano Elias.

À minha equipe de professores e colaboradores do Senac, do Campus Águas de São Pedro, especialmente à Lucimar e ao Rafael.

Aos colegas do curso Mestrado em Hospitalidade, especialmente à Juliana, à Flávia, à Lilian, à Johanna e à Ana.

Às pessoas entrevistadas e ao Romualdo Cruz Filho.

Aos que colaboraram para a conclusão desta etapa da minha formação acadêmica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A CIDADE QUE RECEBE.....	13
1.1 A Noiva da Colina.....	13
1.2 A Formação das Cidades e Hospitalidade.....	23
2 TRADIÇÃO DA FESTA.....	34
2.1 A Origem e a Organização da Festa das Nações de Piracicaba.....	34
2.2 Tradição e Festa.....	50
3 LAZER E FESTA.....	61
3.1 A Organização da Festa das Nações de Piracicaba.....	61
3.2 O Lazer e a Festa.....	70
4. COMENSALIDADE.....	83
4.1 As Atrações da Festa das Nações de Piracicaba.....	83
4.2 Comensalidade e Festa.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106
Apêndice.....	113
Apêndice 1 - Roteiro das entrevistas semi-estruturadas.....	113
Apêndice 2 - Modelo das autorizações dos entrevistados para a utilização do conteúdo das entrevistas.....	114
Apêndice 3 - Respostas das entrevistas, na íntegra	115

RESUMO

A Festa das Nações de Piracicaba é um evento, realizado anualmente desde 1983. A principal finalidade dessa festa é a obtenção de recursos financeiros, para as entidades assistenciais de Piracicaba, por meio da venda de comidas típicas das diferentes nações, regiões brasileiras e do continente africano, representados na festa. Esta festa é estudada nesta pesquisa, considerando algumas de suas dimensões socioantropológicas, baseadas no pensamento dos autores representativos. A primeira e principal dimensão é a da hospitalidade, considerando o processo civilizador de Norbert Elias. Outras dimensões foram estudadas também: a da tradição inventada em que foram consideradas as informações de Eric Hobsbawm, a do lazer baseada em Joffre Dumazedier e a da comensalidade em Jean Jacques Boutaud. O estudo tem características de ensaio, com pesquisa bibliográfica e com entrevistas semi-estruturadas, realizadas com oito pessoas, dois representantes da Prefeitura Municipal de Piracicaba, dois das entidades assistenciais de Piracicaba, dois do *trade* turístico local e dois frequentadores da festa. A teoria de Norbert Elias sobre o processo civilizador, apesar de não abordar diretamente a hospitalidade, possibilitou a percepção das características das cidades, que são os locais em que existem as relações de hospitalidade e, nesse caso, o propósito foi associar as características da cidade de Piracicaba com a hospitalidade e a Festa das Nações de Piracicaba. É possível considerar que Piracicaba é uma cidade que acolhe as pessoas. Em função da teoria proposta por Hobsbawm (2002) a Festa das Nações de Piracicaba não é uma tradição, mas pode ser considerada uma tradição inventada. No entanto, com base nas opiniões dos entrevistados essa festa é considerada tradicional. O conceito de lazer ou do tempo livre, baseado em Joffre Dumazedier, possibilitou apreender que a Festa das Nações de Piracicaba é uma atividade de lazer; os entrevistados afirmaram que a própria festa é uma atividade de lazer e proporciona outros atrativos que foram também considerados como atividades de lazer. Analisando o referencial teórico de Jean Jacques Boutaud, em que a comensalidade pode ser considerada na dimensão da hospitalidade, houve unanimidade entre os entrevistados, que consideraram a variedade das comidas típicas como o motivador da participação na Festa das Nações de Piracicaba, ou seja, a alimentação como forma de agregação das pessoas, de prazer e de lazer. Pensando a hospitalidade dessa festa, é possível afirmar que a festa é um momento de confraternização entre as pessoas e é motivo para a reunião e, ou, reencontro de familiares e de amigos.

Palavras-chaves: Hospitalidade. Lazer. Comensalidade. Festa.

ABSTRACT

The Party of Nations of Piracicaba is an event held annually since 1983. The main purpose of this party is to obtain funds for the charities of Piracicaba, through the sale of typical foods of different nations, África and regions of Brazil, represented in party. This party is studied in this research, considering some of their socio-anthropological dimensions, based on the thinking of representative authors. The first and foremost is the dimension of hospitality, considering the civilizing process of Norbert Elias. Other dimensions also were studied: the invented tradition in which we considered the Eric Hobsbawm information, the leisure based on Jofre Dumazedier and the commensality on Jean Jacques Boutaud. The study is a qualitative and exploratory research, completed with semi-structured interviews with eight people, two representatives of the city hall of Piracicaba, two of the charities of Piracicaba, two of the local tourist trade and two party goers. The theory of Norbert Elias on the civilizing process, although not directly address the hospitality, allowed the perception of the characteristics of cities, which are the places where there are relations of hospitality, in which case, the purpose was to associate the characteristics of the city Piracicaba with the hospitality and the Party of Nations of Piracicaba. It is possible to consider that Piracicaba is a city that welcomes people. Due to the theory proposed by Hobsbawm (2002) this party is not a tradition, but can be considered an invented tradition. However, based on the opinions of respondents this party is considered traditional. By the concept of leisure or free time, based on Jofre Dumazedier, it's possible to apprehend that the Party of Nations is a leisure activity; respondents said that the party itself is a leisure activity and offers other attractions that were also considered leisure activities. Analyzing the theoretical framework of Jean Jaques Boutaud in that table fellowship can be seen in the dimension of hospitality, there was unanimity among respondents who considered the variety of typical food as the motivating participation in this party, as a form of aggregation of people, pleasure and leisure. Thinking the hospitality of this party, we can say that the party is a time of fellowship between people.

Key-words: Hospitality. Leisure. Commensality. Party.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é um ensaio reflexivo e crítico sobre os aspectos socioantropológicos da hospitalidade de uma festa. O objeto de estudo é a Festa das Nações de Piracicaba, na qual algumas nações, algumas regiões do Brasil e o continente africano são representados por barracas, em que são vendidas comidas típicas e difundidos outros aspectos culturais.

Essa festa é realizada há 31 anos na cidade de Piracicaba, interior do Estado de São Paulo, e sua realização conta com a participação de cerca de 7 mil voluntários. Esse evento ainda não foi objeto de estudos acadêmicos, ressaltando a importância desta pesquisa.

Assim, desde o início havia necessidade de documentá-la. Mas, a partir daí, para o que deveria dirigir-se a análise científica? Se se tratasse de uma festa cívica, seria possível utilizar os elementos constitutivos de uma identidade local existente ou buscada, como Oliveira (1989) fez com a análise das festas republicanas. Mas a Festa das Nações não é uma festa cívica. Surgiu a partir da necessidade de angariar recursos financeiros para entidades assistenciais locais; dessa forma, é planejada, organizada e realizada por essas entidades e o Fundo Social de Solidariedade da cidade de Piracicaba, com apoio da Secretaria Municipal de Turismo e de empresas privadas. É importante ressaltar que os recursos arrecadados nessa festa, oriundos principalmente da venda de comidas, possibilitam melhorar as condições de sobrevivência de centenas de indivíduos, que possuem necessidades especiais e, ou, que necessitam de auxílio e assistência, trabalho que é desenvolvido por essas entidades.

Em seguida a análise avaliou a contribuição da festa para o desenvolvimento do turismo na cidade, como o fizeram Ribeiro (2004), ao relacionar festas religiosas e turismo cultural, Farias (2005), ao estudar as festas populares brasileiras e, como é o caso também, da maior parte dos estudos sobre festas no contexto do Programa de Mestrado em Hospitalidade como, por exemplo, o de Dick (2004) que analisou a festa de Nossa Senhora da Casaluze ou de Clemente Júnior (2006) que estudou festa similar à ora em estudo em Pariquera-Açu.

Posteriormente, foi avaliada a festa em suas diferentes dimensões teóricas de estudo. Mas estas são inúmeras: festas são rituais, são sistemas de troca material e simbólica, redes de sociabilidade, sistemas de identidade pessoal e social. Ao final,

foram estabelecidas quatro dimensões teóricas que podem ser explicitadas como objetivos desta pesquisa e como hipóteses de estudo:

- A festa recebe: é, pois, uma operação de hospitalidade.
- A festa se repete: é uma tradição, ainda que inventada.
- A festa diverte: é uma atividade de lazer.
- A festa (em especial a ora em estudo) alimenta: é uma oportunidade de comensalidade.

Essas hipóteses converteram-se em categorias de análise e em quatro capítulos distintos. Em cada um deles, a teoria articula-se com a descrição dos aspectos do evento concernentes à categoria e com depoimentos a partir de entrevistas semi-estruturadas com oito indivíduos.

Os conteúdos das entrevistas estão relacionados às características da cidade de Piracicaba em termos de hospitalidade, à atração da festa para as pessoas de cidades vizinhas, em relação ao que é tradicional em Piracicaba além da Festa das Nações, às diferenças entre a quermesse e a Festa das Nações, aos atrativos dessa festa além da comida; às contribuições da festa para o lazer da cidade de Piracicaba, ao ritual da festa e à convivialidade familiar e social que a festa possibilita.

Para definir os entrevistados foram selecionadas pessoas que representam as partes envolvidas na realização da festa, além da atuação direta dessas pessoas com o objeto de estudo e, inclusive, a participação dessas pessoas como frequentadoras dessa festa. Os entrevistados são: duas pessoas representantes da Prefeitura Municipal de Piracicaba, duas pessoas representantes das entidades assistências de Piracicaba, duas pessoas que representam o *trade* turístico da cidade de Piracicaba e duas pessoas que são frequentadores da festa. Assim, foram entrevistadas oito pessoas, que também são frequentadoras da Festa das Nações de Piracicaba.

Para preservar a identidade dos entrevistados, ao invés do nome, as pessoas foram identificadas como colaboradores, que foram classificados numericamente de 1 a 8, com base no tipo de relação da pessoa com a festa, conforme está indicado a seguir.

Dessa maneira, os colaboradores 1 (C1) e 2 (C2) são pessoas que atuam ou atuaram na Prefeitura Municipal de Piracicaba. O colaborador 1 é atualmente aposentado e trabalhou durante toda a vida profissional na Prefeitura Municipal de Piracicaba, na Secretaria de Turismo; além disso, atuou diretamente na Festa das Nações de Piracicaba desde a primeira festa. O colaborador 2 é atualmente

presidente do Fundo de Social Solidariiedade de Piracicaba (FSSP), da Prefeitura Municipal de Piracicaba, e já participou como presidente desse fundo nas festas dos anos de 2013 e de 2014.

Os colaboradores relacionados às entidades assistenciais de Piracicaba são os 3 (C3) e 4 (C4). O colaborador 3 é atualmente presidente de uma entidade assistencial de Piracicaba, entidade que participa da Festa das Nações de Piracicaba faz nove anos. O colaborador 4 é representante de uma das entidades assistenciais de Piracicaba, que atua na festa desde a 1ª Festa das Nações de Piracicaba.

Para entrevistar pessoas do *trade* turístico da cidade de Piracicaba foram entrevistados os colaboradores 5 (C5) e 6 (C6); dessa forma, o colaborador 5 sempre atuou e atua ainda, faz mais de 20 anos, na área de turismo em empresas privadas, e o colaborador 6 atua, há mais de 20 anos, na área de alimentação na cidade de Piracicaba.

Para complementar as entrevistas foram, então, consideradas pessoas que frequentam a Festa das Nações de Piracicaba, que são representadas pelos colaboradores 7 (C7) e 8 (C8). O colaborador 7 frequenta a Festa das Nações de Piracicaba desde a primeira festa, participou também dessa festa como membro do Desenvolvimento Social do município de Piracicaba, de 1993 a 1996. O colaborador 8 é uma pessoa que mora em Piracicaba e atua no comércio, há mais de 20 anos.

O roteiro semi-estruturado das entrevistas que está no Apêndice 1 foi utilizado para a coleta dos dados. Para tal, o pesquisador contactou cada uma das pessoas, que foram definidas com base nos critérios descritos anteriormente, para as quais foi explicada a natureza da pesquisa e foi agendado um horário para a entrevista, feita de forma individual e presencial, para cada colaborador.

O pesquisador elaborou um documento em que o entrevistado autorizou a utilização do conteúdo da entrevista, para ser utilizado na dissertação (Apêndice 2). As entrevistas foram gravadas, transcritas na íntegra e anexadas como apêndice (Apêndice 3).

Em resumo, do ponto de vista metodológico, propriamente dito, esta dissertação está situada na perspectiva da chamada pesquisa exploratória, definida por Dencker como:

A pesquisa exploratória procura aprimorar idéias ou descobrir intuições. Caracteriza-se por possuir um planejamento flexível envolvendo em geral levantamento bibliográfico, entrevistas com

peças experientes e análise de exemplos similares (DENCKER, 2001, p.124).

A dissertação foi escrita em quatro capítulos cada um dos capítulos contém dois tópicos, o primeiro com aspectos descritivos da festa e as falas dos colaboradores entrevistados e o segundo com os aspectos teóricos.

O primeiro capítulo mostra como o evento moderno é uma operação de hospitalidade urbana, desde o início daquilo que Norbert Elias chamou de processo civilizador. Este, juntamente com autores da área de hospitalidade, é o referencial teórico do capítulo.

No segundo capítulo é analisada a história e a tradição inventada, o que coloca Eric Hobsbawn como a referência teórica básica. O terceiro capítulo analisa a festa, enquanto oferta de lazer, e traz Joffre Dumazedier como referência teórica básica.

O quarto capítulo trata da situação de comensalidade proposta pela festa e tem em Jean Jacques Boutaud a referência central.

Considerando a estrutura proposta, esse estudo possibilitou associar os referenciais teóricos relacionados à hospitalidade na cidade, à tradição e aos conceitos de lazer e de festa e de comensalidade a uma festa na cidade de Piracicaba, interior do Estado de São Paulo, a Festa das Nações de Piracicaba.

1 A CIDADE QUE RECEBE

1.1 A “Noiva da Colina”

A cidade de Piracicaba, inicialmente um povoado, foi fundada às margens do Rio de Piracicaba, em 1º de agosto de 1767, pelo capitão Antonio Correa Barbosa. O nome do município origina-se da língua Tupi e significa o lugar onde o peixe para, palavra formada pela união dos termos pirá (peixe), syk (parar) e aba (lugar), em referência à queda das águas do rio, que favorece a piracema dos peixes.

O local da fundação está relacionado à utilização do rio para a agricultura, a pesca e a navegação. Nesse sentido, a fundação tinha a finalidade de facilitar o transporte, de víveres e munições, para as tropas da Vila Militar de Iguatemi, instalada na fronteira com o Paraguai, no mesmo local onde foram descobertas as minas de ouro. O local de fundação da cidade de Piracicaba é similar à formação de outras cidades, conforme destacou Le Goff:

A fundação de cidades às margens de um rio remonta à formação das cidades medievais; o rio é sem dúvida, para a cidade medieval, também uma estrada, portadora de mercadorias e de homens. O transporte fluvial é um elemento importante da rede urbana (LE GOFF, 1992, p.19).

A cidade de Piracicaba é conhecida também como Noiva da Colina, denominação atribuída por Brasílio Machado Neto, que escreveu um poema “Noiva da Colina”, no qual associou o véu da noiva com o manto da neblina das noites piracicabanas (Academia Piracicabana de Letras, 2014).

Piracicaba está a 164 km da capital do Estado de São Paulo e em 2010 tinha 364.872 mil habitantes; a cidade é reconhecida por suas belezas naturais, que podem ser contempladas no parque da Rua do Porto, área que possui um complexo turístico e gastronômico, que possibilita à população e aos turistas, vislumbrar parte das belezas naturais que a cidade tem.

É uma cidade pioneira no processo de industrialização paulista com a instalação de metalúrgica, tecelagem e agroindústria no final do século XIX, configurando uma paisagem industrial próxima aos seus mananciais: o córrego Itapeva ou o rio Piracicaba (CACHIONI, 2012).

Piracicaba foi uma das primeiras cidades brasileiras em que foi disponibilizada a iluminação pública, em 06 de outubro de 1893, em função de investimentos financeiros de Luiz Vicente de Souza Queiroz, que, em 1876, iniciou na cidade a fabricação de tecidos de algodão, a fábrica de Tecidos Santa Francisca. Luiz de Queiroz foi o idealizador e o construtor da Escola Agrícola de Piracicaba, atual Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP).

Em frente à fábrica de tecidos foi instalado o terceiro grande estabelecimento industrial de Piracicaba, o Engenho Central (Figuras 01 e 02), complexo industrial para o processamento da cana-de-açúcar, numa época em que a economia agrária estava relacionada à industrialização. O Engenho foi fundado pelo Dr. Estevão Ribeiro de Souza Rezende, futuro Barão de Rezende. Em 1899 o Engenho foi vendido para três franceses, originando a “Société de Sucrierie Brésilliennes” maior empresa do Estado em produção de açúcar e álcool e a mais importante do país até os anos cinquenta; a fabricação de açúcar no Engenho foi desativada em 1972; atualmente, a área verde é de 80 mil metros quadrados e são 12 mil metros quadrados de área construída.

O Engenho Central foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC), como patrimônio histórico, cultural e ambiental de Piracicaba, pelo Decreto número 5036, assinado no dia 11 de agosto de 1989.

O Engenho Central (Figuras 01 e 02), localizado à margem direita do Rio Piracicaba, tem edificações datadas dos séculos 19 e 20, compõe hoje um dos mais belos cenários arquitetônicos da cidade, da região, do Estado de São Paulo e do Brasil a inspirar poetas, artistas, arquitetos, jornalistas, pesquisadores científicos, turistas e amantes da história e da cultura popular (SEMAC, 2014).



Figura 01. Visão parcial do rio Piracicaba e de parte dos prédios do Engenho Central, que é parte do Complexo Turístico da Rua do Porto, Piracicaba, SP. (Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba – IPPLAP, foto de Christiano Diehl Neto, 2010).

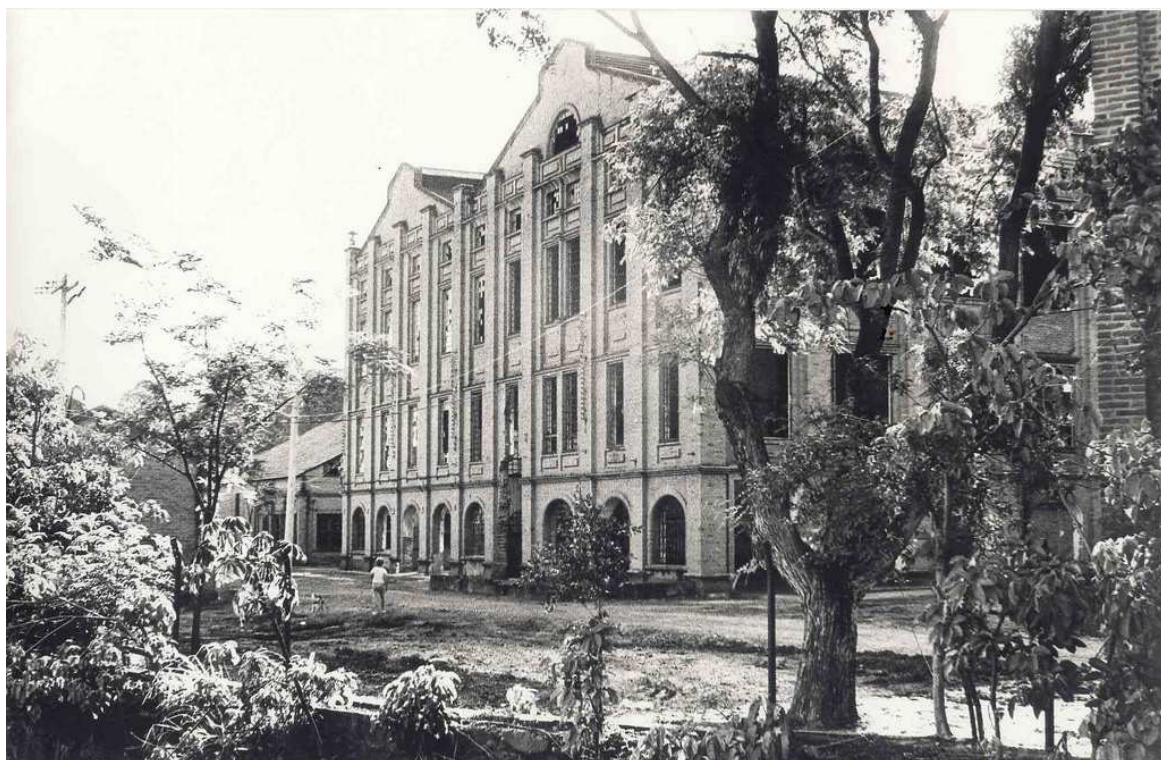


Figura 02. Engenho Central, um dos prédios próximo ao acesso pela ponte pênsil, parte do Complexo Turístico da Rua do Porto, Piracicaba, SP. (Fonte: SEMAC, Prefeitura Municipal de Piracicaba, 2000).

Atualmente, Piracicaba é pólo regional de desenvolvimento industrial e agrícola, é uma das principais regiões industrializadas do Estado de São Paulo. Em termos econômicos é o 46º município do Brasil, cujo Produto Interno Bruto (PIB) é R\$ 8,8 bilhões e é, ainda, a 5ª cidade do Estado de São Paulo em valor das exportações. Piracicaba é área tradicional de produção de etanol e, em especial, de tecnologia destinada ao setor sucroalcooleiro do Brasil (PARQUE TECNOLÓGICO PIRACICABA, 2015).

Em Piracicaba existem muitas possibilidades de espaços, públicos e particulares, direcionados para o desenvolvimento de atividades de lazer e culturais. A cidade tem dois teatros municipais, o Municipal “Dr. Losso Neto” e o recém-inaugurado Teatro Erotídes de Campos localizado no Engenho Central, a Pinacoteca Municipal Miguel Arcanjo Benício Assumpção Dutra, o Engenho Central, construído para a fabricação de açúcar, a Estação da Paulista, o Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, residência do primeiro presidente civil do Brasil, a Casa do Povoador, o Casarão do Turismo, a Casa do Artesão, o Parque da Rua do Porto, o Parque do Mirante, o Zoológico Municipal, o Elevador Turístico José Antônio Longo, o Aquário Municipal, o Observatório Astronômico, o Museu da Água, as unidades do SESC e do SESI que têm programação intensa de atividades culturais, tais como áreas de lazer, oficinas, shows, teatros, espaços para exposições; a cidade tem cinco salas de cinema.

A infraestrutura do comércio da cidade de Piracicaba, inicialmente estabelecida no centro da cidade, correspondente à rua do Comércio, atual Governador Pedro de Toledo, e na Vila Rezende e, atualmente, nos diversos bairros da cidade, além de um shopping center, recém ampliado, e outro em construção.

A cidade tem empresas, nacionais e multinacionais, que desde os anos setenta estão em áreas específicas, que constituem, por exemplo, os três distritos industriais, como o UNILESTE, UNINORTE, UNINOROESTE, o Parque Tecnológico de Piracicaba e o Parque Automotivo. As empresas são a Caterpillar, a Raízen, a Hyundai, a Dedini e muitas outras.

Na área do ensino, Piracicaba sedia importantes universidades, públicas e privadas, como a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), a Faculdade de Odontologia de Piracicaba (FOP), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Escola de Engenharia de Piracicaba (EEP), a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) e outras.

Existem inúmeros bares na cidade com atmosfera típica, restaurantes e casas noturnas, além de inúmeros hotéis, motéis e flats que possibilitam atender as necessidades dos habitantes e turistas.

No ano de 2013, a secretaria de Turismo de Piracicaba, contratou uma empresa a Centro Abril Pesquisas que, realizou uma pesquisa, no período de novembro a dezembro, para identificar o perfil do turista na cidade. Foram entrevistadas 400 pessoas na área do Complexo Turístico da Rua do Porto, entre os quais visitantes, representantes do comércio e artesãos. Esse complexo inclui o Engenho Central, a casa do Povoador (Figura 3), o Largo dos Pescadores, a Ponte Pênsil (Figura 4), o Centro Gastronômico e o Parque da Rua do Porto.



Figura 3. Casa do Povoador, parte do Complexo Turístico da Rua do Porto, Piracicaba, SP. (Fonte: CONDEPHAT, 2012).



Figura 4. Ponte pênsil: um dos acessos ao Engenho Central, parte do Complexo Turístico da Rua do Porto, Piracicaba, SP. (Fonte: Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba – IPPLAP, Foto: Justino Lucente, 2012).

A pesquisa do Centro Abril Pesquisas (2013) estabeleceu que, em média, 1.165.107 pessoas circularam no local, sendo que 55 % desses visitantes moram na cidade de Piracicaba e 45% são turistas. Esses números sugerem que a cidade de Piracicaba é um conhecido destino turístico, do interior do Estado de São Paulo. Além disso, o rio de Piracicaba é uma das principais atrações turísticas da cidade, inclusive tem uma música, “Rio de lágrimas”, composta por Tião Carreiro, Piraci e Lourival Santos, que favoreceu a divulgação do rio e da cidade em todo o Brasil (SETUR, 2014), os restaurantes à beira do rio são famosos pelos peixes servidos. A Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), é também destaque como atração turística e cultural e é destaque nacional e internacional.

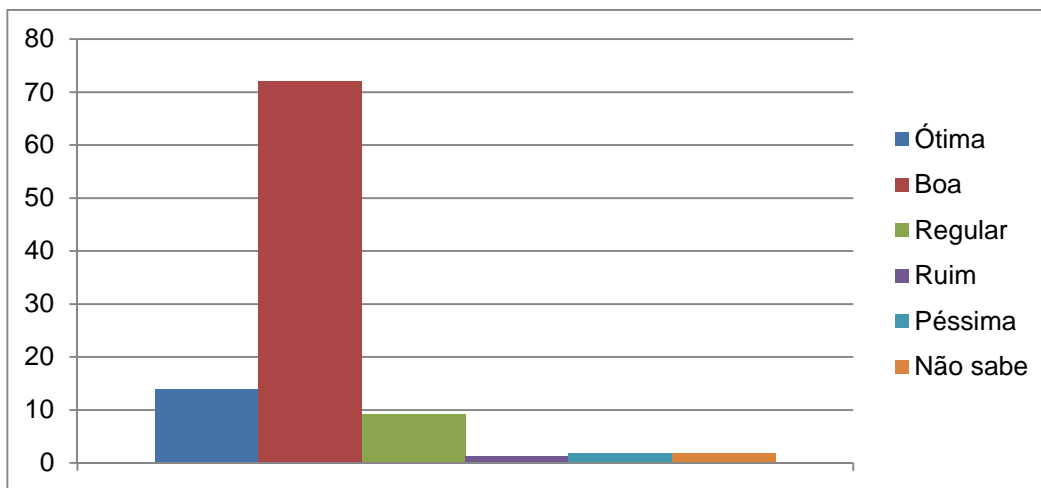


Gráfico 1. Dados (%) referentes à pesquisa sobre a acolhida na cidade de Piracicaba, SP, em que foram consideradas as classificações: ótima, boa, regular, ruim, péssima, não sabe. Fonte: Centro Abril Pesquisas, 2013.

O resultado da pesquisa da empresa Centro Abril Pesquisas (2013), demonstrado no Gráfico 1, sobre a acolhida na cidade de Piracicaba, indicou que 14% dos entrevistados acharam que a acolhida da cidade foi ótima e 72% acharam que foi boa; os 14% restantes, consideraram a acolhida como regular ou ruim. Esses números possibilitam afirmar que a cidade de Piracicaba é hospitaleira.

Conforme apresentado a cidade de Piracicaba tem características que favorecem o turismo, porque sua infraestrutura e sua beleza natural são convidativas ao acolhimento do outro.

A relação entre a hospitalidade e a cidade de Piracicaba foi abordada nas entrevistas. Os entrevistados consideraram Piracicaba uma cidade hospitaleira e as justificativas variaram. Para um dos entrevistados “Piracicaba é uma cidade extremamente acolhedora, acolhe muito bem, não faz diferença nenhuma. Aliás, quando a gente conversa com as pessoas, a gente houve exatamente isso”.

Para outros entrevistados, as pessoas da cidade são hospitaleiras: “eu faço parte de um grupo que é muito hospitaleiro, eu tenho essa característica hospitaleira, e conheço muitas pessoas que são hospitaleiras”. Segundo outro entrevistado: “eu acho que Piracicaba tem sim um povo que acolhe e que acaba atendendo de uma maneira boa, como se fosse da própria cidade”.

No entanto, dois dos entrevistados ressaltaram que quando as pessoas não são de Piracicaba, inicialmente, sentem que são discriminadas e existe, em alguns casos, dificuldade para serem aceitas na sociedade local, um deles explicou:

Quando vim para Piracicaba a sociedade era fechada, discriminavam as pessoas que não eram da cidade, que eram chamadas de forasteiras. Percebi que houve evolução, principalmente em função de outras pessoas que vieram para morar em Piracicaba, a diversidade de culturas favoreceu essa mudança. É uma cidade bonita, interessante que oferece opções em termos de arte e música e que tem potencial para desenvolvimento.

O outro entrevistado considerou que atualmente a adaptação parece ser mais fácil. Antigamente era mais difícil e disse o seguinte:

Eu não sou daqui, inicialmente eu tive um pouco de dificuldade para me adaptar, foi um pouco difícil eles me acolherem dentro do grupo social de Piracicaba, isso antigamente, em 1969, quando eu vim, mas depois de um tempo eu fui conhecendo as pessoas e fui fortalecendo amizades e o fato da minha mãe ser professora ajudou muito, as portas foram se abrindo, as coisas foram acontecendo com mais facilidade.

Todavia, outro não sentiu dessa forma, em função do que contou sobre quando chegou em Piracicaba:

Fui muito bem recebida, porque a família do meu marido era daqui, então, por conta disso as pessoas me acataram muito bem, eu não tive a experiência de chegar sozinha e ir abrindo portas. Mas a minha sobrinha que está vindo para cá agora está se dando muito bem. Sem esse resguardo meu, por conta própria, e eu acho que foi bem acolhida sim.

Discordando dos demais um dos entrevistados, afirmou que não considera a cidade de Piracicaba hospitaleira e justificou a sua opinião com o seguinte argumento:

Porque considera que os locais turísticos não têm informações para o turista, “receptivo” mais apoio para o turista. Considera que as pessoas são fechadas, mas afirma também que recebem bem as pessoas que conhecem.

A Festa das Nações de Piracicaba atrai moradores de outras localidades e o que é feito para isso? Todos os entrevistados consideraram que a Festa das Nações

de Piracicaba atrai moradores de outras localidades. Afirmaram que atrai o público de Piracicaba, da região e até de outros Estados.

Dois dos entrevistados, inclusive, ressaltaram sobre a participação de pessoas de outras localidades, em função do número de pessoas que participa da Festa das Nações de Piracicaba, conforme seguem as opiniões: “atrai bastante o público, não só de Piracicaba como de fora, porque é uma festa que você não tem que se preocupar, é sadia, saudável, oferece bastante atrativos”, “atrai de muitas cidades até de fora do Estado, tanto é que passam na Festa das Nações, durante o período de cinco dias, acho que mais de 100.000 pessoas”, “vem bastante gente das proximidades, Americana, Campinas, Santa Bárbara, Limeira, Rio Claro”, “eu acho sim que atrai muito [...] a média de 100.000 pessoas que passam pela festa”.

Além disso, dois dos entrevistados justificaram a resposta em função da localização da festa, que é realizada no Engenho Central, que é o principal ponto turístico da cidade de Piracicaba e que favorece a participação das pessoas. Muitas pessoas da região participam todos os anos da festa: “o fato da festa ser no Engenho, isso já atrai muita gente”.

Essa festa é divulgada em diferentes meios de comunicação como as rádios e os jornais. Inclusive, um deles afirmou que a Festa das Nações de Piracicaba é uma tradição.

Outro entrevistado explicou que trabalha em uma das barracas e tem a possibilidade de conversar com as pessoas e disse que muitas vêm de outras cidades próximas a Piracicaba. Comentou, ainda, que as pessoas participam por causa da comida.

Por outro lado, duas das pessoas ressaltaram que essa festa tem fama, está no calendário da cidade e é bem divulgada. Afirmaram ainda que o motivo da criação da festa se mantém, que é a ajuda filantrópica para as entidades.

Outros motivos que os entrevistados consideraram como atrativo, para as pessoas participarem da Festa das Nações de Piracicaba, são o local, o Engenho Central que é um ponto turístico da cidade, a rifa para o sorteio do carro, o fato da festa ser um evento filantrópico, para ajudar as entidades assistenciais de Piracicaba, a alimentação, pela venda dos diferentes tipos de comidas, a organização e a divulgação.

Hoje é natural e comum uma cidade e seus habitantes considerarem-se hospitaleiros. Mas, na verdade, esta condição é produto de um contexto histórico

particular, que inverteu a percepção dos habitantes e visitantes de uma cidade em seu espaço: antes, moradores e visitantes eram constrangidos a evitar visitas e passeios em cidades muradas; hoje os muros caíram e as cidades não apenas permitem o passeio como convidam. Esse contexto é o que o sociólogo alemão Norbert Elias denominou de processo civilizador.

1.2 A Formação das Cidades e Hospitalidade

Para o mundo Ocidental o significado do conceito de *civilité* surgiu em uma época em que a sociedade dos cavaleiros e a Igreja Católica estavam fragilizadas (ELIAS, 2011). Houve, assim, o início da alteração dos costumes ocidentais ou civilização que teve importância similar a da sociedade feudal que a precedeu. O conceito de *civilité* também reuniu as diferentes nacionalidades por um mesmo idioma, primeiramente o italiano e, em seguida, o idioma francês que substituíram o latim. As características dessa sociedade expressam o conceito de *civilité*.

Para explicar esse conceito Elias (2011) destacou o tratado escrito por Erasmo de Rotterdam, *De civilitate morum pueriliun* (Da civilidade em criança), de 1530, que tratou de um tema adequado para a época e consolidou o significado de uma palavra antiga e comum *civilitas*, que tornou-se comum para o povo e foi um dos impulsionadores das mudanças sociais de vida desse povo.

A respeito desse tema Elias (2011), ainda, ressaltou que:

Questões semelhantes ocuparam os homens da Idade Média, da Antiguidade greco-romana e, sem dúvida, também de “civilizações” anteriores assemelhadas. Este processo que não teve fim pode ser remontado indefinidamente ao passado. De onde quer que comecemos, observamos movimento, algo que aconteceu antes (ELIAS, 2011, p.70-71).

A abrangência desse tratado extrapolou a intenção inicial de Erasmo que foi a de direcionar o tratado para instruir um menino nobre, filho de príncipe, e escrito para a educação dessa criança, conforme destacou Elias (2011):

Contem reflexões simples, enunciadas com grande seriedade, embora, ao mesmo tempo, com muita zombaria e ironia, tudo isso em linguagem clara e polida e com invejável precisão. Pode-se dizer que nenhum dos seus sucessores jamais igualou esse tratado em força, clareza e caráter pessoal. Examinando-o mais detidamente,

percebemos por trás dele um mundo e um estilo de vida que, em muitos aspectos, para sermos exatos, assemelha-se muito ao nosso, embora seja ainda bem remoto em outros. O tratado fala de atitudes que perdemos, que alguns de nós chamaríamos talvez de “bárbara ou incivilizada”. Fala de muitas coisas que desde então se tornaram impúblicáveis e de muitas outras que hoje são aceitas como naturais (ELIAS, 2011, p.67).

Continuando sobre o tratado de Erasmo é interessante exemplificar alguma coisa; assim, Erasmo escreveu, por exemplo, sobre a maneira como as pessoas olham:

O olhar esbugalhado é sinal de estupidez, o olhar fixo é sinal de inércia; o olhar dos que têm inclinação para a ira é cortante demais; é vivo e eloquente o dos impudicos; se seu olhar demonstra uma mente plácida e afabilidade respeitosa isto é o melhor. Não é por acaso que os antigos dizem: os olhos são o espelho da alma (ERASMO apud ELIAS, 2011, p.67).

Desde a Idade Média até a Modernidade há um processo contínuo de transformação dos hábitos e costumes em consonância com a denominada *civilité* expresso tanto nas maneiras consideradas apropriadas de se comportar em público, quanto na reorganização da convivência social nos espaços públicos das cidades.

Até o início da Modernidade, as cidades, com raras exceções, eram muradas e o acesso era controlado. As portas vigiadas eram uma barreira para os visitantes. Ademais as cidades não ofereciam atrativos e nem estimulavam ao passeio, nem dos habitantes nem dos visitantes. Os pesados portões da cidade, vigiados continuamente, constituíam uma indicação precisa para os visitantes de que não eram bem vindos.

Grassi (2011) afirmou que:

A cidade, enquanto espaço organizado e habitado por sedentários impõe, desde sempre, coabitação e mesclas diversas. O estrangeiro é revestido de uma identidade negativa, é o não nacional, o não cidadão, o sem teto, o sem-documentos, às vezes o inimigo político ou social. A estraneidade traz em si um perigo. Por essas razões, aquele que é diferente é parado na soleira, nas entradas, e dificilmente transpõe as portas que conduzem ao centro ordenado da cidade (GRASSI, 2011, p. 47).

É possível complementar essa relação conforme destacou Le Goff:

A muralha foi o elemento mais importante da realidade física e simbólica das cidades medievais. A origem das muralhas é atribuída aos motivos militares, mas representou o elemento essencial para a consciência urbana na Idade Média. A cidade medieval esta entre dois tipos de cidade que souberam, com ou sem muralha, a separar-se radicalmente do campo: a cidade antiga, que vivia na oposição *urbs/rus* e mantinha a rusticidade no exterior, e a cidade industrial e pós-industrial, que devorou o campo (LE GOFF, 1992, p.12).

No século XVI, início da Modernidade, há intensificação do processo civilizador (ELIAS, 2011) com o objetivo de transformar indivíduos do meio rural em pessoas com urbanidade, com novos padrões de comportamento, e a cidade fechada em cidade não só aberta, como uma cidade que convida moradores e visitantes a participarem de suas realizações. A cidade deixa, assim, de ser o anfitrião desconfiado e passa, inversamente, a criar atrativos para o passeio de moradores e visitantes.

No Brasil, ao menos até 1850, o panorama do fora de casa para os moradores e da visita para os forasteiros passava-se da mesma forma. Cidades vazias durante a semana e cheias aos domingos e dias de festa. A religião era quase que a única atividade que reunia indistintamente os moradores e viajantes. É possível afirmar que os cultos religiosos eram os únicos eventos, no sentido que hoje se atribui a esse conceito. Em outras palavras: uma cidade fechada, vigiada, transforma-se em cidade aberta, hospitaleira, como explica Grinover:

A hospitalidade, de acordo com os estudiosos clássicos, implica ultrapassagem de um espaço e a implantação de um ritual de acolhimento. Acolher o outro significa, então, aceitá-lo e recebê-lo no lugar onde nos encontramos: na nossa casa, na nossa cidade, colocando à disposição do outro o melhor de nós: o melhor que somos como anfitriões. Na cidade antiga, a hospitalidade era um processo que começava com a identificação, depois a admissão, sob reserva, de um estranho. A realidade política da hospitalidade era um acolhimento sob condições (GRINOVER, 2009, p.06).

A urbanização foi o esteio do processo civilizador de que falava Norbert Elias; foram as cidades que, a partir do século XVI, pouco a pouco, retiraram o entretenimento cotidiano do controle sócio-religioso e o transformaram em fonte de lucro; foram as cidades modernas e contemporâneas que trasladaram a hospitalidade do espaço doméstico, ao qual estava circunscrita, para o espaço urbano e seus equipamentos comerciais (hotéis, bares e restaurantes) ou não, Camargo (2007).

Atento à relação entre a estrutura da personalidade (psicogenética) e a estrutura social (sociogenética) do que denomina de nossa civilização, ou seja, da sociedade européia, especificamente, da França e da Alemanha, Elias parte do princípio de que fenômenos humanos são materializações da vida social e mental e que os costumes expressam a dinâmica das relações humanas e da estrutura da personalidade (ELIAS, 2011, p.119).

Ao centrar sua atenção na transformação do comportamento humano gerado pelo processo de modernização, Elias observou que uma das características da subjetividade moderna e civilizada é o autocontrole.

Na França do século XVII, na passagem da cortesia medieval para a *civilité*, característica da civilização, há a complexificação das funções sociais e o aumento da interdependência das pessoas, que é acompanhada de transformações no comportamento humano. Dentre as quais, Elias destaca a substituição de uma visão maniqueísta e mais simplista, baseada na dicotomia bom versus mau, por outra na qual os indivíduos passaram a encarar a vida com mais diferenciação, o que exigia o controle das emoções (ELIAS, 2011, p.80). O indivíduo é, então, obrigado a estar cada vez mais atento aos seus movimentos e aos dos outros. Há uma exigência enfática do bom comportamento com o intuito de ser aceito no grupo e não ser excluído. Segundo Elias, é observado o surgimento de novas formas de relação de integração em que há o aumento do auto-controle e do controle pelos outros, o qual passa a ser internalizado pelo adestramento e pela repressão, uma das condições do processo civilizador segundo Freud. O que se quer dizer é simplesmente que a civilização baseia-se nas repressões efetuadas por gerações anteriores e que se exige de cada nova geração que mantenha essa civilização efetuando as mesmas repressões (FREUD, 1978, p.77).

A formação do Estado moderno é seguida pelo processo civilizatório, no qual há, segundo Elias (2011), uma reorganização do tecido social. O aumento da diferenciação das funções é acompanhado da maior interdependência social entre os indivíduos, que como ressaltamos pressupõe voltar à atenção para si e, sobretudo, para o outro, envolvidas, por exemplo, no manejar adequadamente uma faca à mesa e na maneira de expor as partes do corpo em público de modo a evitar a vergonha e a desconsideração. É observada também a estabilidade dos órgãos centrais da sociedade, a monopolização do uso da força física pelo Estado e a autonomização das esferas pública e privada. O homem civilizado e moderno é aquele dotado de

autocontrole na esfera pública e portador de direitos e deveres em meio a uma convivência social que preza a civilidade e os valores como a democracia.

Conforme destacou Elias (2011):

O conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitação ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à formação da punição determinada pelo poder judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando nada há que não possa ser feito de forma civilizada ou incivilizada. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização (ELIAS, 2011. p.23).

Por outro lado, Oliveira e Oliveira (2012) analisando a obra de Norbert Elias, em *O Processo Civilizador*, exemplificam o conceito de civilização de outra maneira:

Leva-nos a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade ocidental contemporânea fosse, de repente, transportado para uma época remota, tal como o período medievo-feudal. Possivelmente descobriria nele hábitos e modos que julga selvagem ou incivilizado em sociedades da atualidade. Tais hábitos, diferentes dos seus, não condizem com a forma como foi educado, por isso os homens os abominariam. É possível que encontrasse um modo de vida muito diferente do seu, alguns hábitos e costumes lhe seriam atraentes, convenientes e aceitáveis segundo seu ponto de vista, enquanto poderia considerar outros inadequados. Estaria diante de uma sociedade que, para ele, não seria civilizada. Para este homem, civilizados são os costumes do seu tempo, de seu povo, de sua terra. Aqueles hábitos que sua sociedade abomina é que seriam considerados incivilizados, isto é, as pessoas que os praticaram, não foram educadas, refinadas para a sociedade daquele homem (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2012, p.2).

Considerando que o processo civilizador altera as relações do indivíduo e entre os indivíduos e desses indivíduos com os espaços em que ocorrem tendo em mente uma sociabilidade do autocontrole, pode ser considerado que, de certa forma, o processo civilizatório implica em hospitalidade. Já que, no decorrer da Modernidade, o bem receber e o acolher o outro são exigências de uma boa convivência social e a sua negação pode ser um símbolo de um conflito.

As abordagens contemporâneas para o termo hospitalidade foram destacadas por Camargo (2011):

Aquela que considera hospitalidade apenas quando exercida gratuitamente e assim excluí a recepção turística, privilegiando as populações de migrantes, perspectivas dominantes nos países francófonos, também difundida no Brasil; aquela que reduz a hospitalidade ao turismo, centrando-se nos aspectos da gestão hoteleira, perspectiva originária da América anglófona e que conta com representantes em diferentes países, inclusive no Brasil; a terceira, do Reino Unido, que também inspira estudos entre nós, que se coloca de forma equidistante das duas anteriores, privilegiando a abordagem, mas igualmente focada na gestão (CAMARGO, 2011, p.14).

O termo hospitalidade é utilizado, também, desde as antigas civilizações e, muitas vezes, associado à religião (WADA, 2003). Nesse sentido, Camargo (2004) afirmou que:

As religiões são, assim, as maiores fontes de mitos sobre a hospitalidade que, de alguma forma, tentam contrapor-se eticamente aos mitos profanos sobre a hostilidade latente nos ritos de hospitalidade (CAMARGO, 2004, p.32).

Para entender o que é a hospitalidade é interessante considerar a influência de Marcel Mauss, que foi um importante antropólogo francês, em sua obra clássica de 1924, O Ensaio sobre a Dádiva e o Dom, que considerou que o ato de dar, receber e retribuir ocorre de forma genuína, sem que haja um valor mercantil para a ação, a ação é desprovida de qualquer interesse (GODBOUT, 1998).

Gotman (2011) considerou que:

A ruptura operada por Mauss em seu “Ensaio sobre a dádiva” está em ter considerado esse gesto aparentemente individual como um fenômeno coletivo e como um fato social com força de obrigação, mas que o indivíduo se diz livre para cumprir, diante do qual ele reivindica até fortemente a liberdade de ação (GOTMAN, 2011, p.73).

Aliás, nesse sentido, Camargo (2004, p. 39) afirmou que o conceito de hospitalidade foi o mote da revisão e da recuperação da importância dos estudos de Marcel Mauss e considerou que:

Dar, receber e retribuir são também os três deveres que ele entendeu como uma chave explicativa das relações sociais nas sociedades arcaicas. O contato humano não se estabelece como uma troca, como um contrato. Começa como uma dádiva que parte de alguém. A

retribuição é uma nova dádiva que implica um novo receber e retribuir, gerando dons e contradons, num processo sem fim (CAMARGO, 2004, p.16).

Além disso, ainda, de acordo com Camargo (2004) existem duas escolas de estudo da hospitalidade:

A francesa, que se interessa apenas pela hospitalidade pública que tem na matriz maussiana do dar-receber-retribuir a sua base, ignorando a hospitalidade comercial; e a americana, que passa ao largo dessa matriz e para qual tudo acontece como se da antiga hospitalidade restasse apenas sua atual versão comercial, baseada no contrato e na troca estabelecidos por agências de viagens, operadoras, transportadoras e por hotéis e restaurantes (CAMARGO, 2004, p.4).

Dessa forma, Grassi (2011), da escola francesa, considerou que:

A hospitalidade se apresenta como uma ponte frágil e perigosa estabelecida entre dois mundos: o exterior e o interior, o fora e o dentro. Tentativa de igualização, de nivelamento, seu desafio é a ultrapassagem, a abolição dos espaços, a penetração dos territórios, a admissão. Ontem como hoje, as modalidades dessa ultrapassagem se colocam sob o signo da ambiguidade (GRASSI, 2011, p.45).

Para complementar a autora escreveu, também, sobre o significado das palavras: *Hospitalitas*, que, por sua vez, é originada do substantivo *hospitalis*, que é derivada de *hospes*, aquele que recebe o outro.

Chon; Sparrowe (2003, p.3), da escola americana, consideraram que a hospitalidade surgiu das viagens dos sumérios, desde 3.000 a.C., na Mesopotâmia, que vendiam grãos e precisavam de abrigo, comida e bebida e os indivíduos empreendedores estabeleceram as condições para atender essas necessidades.

Consideraram a hospitalidade como uma indústria, que:

[...] Compreende uma grande variedade de negócios, todos dedicados a prestar serviços a pessoas que estão longe de suas casas; hoje, como no passado, os principais componentes da indústria são aqueles que satisfazem a necessidade de abrigo e acomodação e aqueles que fornecem alimentos e bebidas a seus clientes (CHON; SPARROWE, 2003, p.3).

Além das considerações das escolas francesa e americana, como um dos representantes da escola inglesa, Lashley (2004) afirmou que há necessidade de uma definição ampla, que permita a análise das atividades relacionadas com a

hospitalidade nos domínios social, privado e comercial; cada um desses domínios representa um aspecto da oferta de hospitalidade.

Especificamente, a cada um desses domínios, considerou que:

O domínio social da hospitalidade considera os cenários sociais em que a hospitalidade e os atos ligados à condição de hospitalidade ocorrem junto com os impactos de forças sociais sobre a produção e o consumo de alimentos, bebidas e acomodação. O domínio privado considera o âmbito das questões associadas à oferta da trindade no lar, assim como leva em consideração o impacto do relacionamento entre anfitrião e hóspede. O domínio comercial diz respeito à oferta de hospitalidade enquanto atividade econômica e inclui as atividades dos setores tanto privado quanto público (LASHLEY, 2004, p.5 e 6).

Lashley (2004) afirmou que no domínio social é essencial estudar as atividades de hospitalidade no contexto social em que estão inseridas. Escreveu, ainda, que Heal (1990, p.2) formulou uma importante questão genérica: “embora a hospitalidade fosse muitas vezes expressa em uma série de ações privadas e por um anfitrião particular, ela era articulada com base em uma matriz de crenças partilhadas e publicamente articuladas”.

Nas sociedades pré-industriais a hospitalidade era centralizada nos sistemas de valores pessoais (HEAL, 1990 apud LASHLEY, 2004, p.1) “[...] a hospitalidade predominantemente, uma forma privada de comportamento, exercida como uma questão de gosto pessoal, dentro de um limitado círculo de amizade e relação”. Nas sociedades pré-industriais contemporâneas e em períodos históricos anteriores às sociedades ocidentais desenvolvidas a hospitalidade tinha conotação moral e era mais do que uma questão individual estava relacionada à natureza da sociedade e à ordem natural das coisas, mas as falhas eram socialmente condenáveis (LASHLEY, 2004).

O estudo do domínio social da hospitalidade proporciona interessantes perspectivas teóricas, por meio das quais é estabelecido o entendimento das atividades que abrangem a indústria da hospitalidade. Evidentemente parte do entendimento atual é estabelecida pelos conceitos econômicos. É possível melhorá-lo mediante análise da hospitalidade por perspectivas sociológicas, antropológicas e históricas. As idéias em vigor, relativas à hospitalidade e ao consumo de produtos e serviços, relacionados com a hospitalidade podem, então, serem fixadas em confronto com períodos históricos e situações sociais do passado (LASHLEY, 2004).

Ao considerar a hospitalidade no domínio privado Lashley afirmou que o espaço doméstico e privado, envolvendo basicamente a família nuclear, proporciona um foro chave para o aprendizado social a respeito das atividades de hospitalidade (LASHLEY, 2004, p.14).

Nesse caso, o autor faz uma analogia entre o espaço privado, o doméstico e o comercial ao afirmar que, embora predomine a troca comercial e mercadológica entre o receptor e o fornecedor da hospitalidade, no ambiente doméstico as partes interessadas desempenham papéis que ultrapassam o relacionamento comercial, embora, considere, também, que há exceção.

A respeito da hospitalidade no domínio comercial, Lashley (2004) considerou que nesse tipo de hospitalidade predomina a aplicação comercial, em detrimento dos outros domínios. Enfatiza, ainda, sobre a liberdade de ação do indivíduo, que é diferente daquela do domínio social, em que são criados vínculos de relacionamento, como pode ser verificado na seguinte afirmação:

O relacionamento movido comercial e mercadologicamente que permite ao cliente uma liberdade de ação que o indivíduo não poderia sonhar em demandar num ambiente doméstico é um dos benefícios asseverados pela indústria da hospitalidade (LASHLEY, 2004, p.17).

A oferta de hospitalidade comercial depende da reciprocidade com base na troca monetária e dos limites da concessão de satisfação aos hóspedes que, no fim, causam impacto sobre a natureza da conduta hospitaleira e da experiência da hospitalidade. Tanto o anfitrião quanto o hóspede entram em uma conjuntura de hospitalidade com reduzido senso de reciprocidade e obrigação mútua; [...] a troca financeira isenta o hóspede da obrigação mútua e da lealdade (LASHLEY, 2004, p.18 e 19).

Não há uma única definição de hospitalidade, pois é uma área do conhecimento que possibilita seu entendimento em várias dimensões. Para esse entendimento é importante destacar o fato de que, geralmente, está relacionada com as relações entre os indivíduos como, por exemplo, a que se estabelece entre o hóspede e o anfitrião.

Por outro lado, Lashley (2004) considerou que há necessidade de uma definição ampla, que permita a análise das atividades relacionadas com a hospitalidade nos domínios social, privado e comercial. As variações das definições de hospitalidade dependem da dimensão social em que se inserem.

No sentido geral, a hospitalidade pode ser definida como “ato humano exercido em um contexto doméstico, público e profissional de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural” (CAMARGO, 2004, p.52).

No contexto público, a hospitalidade foi definida por Camargo (2004) como o direito de ir e vir e, em consequência, de ser atendido em suas expectativas de interação humana, podendo ser entendida tanto no cotidiano da vida urbana, que privilegia os residentes, como na dimensão turística e na dimensão política mais ampla.

É importante lembrar que, segundo Salles (2008) a hospitalidade não é apenas uma metáfora para designar formas genéricas ou diferenciadas de acolhimento. É um processo que se refere às relações sociais concretas que se desenrolam e se relacionam com a história, a cultura e as sociedades.

A opinião de Gotman (2001) pode ser considerada ampla, abrangente: A hospitalidade é um processo de agregação do outro à comunidade e a inospitalidade é o processo inverso.

É importante destacar, também, que a hospitalidade não se refere apenas a relação entre as pessoas, mas, também, entre as pessoas e os lugares. A cidade pode ser considerada como um lugar de hospitalidade. Nesse sentido, pode ser destacada a afirmação de Baptista que:

Considerou como lugares de hospitalidade os lugares de urbanidade, de cortesia cívica, de responsabilidade e de bondade. São lugares nossos que convidam à entrada do outro numa oferta de acolhimento, refúgio, alimento, ajuda ou conforto (BAPTISTA, 2008, p.6).

O uso da expressão hospitalidade urbana não significa, necessariamente, relação com as condições específicas de vida da cidade, mas, sim para um traço de carácter humano essencial que transcende qualquer inscrição territorial ou comunitária (BAPTISTA, 2008).

Por outro lado, Grinover (2009) considerou que a prática da hospitalidade na cidade está condicionada pelas infraestruturas presentes e suas normas de utilização; considerou, ainda, que a hospitalidade clássica, no sentido histórico do termo, consistia em satisfazer as necessidades básicas e as necessidades de segurança e,

em certos casos, de reconforto e de afeto de pessoas, se deslocando, por meio de uma relação gratuita.

A teoria de Norbert Elias sobre o processo civilizador, apesar de não abordar diretamente a hospitalidade, possibilitou a percepção das características das cidades, que são os locais em que existem as relações de hospitalidade e, nesse caso, o propósito foi associar as características da cidade de Piracicaba com a hospitalidade e a Festa das Nações de Piracicaba.

2 TRADIÇÃO DA FESTA

2.1 A Origem e a Organização da Festa das Nações de Piracicaba

O calendário oficial de festas da cidade de Piracicaba inclui festas como a do Divino Espírito Santo, que é mais antiga da cidade e é realizada anualmente desde 1826 (Figura 5), a de São João de Tupi que existe desde 1934 e outras recentes como, a Festa da Polenta de Santa Olímpia que realizada há 18 anos, a Festa do Milho Verde de Tanquinho, a do Peixe e da Cachaça, a Festa das Nações de Piracicaba que é realizadada anualmente desde 1983 e outras.



Figura 5. Festa do Divino Espírito Santo, Complexo Turístico da Rua do Porto, Piracicaba, SP. (Fonte: Portal da Seresta, 2012).

A Festa das Nações de Piracicaba foi criada em 1983 e concomitantemente foi criado o Fundo Social de Solidariedade de Piracicaba (FUSSP). A festa foi criada como uma atividade filantrópica, para angariar recursos financeiros para entidades sociais de Piracicaba e na festa cada entidade representa um país ou uma região

brasileira e o principal foco é a Gastronomia, representada pela culinária desses países, regiões e continente.

Dessa forma, para cada país ou região foi criado um espaço, denominado barraca, destinado à venda de comida e de bebidas típicas. Além das barracas, outros serviços, essenciais para a realização da festa como, por exemplo, a venda de ingresso para o acesso à festa (bilheteria) e o estacionamento de veículos foram atribuídos, também, às entidades assistenciais. A organização, o planejamento e a execução das atividades de cada barraca, antes e durante a festa, estão baseados no trabalho voluntário das pessoas relacionadas às entidades assistenciais, da comunidade piracicabana e da prefeitura de Piracicaba. Assim, as principais fontes de renda geradas com a realização da festa são a venda de comida e de bebidas, de ingressos, do local para o estacionamento e outras ações paralelas.

A Festa das Nações de Piracicaba foi criada em um momento em que a situação econômica e social brasileira dos anos 80, entre outros fatores, gerou para as organizações não governamentais, que atuavam em Piracicaba, dificuldades para captar recursos e que estavam comprometendo, negativamente, o atendimento às pessoas que dependiam dessas organizações (CRUZ FILHO, 2014).

Nessa época, no final de 1983, a primeira dama do município de Piracicaba, Rosa Maria Bologna Maluf, representante do Movimento de Promoção Humana (MPH) da cidade, que originaria o Fundo Social de Solidariedade de Piracicaba (FUSSP), foi convocada pela primeira dama do governo estadual, Lucy Montoro, para comandar na cidade uma campanha de arrecadação de cestas básicas para os desempregados. Essa ação requereu habilidade de articulação com sindicatos, empresas, igrejas e lideranças populares, para definir os beneficiários, não gerar descontentamentos, evitar o uso político dessa ação e injustiças. Houve a identificação dos canais de comunicação com os centros comunitários locais, facilitando o diálogo e a identificação dos bolsões de miséria e o envolvimento da sociedade.

Paralelamente, a senhora Lucy Montoro desenvolveu o conceito de Fundo Social de Solidariedade de Piracicaba, institucionalizando o trabalho de assistência, porque, até então, para a atuação nesse setor não estavam estabelecidos a forma de obtenção de recursos financeiros e nem o financiamento de projetos. Houve o fortalecimento de uma rede de colaboração, em função da possibilidade do poder público local atuar junto aos movimentos sociais, ampliando o diálogo, o envio de

projetos para o Estado e para a União e estabelecer contato com os empresários e a sociedade civil organizada.

A rede criada por Lucy Montoro apoiou projetos em todos os municípios. As propostas das entidades eram apresentadas e se aprovadas recebiam o dinheiro. Mesmo assim, a maioria tinha dificuldade para obter recursos, apenas as entidades estruturadas mantinham parcerias com órgãos oficiais, que possibilitavam o desenvolvimento dos trabalhos sociais durante todo o ano. Além disso, a colaboração de doadores sempre complementou as verbas necessárias para a manutenção dessas entidades. Por outro lado, o FUSSP mesmo não dispondo de recursos financeiros próprios atuava propondo alternativas de ações conjuntas, viáveis localmente. Na prática, foi o início do processo de municipalização do serviço de assistência social, em que as prefeituras seriam as principais responsáveis pela manutenção das atividades das entidades parceiras.

O Centro de Obras Sociais de Piracicaba (CEOSP) que congregava todas as entidades sociais, já era um facilitador das relações entre as entidades mas, por questões legais, não era um representante do grupo, função que o FUSSP assumiu perante todas as entidades devidamente regularizadas. Sendo assim, houve a aproximação entre o governo municipal e o CEOSP o que ajudou a recuperar os ânimos. A partir dessa fase, a senhora Rosa Maluf iniciou a avaliação de projetos e um deles foi o da Festa das Nações de Piracicaba.

Antes dessa proposta, há registros de que o Lions Clube de Piracicaba-Leste, a Associações de Pais e Mestres e a Coordenadoria de Turismo (COOTUR) organizaram duas festas das nações no pátio do colégio Mello Ayres, em 1978 e em 1979. Havia cinco barracas, representando algumas escolas estaduais de Piracicaba como Mello Ayres (brasileira), Mello Cotrim (italiana), Dario Brasil (alemã), José Romão (sírio-libanesa) e Sociedade Beneficente Amigos do Bairro São Dimas (portuguesa), evento que, na ocasião, não envolveu toda a cidade.

Assim, no final de 1983, Rosa Maluf recebeu três representantes da sociedade piracicabana (Diva Molinari, Eunice Aversa e Irene Corazza) que propuseram a realização de uma festa das nações para obter recursos financeiros para as entidades assistenciais de Piracicaba. Então, Rosa Maluf decidiu formalizar uma consulta oficial sobre a viabilidade da realização desse evento às entidades ligadas ao CEOSP.

Várias cidades da região já realizavam esse tipo de festa, como é o caso da cidade de Rio Claro nos anos 40. Mas nenhuma tinha organização suficiente para

constituir política de governo e suprir as necessidades sociais, como o que se esperava em Piracicaba, pois isso exigiria estratégia diferenciada. Para a realização dessa festa era essencial a adesão das entidades sociais para que houvesse o atendimento dos beneficiários diretos. Em janeiro de 1983 o CEOSP confirmou o interesse das entidades, especialmente das que tinham organização e competência compatíveis para programar a festa e condições de estabelecer essa atividade sócio cultural na cidade de Piracicaba, com função beneficente. Em função da natureza da festa, foram contatadas as entidades que representavam as Colônias de Imigrantes do Estado de São Paulo, para conhecer as tradições e a cultura dos vários países, especialmente as comidas típicas, as danças e os costumes.

De acordo com Cruz Filho:

A Festa das Nações de Piracicaba é fruto dessa realidade. Um projeto social criativo, construído coletivamente e que superou as barreiras políticas e partidárias, os interesses antagônicos e alcançou êxito. Aspecto curioso é que foi colocado à prova em um momento propício às inovações, no que diz respeito a parcerias entre o poder público e a sociedade civil. Graças à habilidade dos agentes, que se arriscaram no empreendimento, a iniciativa consolidou-se, mesmo face às adversidades. Uma somatória de oportunidade, determinação e uma pitada de sorte” (CRUZ FILHO, 2014, p.11).

Dessa forma, a primeira Festa das Nações de Piracicaba foi em maio de 1984 e essa festa é realizada anualmente até os dias atuais, ou seja, são 31 anos desse evento em Piracicaba. É fundamental ressaltar que essa festa foi criada para gerar recursos financeiros para as obras sociais de Piracicaba, com o apoio da Prefeitura Municipal e as Secretarias Municipais, como a de Turismo e outras e mantém ainda essa forma de atuação.

As primeiras festas, de 1984 até 1990, foram realizadas no Lar Franciscano de Menores, cuja infraestrutura foi parcialmente adaptada pela Prefeitura Municipal de Piracicaba, para atender as pessoas que trabalhavam na organização do evento e o público. Na primeira festa, em 1984, tinha 13 barracas, representando 23 entidades assistenciais.

Cruz Filho (2014) considerou que “na terceira festa predominou no discurso o conceito de tradição, pois o evento era tido como fenômeno consolidado. O evento passou a integrar o calendário turístico da Associação dos Grupos Folclóricos da Sociedade dos Imigrantes de São Paulo”.

A expectativa de público para terceira festa era de 10.000 a 15.000 pessoas por dia ou entre 40.000 e 60.000 pessoas nos quatro dias de festa.

O ano de 1991 foi um marco para essa festa que era realizada no Lar Franciscano de Menores e foi transferida para outro local, com área de 75.000 metros quadrados, que é o Engenho Central. Esse local foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC) em 1989. Assim, desde 1991 a Festa das Nações é realizada no Engenho Central.

Para a utilização do Engenho Central foram feitas adequações de infraestrutura geral, tais como saneamento básico, energia elétrica, acessos, estacionamentos e adequação dos barracões, que são utilizados pelas entidades. Como resultados houve aumento do número de entidades sociais participantes, de palcos, das atividades culturais e da participação dos patrocinadores, mas o principal foi a realização da festa em um espaço histórico, às margens do rio Piracicaba, agregando valor à festa (MACHADO, 2013, p.18).

Outro resultado relacionado à mudança de local foi a possibilidade de preparar as comidas no próprio local da festa, uma vez que, no Lar Franciscano de Menores não havia infraestrutura que possibilitasse o preparo das comidas.

Além disso, o espaço do Engenho Central, que tem área total 75.000 metros quadrados e 12.000 metros quadrados de área construída, ampliou a possibilidade de expansão da festa em todos os sentidos, o estacionamento, as vias de acesso e a circulação de pessoas, os espaços para as barracas, para os expositores e para os palcos e as demais infraestruturas.

Dessa forma, a mudança de local alterou a expectativa de público que participa da festa; assim, no ano de 1991, a previsão estimada de público era de 150.000 pessoas, o que representaria três vezes o público das festas dos anos anteriores; no entanto, participaram 100.000 pessoas, mas, assim mesmo, o número de pessoas que participou foi superior ao ano anterior, número mantido até 2014.

Para a festa, em 2014, foi utilizada 90% da área do Engenho Central. São preparadas mais de 200 tendas, equivalente a 10 mil metros quadrados, para completar o espaço dos restaurantes e os 100 estandes de exposição para as empresas. Todas as cozinhas das barracas têm o mesmo padrão com equipamentos profissionais básicos, para evitar imprevistos e eventuais acidentes. Nas proximidades dos pontos de atendimento são colocados 100 banheiros químicos, para complementar os banheiros fixos e favorecer a utilização pelo público, geralmente de

100 mil pessoas. Trabalham na festa uma média de 7.000 voluntários. São disponibilizadas 4.500 vagas de veículos, o que gera uma rotatividade aproximada de 15 mil carros nos sábados e domingos. O sistema de segurança é eletrônico, composto por central de monitoramento e 12 câmeras distribuídas pelo recinto da festa, com três geradores e o controle de acesso através de catracas eletrônicas.

A Festa das Nações de Piracicaba é um evento consolidado, há o comprometimento de empresas e de grupos de pessoas da cidade para a organização e a realização da festa, a população apoia esse evento, apoio evidente pela sucessão de gerações que frequenta a cada ano a festa. A renda da Festa das Nações possibilita manter os projetos das entidades sociais por alguns meses do ano. É fundamental ressaltar que as pessoas que trabalham na festa são voluntários.

A primeira Festa das Nações de Piracicaba, em 1984, teve 13 barracas que representaram 23 entidades, em 2013 ao completar 30 anos, tinha 19 barracas, que representaram 21 entidades sociais, 7.000 voluntários e público de 90.000 pessoas.

Em 2014, o tema da 31ª Festa das Nações de Piracicaba foi “A copa do mundo na solidariedade e gastronomia na construção de um mundo melhor”, o cartaz dessa edição da festa está representado na Figura 6. O significado desse cartaz segundo seus criadores representa:

A concepção retrata um passaporte de cidadão do mundo, aquele viajante que passa por várias nações e tem em seu documento de viagem registro de todas elas. Em um fundo amarelo, que representa a alegria da festa e chama a atenção de todos para a solidariedade, estão ilustrados carimbos do Brasil, França, Alemanha, Piracicaba, Holanda, Coreia do Sul, África, Nova Zelândia, Estados Unidos, México, Espanha, Itália, Nações Árabes, Japão, Portugal e Café das Nações, com ícones que remetem a cada localidade, todas presentes no evento da solidariedade piracicabana onde o público também se sente um cidadão do mundo ao conhecer a gastronomia e os costumes desses lugares (SOUZA, 2014).



Figura 6. Cartaz alusivo à Festa das Nações de Piracicaba do ano de 2014. (Fonte: Guia Turístico de Piracicaba, 2014).

A Festa das Nações de Piracicaba de 2014 foi organizada em conjunto com 21 entidades que representaram 19 barracas, as duas entidades restantes têm como atividades a bilheteria e o estacionamento de veículos. Nas figuras 7 e 8 estão representados os cartazes de 2014 alusivos a esses dois serviços - a bilheteria que é da entidade PASCA – Pastoral do Serviço de Caridade (Figura 7), desde 1988, e o estacionamento que é da Casa do Bom Menino (Figura 8), desde a primeira festa em 1984.



Figura 7. Cartaz alusivo à bilheteria da Festa das Nações de Piracicaba do ano de 2014, serviço da PASCA – Pastoral do Serviço de Caridade. (Fonte: Guia Turístico de Piracicaba, 2014).



Figura 8. Cartaz alusivo ao estacionamento da Festa das Nações de Piracicaba do ano de 2014, serviço da Casa do Bom Menino. (Fonte: Guia Turístico de Piracicaba, 2014).

Na festa as barracas as entidades assistenciais são representadas por alguns países, algumas regiões brasileiras e um continente (África); a atuação de cada entidade está relacionada aos diferentes segmentos da sociedade que requerem assistência complementar (Arraso, 2014). Na maioria dos casos não há relação entre a entidade assistencial e o país ou a região que representa nessa festa. O lucro obtido, da venda de comidas e de bebidas durante a festa, é uma das fontes de renda para a manutenção dessas entidades ao longo do ano.

A barraca África é representada pela entidade Auma – Associação de Pais e Amigos dos Autistas de Piracicaba, fundada em 1999. Essa instituição tem como missão inserir o autista na sociedade e apoiar a família dos assistidos.

O Lyons Clube de Piracicaba Independência é o responsável pela barraca da Alemanha, instituído em 1972 e fundou as primeiras escolas de balé e de braille. Uma de suas funções consiste na conscientização da população para a doação de sangue e participa das coletas de sangue para o abastecimento e manutenção do banco de sangue do hemonúcleo de Piracicaba. Atua também visando o bem estar das pessoas, a proteção do meio ambiente e estimula a prática da cidadania e a conscientizar as pessoas sobre a importância do trabalho voluntário, colabora, ainda, com outras entidades.

A APASP – Associação de Pais e Amigos de Surdos de Piracicaba, que representa a barraca Brasil Nordeste, atua, faz mais de 30 anos, no atendimento especializado e interdisciplinar de crianças e adolescentes carentes, até os 18 anos. Trabalha, também, com as famílias, na integração social dos assistidos e promove cursos de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para os pais e as demais pessoas que convivem com o assistido.

A barraca Brasil Norte é representada pelo Berçário Antonia Sturion e a Creche Branca de Azevedo, instituição criada em 1944. Atua no atendimento de crianças carentes, de 2 a 5 anos, com orientação pedagógica, psicológica, médica, odontológica, nutricional e assistência social. As crianças permanecem nessas instituições durante os dias da semana e em período integral.

O Instituto Formar de Aprendizagem Profissional, responsável pela barraca Brasil Sudeste, atua com jovens, de 12 a 18 anos, em situação considerada vulnerável socialmente, qualificando esses jovens na área de administração e promovendo a integração do jovem ao trabalho em empresas, além de projetos na área cultural como, por exemplo, banda musical e grupo de teatro.

A barraca Brasil Sul é representada pelo Espaço Pipa Associação Síndrome de Down, fundada nos anos oitenta, instituição que atua atendendo pessoas com essa síndrome, sem limite de idade. Tem atendimento terapêutico, atividades relacionadas ao esporte, à cultura e ao lazer, à escolarização e à inserção no trabalho, além do apoio para a família e outras maneiras de inclusão do assistido na sociedade.

A Escola de Mães Professora Branca Motta de Toledo Sacks, existe em Piracicaba faz 74 anos, tem a barraca Café das Nações. É uma instituição decorrente de um projeto administrado pelo Lyons Clube Piracicaba Leste, que tem atendimento às mães e aos respectivos bebês, com ações que auxiliam o desenvolvimento humano e familiar, oferecendo serviço profissional da área de saúde e jurídica e acompanhamento pré natal.

A barraca da Córrea do Sul é representada pelo CRAMI - Centro Regional de Registros e Atenção aos Maus Tratos na Infância, que há 27 anos atua em Piracicaba e tem atendimento psicológico e estrutural para crianças e adolescentes, vítimas da violência doméstica e sexual. Além disso, essa instituição promove palestras sócioeducativas, oficinas temáticas, plantão de orientação e outras atividades relacionadas ao tema.

A Creche Marshlea Dawsey, fundada em 1985, é parte da Associação Metodista de Ação Social, tem a barraca da Espanha. Essa instituição atende as famílias carentes de bairros periféricos, tem ações socioeducativas com as crianças, de 2 a 5 anos, e seus familiares, por meio de atividades pedagógicas e físicas; oferece também as refeições.

A barraca dos Estados Unidos é representada pela AAEPE – Associação Atletica Educando pelo Esporte, fundada para tirar o jovem da rua e inseri-lo na sociedade, atende crianças e jovens, de 6 a 17 anos. Oferece atividades esportivas com a finalidade de favorecer a qualidade de vida, de forma complementar ao que é oferecido na escola, e esses serviços são oferecidos também para os familiares.

A Casa do Amor Fraternal – CAF representa a barraca da França. Essa entidade foi fundada em 1995 e atua com crianças e jovens, de 7 a 18 anos, em situação de vulnerabilidade social, para manter os vínculos familiares e sociais, essa entidade promove oficinas de reciclagem, dança, teatro, costura, artes marciais, educação ambiental, desenho e brinquedoteca. Oferece, também, serviços de atendimento médico e odontológico.

O Centro de Reabilitação de Piracicaba – CRP é o responsável pela barraca da Holanda. Essa instituição oferece atendimento para pessoas que têm necessidades especiais, relacionado às áreas terapêutica, educacional e profissionalizante, com a finalidade de inserir o assistido na sociedade.

A barraca da Itália é representada pela Savire – Sociedade Amigos da Vila Rezende, mantenedora da Creche Ada Dedini Ometto, fundada em 1970. Atua com crianças, de quatro meses a 13 anos, com atendimento assistencial e educacional, em período integral. Apoia, também, grupos da comunidade como AA – Alcoólicos Anônimos, Alanon – Grupo de Auxílio à Família, o NA – Narcóticos Anônimos e as famílias dos assistidos.

Uma única entidade atende às pessoas com problemas de visão, que é a AVISTAR – Assistência aos Portadores de Necessidades Especiais – Visão, e que é responsável pela barraca do Japão. Essa entidade, fundada em 2005, atende adultos e crianças e visa habilitar e reabilitar o deficiente visual. Dispõe de atendimento psicológico, de uma equipe de especialistas para ministrar aulas direcionadas, como a orientação e a mobilidade e a alfabetização em Braille, e tem os cursos de capacitação, para inserção do indivíduo no mercado de trabalho e nas atividades físicas.

A barraca da Nova Zelândia é representada pela FUNJAPE – Fundação Jaime Pereira de Prevenção e Diagnóstico Precoce do Câncer, entidade fundada em 2001, tem por finalidade a proteção social básica às famílias e aos indivíduos com câncer. Atua com crianças e adolescentes e a família dos assistidos oferecendo atendimento psicológico, palestras, alimentos, transportes, medicamentos e outros materiais e equipamentos relacionados ao tratamento dessa doença.

A União Espírita de Piracicaba, entidade fundada em 1942, é responsável pela barraca do México, auxilia a comunidade em ações de assistência e orientação para a família e para os idosos, promove cursos para gestantes, atua no atendimento fraternal, que é relacionado às visitas aos hospitais e às residências.

A barraca dos Países Árabes é representada pelo CESAC – Centro Social de Assistência e Cultura da Paróquia de São José, entidade, fundada em 1967, baseada na integração de atividades entre a comunidade e a religiosidade. Atua em diversos bairros auxiliando as famílias em situação de vulnerabilidade social. Em projetos em conjunto com a prefeitura proporciona atividades de conhecimento e desenvolvimento

de habilidades motoras, intelectuais, afetivas, sociais e produtivas, com possibilidade de geração de renda. Mantém, também, uma creche para crianças de 2 a 5 anos.

A Pastoral da Criança - Diocese de Piracicaba, entidade da Igreja Católica, fundada em 1987, é responsável pela barraca Piracicaba e atua no recrutamento e na capacitação de indivíduos, para a orientação da gestante e de crianças de até 6 anos. Age, também, em bairros da periferia em projetos nas áreas da saúde, da educação, alimentar e da música.

A barraca de Portugal é representada pelo CEAME – Serviço de Apoio ao Adolescente com Medida Sócio Educativa, fundada em 1983 pelo bispo da Diocese de Piracicaba. Atua na socialização de jovens infratores, promovendo a reinserção ao convívio social, por meio de assistência psicológica do assistido e de familiares e direcionamento do assistido para escola e cursos profissionalizantes.

A bilheteria de acesso à festa é representada pela PASCA – Pastoral do Serviço da Caridade, entidade da Diocese de Piracicaba, fundada em 1988. Auta no atendimento de crianças da periferia, de 6 a 8 anos, em complemento às atividades escolar e da família. Mantém banco de medicamentos, apoia o CEAME e tem, também, serviço de acolhimento para as crianças afastadas da família por determinação judicial.

O estacionamento de veículos é representado pela Casa do Bom Menino, fundada em 1972, acolhe meninos e meninas em situação de risco, de até 18 anos, oferecendo moradia, alimentação, educação e orientação para a formação profissional.

Essas entidades assistenciais, os serviços disponibilizados por essas entidades, a ação dos voluntários que trabalham gratuitamente, o apoio e a participação da Prefeitura Municipal de Piracicaba, de outras instituições e empresas são a essência da festa.

A Festa das Nações de Piracicaba foi realizada, entre 1984 e 1990, no Lar Franciscano de Menores, e desde 1991 é realizada no Engenho Central e, em função disso a maior parte da infraestrutura do local está estabelecida. A festa é realizada anualmente no mês de maio, em uma única semana de quarta-feira até o domingo.

Para o planejamento, a organização e a realização dessa festa estão envolvidos, a Prefeitura Municipal de Piracicaba, por meio da Secretaria de Turismo e o Fundo Social de Solidariedade de Piracicaba, as entidades assistenciais de Piracicaba, os voluntários, as empresas e os demais setores públicos e particulares.

O que proporcionou o início da Festa das Nações de Piracicaba foi a atuação das pessoas relacionadas ao Fundo Social de Solidariedade de Piracicaba, a partir da sugestão de pessoas de uma entidade assistencial, que até hoje participa efetivamente para a realização dessa festa.

Por essa festa ser realizada desde 1984 e a partir da definição do local da festa no Engenho Central em 1991, as ações relacionadas a essa festa têm atualmente cunho profissional. Assim, a estrutura física básica, para o funcionamento das barracas e o espaço da festa em geral, como a parte elétrica, a hidráulica, o saneamento, a organização do trânsito, a segurança do trabalho e do público e outras atividades relacionadas a um evento público são funções primárias da prefeitura, que cede, gratuitamente, o espaço do Engenho Central para a realização da festa. Inclusive as áreas das barracas, onde estão as cozinhas, são inspecionadas pelos bombeiros para evitar qualquer tipo de acidente.

Existem comissões que foram organizadas e constituídas por pessoas de cada entidade assistencial e comissões gerais, inclusive com a participação de funcionários da prefeitura para definir as diferentes ações para a festa. Por exemplo, em relação aos cardápios de cada barraca, são avaliados o que será servido, o tamanho da porção, o preço de venda e outros assuntos são decididos em conjunto por essas comissões, para que não haja concorrência entre as barracas e favoreça a venda dos produtos de cada uma delas.

As entidades assistenciais são as responsáveis por providenciar os equipamentos e os materiais para a produção das comidas, além da aquisição de insumos ou do recebimento de doações dos insumos para a produção das comidas que são vendidas em cada barraca. A seleção e a definição das pessoas que trabalham como voluntários durante a festa é também função dessas entidades. As entidades tem autonomia para planejar, gerenciar e executar toda a gestão administrativa, funcional e financeira relacionada a cada uma das barracas, inclusive a utilização do lucro obtido com a venda durante a festa. As bebidas que são vendidas durante a festa são adquiridas em uma compra coletiva, por licitação oficial, para dentre outros fatores a redução dos custos e padronizar o tipo de bebida que é vendida nas barracas, exceto as bebidas típicas de um país ou de uma região.

As empresas que apoiam ou patrocinam a festa são decorrentes de contatos das entidades assistenciais, da prefeitura e de iniciativa das próprias empresas que têm também, na legislação apoio legal para investir nesse tipo de evento como é o

caso da lei Rouanet de incentivos fiscais, Lei 8.313 de 23/12/1991, que instituí Políticas Públicas para cultura nacional, cuja base é a promoção, proteção e valorização das expressões culturais nacionais.

Após o término da festa cada uma das partes envolvidas mantém as atividades pertinentes à finalização dos trabalhos e inicia as atividades de planejamento e de organização para realização da festa do próximo ano. O resultado financeiro é disponibilizado pelas entidades, mas não existe um documento único que seja divulgado oficialmente para a população; a gestão do dinheiro é responsabilidade de cada Entidade Assistencial.

As respostas de sete pessoas entrevistadas sobre o que é tradicional em Piracicaba além da Festa das Nações (pergunta 3) mostraram que o que é considerado tradicional foi a Festa do Divino Espírito Santo. Inclusive, um dos entrevistados enfatizou sobre a importância da Festa do Divino Espírito Santo, que se destaca devido à gastronomia, à questão religiosa e à parte cultural.

Um único entrevistado não considerou que a Festa do Divino seja tradição, pois o afirmou o seguinte: *“Eu acho que o tradicional aqui é a pamonha, né? O curau, a pamonha principalmente, a cachaça de Piracicaba, o rio [...]”*.

Além da Festa do Divino Espírito Santo, um dos entrevistados explicou sobre os vários eventos que podem ser também considerados tradicionais na cidade de Piracicaba, conforme segue:

As danças, o Cururu, a Festa do São João de Tupi e a Festa do Milho. Piracicaba era conhecida no médio Tiête como referência para algumas danças, tais como o Samba-lenço, a Congada e a Catira, que são danças que têm origem rural, mas se urbanizaram e foram para o palco, essas danças fazem parte da Festa do Divino Espírito Santo, festa tradicional e que tem mais 180 anos.

Já, sobre as diferenças entre a Festa das Nações de Piracicaba e as antigas quermesses, a maioria das pessoas entrevistadas, sete delas, considerou que tem diferença. No entanto, as opiniões variaram em relação ao que as pessoas consideraram diferente. Cinco dos entrevistados consideraram que esses eventos são diferentes, pois a variedade de comidas típicas que tem na Festa das Nações de Piracicaba é superior à variedade de comidas que é vendida nas quermesses, conforme afirmaram:

A Festa das Nações consegue atender um âmbito bem maior e, acho assim, se você for comparar com outras festas mais populares, a parte da gastronomia da Festa das Nações se profissionalizou muito, porque as pessoas que vão à festa, que frequentam eles vão com esse intuito, primeiro intuito é de comer bem, lógico tem esse apelo do ajudar o outro, do colaborar com alguma entidade.

A Festa das Nações ela procura, já pelo próprio nome, trazer barracas com características de cada nação ou até mesmo aqui de alguns Estados, a gente sabe que o Brasil tem uma diferença até de alimentação e traje até entre estados, mas esse ponto é bastante básico, o que antigamente as festas antigas não tinham isso, era uma festa localizada e basicamente os atrativos daquela festa também eram os alimentos, mas na realidade uma alimentação mais própria daquele local e não de diversos locais, já a Festa das Nações, você vê, ela tem uma riqueza porque nos faz conhecer costumes e alimentos, e culturas de outros estados, de outras nações. O que é muito importante para todos nós, porque aumenta até a cultura.

Mas eu acho que tem diferença com certeza, por exemplo, as quermesses as que eu frequentava na igreja, era referente à igreja, eram voluntários também, o objetivo não era tão diferente, que tinha de angariar fundo para uma determinada instituição, mesmo que fosse a igreja. Só que Festa das Nações tomou um porte muito grande, e favorece mais de 20 instituições, não é o caso do CEAMI graças a Deus, a gente brinca que nós estamos no tempo da vaca gorda aqui. Não é o principal, não é o angariar fundo na Festa das Nações, já foi, mas tem muito entidade que depende dessa festa.

A quantidade de pessoas. O numero de pessoas, aumentou muito, porque lógico a população aumentou, o numero de pessoas aumentou, então era um evento um pouco menor, porque tinha menos gente que tinha condições de ir, a democracia também é isso. Ela permite que todo mundo vá, então fica um grande evento.

A variedade da culinária. A proporção é muito maior, porque nas quermesses tinham os brinquedinhos, quando você entra na rua ali no Engenho Central, você vê a barraquinhas, que tem as pescarias, tem as argolinhas, então tem alguns brinquedos que são tradicionais da festa, e tradicional de quermesse também. Então o que me diferencia de uma para outra é justamente a parte culinária, a variedade que você tem na Festa das Nações, e quando você tinha quermesse era uma coisa mais especifica, era o frango, cuscuz, cachorro quente, pastel. Então era uma opção muito menor, era também muitos gostos, era mais aconchegante do que hoje a Festa das Nações, aí você vai lá você tem a opção de tudo, você come em qualquer país do mundo lá dentro. E muito bem, então essa é a diferença também.

Ainda relação à comida um dos entrevistados enfatizou sobre as diferenças de poder aquisitivo do frequentador da festa, pois considerou que:

Eu vejo sim. Eu vejo que eu acho que assim, hoje a Festa das Nações não é todo o público que pode consumir nessa festa né? Porque é uma festa que pra você entrar em um restaurante gasta-se bastante. Nem todo mundo tem esse privilégio né? Esse poder. Então, acho assim, que na quermesse né qualquer nível da população, as pessoas de baixa renda, uma renda menor, tem condições de consumir de experimentar, de saborear tudo que tem numa quermesse. Agora acho que a Festa das Nações fica um pouquinho limitado. A não ser os quiosques né que tem lá fora e que servem bolinho de bacalhau, algumas coisas, crepes. Mais acessíveis. É, mas o jantar ou almoço ficam inviáveis pra uma determinada faixa, né, de pessoas.

Essa afirmação possibilita verificar que há diversidade de público, em relação à variação do poder aquisitivo, que participa da Festa das Nações de Piracicaba. Recentemente, em algumas barracas tem um quiosque, que é outro ponto de venda de alimentos, o que facilita o acesso aos produtos e a aquisição dos produtos, uma vez que o custo da refeição na barraca não é acessível para todos.

Outras duas pessoas entrevistadas afirmaram que a quantidade de pessoas que participa da Festa das Nações de Piracicaba é superior à quantidade de pessoas que vai a uma quermesse.

Além disso, outros dois entrevistados consideraram que a quermesse tem caráter religioso, que é uma atividade relacionada à igreja, inclusive porque a renda é para a igreja.

A justificativa de um dos entrevistados em relação ao motivo pelo qual considera que tem diferença entre a Festa das Nações de Piracicaba e a quermesse foi destacada, pois as lembranças que essa pessoa tem são interessantes, conforme segue:

Pelo volume de pessoas. Volume, porque lá eram duas ou três barracas, aqui cada barraca representando uma nação, e lá não tinha nada disso, era comida como eu falei para você, típica de lá, e agora aqui você come comida quase, de não sei de quantos países. É uma delícia. Além do leilão. Vinha parque de diversão, aquele carrossel lá. Eu não me lembro de música, não lembro de música se tinha, acredito que devia ter sim. Tinha serviço de alto falante que oferecia música para fulano, sicrano. Tipo correio elegante, isso mesmo. Perdeu, acho que acabou de vez. Tinha a reza antes, a novena antecedendo a festa, no dia da festa tinha a missa, a procissão, a queima de fogos e o leilão, e a gente passeava, namoravam. Aquela flertava, um passava para lá, outro passava para cá. Paquerar. Era isso, era muito simples, bem singelo. Não é esse volume de bebida que é hoje e propaganda de cerveja, é tudo mais, mais familiar mesmo.

Apenas um dos entrevistados afirmou que não tem diferença entre a quermesse e a Festa das Nações de Piracicaba, no entanto, considerou que a festa é mais elaborada e é administrada por pessoas da elite e disse o seguinte: [...] eu costumo dizer agora que a Festa das Nações parece um quermessão.

Existem semelhanças e diferenças entre a Festa das Nações de Piracicaba e a quermesse. A quermesse é essencialmente uma festa da Igreja Católica e a Festa das Nações, embora não seja evidente, tem também essa ligação com a igreja; por exemplo, os voluntários que trabalham na barraca árabe são da paróquia da igreja católica de São José.

2.2 Tradição e Festa

Para entender do que se trata a tradição, sob o ponto de vista socioantropológico, foram consideradas as informações disponibilizadas por Hobsbawm e Trevor (2002), em dois dos capítulos de *A Invenção das Tradições*. Para introduzir sobre o que se refere à tradição foi descrita a análise que Giddens (2007) fez sobre o estudo de Hobsbawm.

Assim, é interessante iniciar pela definição de tradição e conforme afirmou Giddens (2007, p.49) as raízes linguísticas da palavra tradição são antigas. A palavra inglesa *tradition* tem origem no termo latino *tradere*, que significa transmitir, ou confiar algo à guarda de alguém. *Tradere* foi originalmente usado no contexto do direito romano, em que se referia às leis da herança. Considerava que uma propriedade que passava de uma geração para outra era dada em confiança – o herdeiro tinha obrigação de protegê-la e promovê-la.

Para Outhwaite; Bottomore (1996) a palavra tradição, originária do verbo latino *tradere*, significa entregar, transmitir, legar à geração seguinte.

A noção de tradição está entre nós há séculos, mas as aparências enganam. A maneira como o termo tradição é usado atualmente é na verdade um produto de menos de 200 anos. A noção geral de tradição não existia nos tempos medievais, pois não havia necessidade de tal palavra porque a tradição e o costume estavam em toda parte (GIDDENS, 2007, p.50).

Giddens (2007) acrescentou, ainda, que a idéia de tradição por ela própria é uma criação da modernidade. No entanto, não significa que não deveria ser utilizada

em relação às sociedades pré-modernas ou não ocidentais.

Os pensadores do Iluminismo justificaram seu interesse pelo novo identificando a tradição com dogma e ignorância. Com essa afirmação, Giddens (2007, p.50) questiona: Desvencilhando-nos dos preconceitos do Iluminismo, como deveríamos compreender tradição? Para iniciar é adequado pensar na tradição inventada. Para Hobsbawm; Ranger (2002) tradições e costumes inventados não são genuínos. São fabricados e não surgiram espontaneamente; são usados como meios de poder; não existiram desde tempos imemoriais. Qualquer alusão a um passado distante é na maioria falsa.

No entanto, Giddens (2007) afirmou que considera que todas as tradições são tradições inventadas, conforme explicou:

Nenhuma sociedade tradicional era inteiramente tradicional, e tradições e costumes foram inventados por uma diversidade de razões. Não deveríamos supor que a construção consciente da tradição é encontrada apenas no período moderno. Além disso, as tradições sempre incorporam poder, quer tenham sido construídas de maneira deliberada ou não. Reis, imperadores, sacerdotes e outros vêm há muito inventando tradições que lhes convenham e que legitime seu mando (GIDDENS, 2007, p.50).

A idéia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas também podem ser alteradas ou transformadas de maneira repentina. Assim elas são inventadas e reinventadas.

Algumas tradições, é claro, como aquelas associadas às religiões predominantes, duraram centenas de anos. Há prescrições essenciais do islamismo, por exemplo, que quase todos os muçulmanos convitos observariam, e que permaneceram as mesmas, de maneira reconhecível por um longuíssimo período. Contudo toda continuidade que possa estar presente nessas doutrinas é acompanhada de muitas mudanças, algumas até revolucionárias, no modo como são interpretadas e cumpridas. Uma tradição completamente pura é algo que não existe. Como todas as outras religiões do mundo o islã se valeu da variedade de recursos culturais – isto é, outras tradições. O mesmo se aplica de maneira geral ao império otomano que, ao longo dos anos incorporou influências árabes, persas, gregas, romanas, berberes, turcas e indianas entre outras (GIDDENS, 2007, p.51).

Não é adequado pensar que um dado conjunto de símbolos ou práticas precisa ter existido por séculos. A fala do monarca por ocasião do Natal, transmitida todos os anos na rádio e na televisão da Grã-Bretanha, é considerada uma tradição. No

entanto, foi iniciada apenas em 1932.

A persistência ao longo do tempo não é a característica chave que define a tradição ou o costume, que é parte da memória cotidiana. Giddens, afirmou ainda:

As características distintivas da tradição são o ritual e a repetição. As tradições são sempre propriedades de grupos, comunidades ou coletividades. Indivíduos podem seguir tradições ou costumes, mas as tradições não são uma característica do comportamento individual, do modo como são os hábitos (GIDDENS, 2007, p.51).

Além disso, afirmou que o que a tradição tem de distintivo é que ela define um tipo de verdade. Uma pessoa que segue uma prática tradicional não pensa em alternativas. Por mais que a tradição possa mudar, geralmente a estrutura que tem não é questionada. As tradições em geral tem guardiães – feiticeiros, sacerdotes, sábios. Guardião não é o mesmo que especialista; são os que conquistam sua posição e poder graças ao fato de serem os únicos capazes de interpretar a verdade ritual da tradição. Somente eles são capazes de decifrar os verdadeiros significados dos textos sagrados ou dos outros símbolos envolvidos nos rituais comunais.

Ainda, de acordo com Giddens:

O iluminismo pretendeu desconstituir a autoridade da tradição. Seu sucesso foi apenas parcial. A tradição continuou forte por um longo tempo na maior parte da Europa moderna e mais firmemente entricheirada na maior parte do resto do mundo. Muitas tradições foram reinventadas e outras instituídas pela primeira vez. Alguns setores da sociedade fizeram uma tentativa combinada de proteger ou adaptar velhas tradições. Afinal, as filosofias conservadoras consistiram e consistem, exatamente nisso. A tradição é talvez o conceito mais básico do conservantismo, uma vez que os conservadores acreditam que ela encerra uma sabedoria acumulada (GIDDENS, 2007, p.52).

Uma razão adicional para a persistência da tradição nos países industrializados foi que as mudanças institucionais sinalizadas pela modernidade limitaram-se em grande parte às instituições públicas – especialmente o governo e a economia. Maneiras tradicionais de fazer as coisas tenderam a persistir ou a serem restabelecidas em muitas outras áreas da vida, dentre as quais a vida cotidiana. É possível afirmar que houve uma simbiose entre a modernidade e a tradição. Na maior parte dos países, por exemplo, a família, a sexualidade e as divisões entre o sexes permaneceram intensamente saturadas de tradição e costume.

Giddens (2007) afirmou ainda que duas mudanças básicas estão ocorrendo hoje sob o impacto da globalização. Nos países ocidentais, as instituições públicas e a vida cotidiana estão se liberando do domínio da tradição. Nas demais sociedades tradicionais a força das tradições está declinando e esse autor entende que isto está no cerne da sociedade cosmopolita global atual.

Para Hobsbawm, muitas vezes, tradições que parecem ou são consideradas antigas são recentes, quando não são inventadas. Para esse autor:

O termo tradição inventada é utilizado em um sentido amplo, mas nunca indefinido. Incluí tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBBSAWM, 2002, p.9).

Um exemplo de tradição inventada é a transmissão radiofônica real realizada no Natal da Gra-Bretanha, instituída em 1932. Outro exemplo de tradição é o aparecimento e a evolução das práticas associadas à final do campeonato britânico de futebol. É óbvio que nem todas essas tradições perduram; mesmo porque a finalidade deste tipo de estudo não é sobrevivência, mas o modo como surgiram e se estabeleceram.

Assim tradição inventada pode ser entendida pelas palavras de Hobsbawm (2002) como:

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWN, 2002, p.9).

Para esclarecer exemplificou sobre a escolha deliberada de um estilo gótico no momento da reconstrução da sede do Parlamento britânico no século XIX, assim como a decisão igualmente deliberada, após a II Guerra, de reconstruir o prédio da Câmara partindo exatamente do mesmo plano básico anterior. O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo (HOBBSAWN, 2002, p.9). Até as revoluções e os movimentos progressistas, que por

definição rompem com o passado, têm seu passado relevante, embora terminem abruptamente em uma data determinada.

Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com esse passado uma continuidade artificial. Em outras palavras, são reações e situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar, de maneira imutável e invariável, ao menos alguns aspectos da vida social, que torna a invenção da tradição um assunto tão interessante para estudiosos da história contemporânea.

A tradição neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do costume, vigente nas sociedades ditas tradicionais. O objetivo e a característica das tradições, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O costume nas sociedades tradicionais tem a função de movimento e de direção. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história.

Acrescenta que o costume não pode se dar ao luxo de ser invariável, porque a vida não é assim, nem mesmo nas sociedades tradicionais (HOBBSAWM, 2002, p.10). O direito comum ainda exhibe esta combinação de flexibilidade implícita e comprometimento formal com o passado. Neste aspecto, aliás, a diferença entre tradição e costume é clara. Hobsbawm, então, exemplifica que costume é o que fazem os juízes; tradição, no caso, tradição inventada, são a peruca, a toga e outros acessórios e rituais que cercam a substância que é a ação do magistrado.

A decadência do costume inevitavelmente modifica a tradição à qual ele geralmente está associado (HOBBSAWM, 2002, p.10).

Afirmou ainda que é possível estabelecer outra diferença entre a tradição e a convenção ou rotina, que não tem importância como função simbólica e ritual, embora possa ter eventualmente, quando afirma:

A repetição de qualquer prática social gera convenções e rotinas que tendem a facilitar a transmissão do costume. Isto é válido tanto para

práticas sem precedente como para as práticas conhecidas. Qualquer prática social que é continuamente repetida gera convenções e rotina que facilitam a transmissão do costume. As sociedades que se desenvolveram a partir da revolução industrial foram naturalmente obrigadas a inventar, instituir ou desenvolver novas redes de convenções e rotinas com uma frequência maior do que antes. Na medida em que essas rotinas funcionam melhor quando transformadas em hábito, em procedimentos automáticos ou até mesmo em reflexos, o ideal é que não mudem, o que pode afetar outra exigência necessária da prática, que é a capacidade de lidar com situações imprevistas ou originais. Essa é uma falha da automatização ou da burocratização, especialmente em níveis subalternos, onde o procedimento fixo geralmente é considerado como o mais eficiente (HOBBSAWM, 2002, p.11).

Tais redes de convenção e rotina não são tradições inventadas, pois suas funções e, portanto, suas justificativas são técnicas, não ideológicas. As redes são criadas para facilitar operações práticas imediatamente definíveis e podem ser prontamente modificadas ou abandonadas de acordo com as transformações das necessidades práticas, permitindo sempre que exista a inércia, que qualquer costume adquire com o tempo, de resistência às inovações por parte das pessoas que adotaram esse costume.

As tradições ocupam lugar diametralmente oposto às convenções ou rotinas pragmáticas (HOBBSAWM, 1997, p.11).

Considera, ainda, que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição (HOBBSAWM, 2002, p.12). Os historiadores não estudaram adequadamente o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados, que é ainda desconhecido e que se manifesta de maneira nítida quando uma tradição é deliberadamente inventada e estruturada por um único iniciador. Talvez seja mais fácil determinar a origem do processo no caso de cerimoniais oficialmente instituídos e planejados, uma vez que provavelmente estarão documentados.

Provavelmente não há lugar nem tempo investigado pelos historiadores em que não haja ocorrido a invenção de tradições, que Hobsbawm afirmou que ocorrem nas seguintes situações:

Quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para as quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são

incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se novas tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da oferta (HOBSEBORN, 2002, p.12-13).

Considerou que nos últimos 200 anos houve transformações importantes e que nesse período houve a formalização de novas tradições nas sociedades modernas. Isso não significa que as tradições antigas de estrutura de comunidade e de autoridade e, conseqüentemente, as tradições a elas associadas eram rígidas e se tornaram obsoletas e que as novas tradições surgiram apenas da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas.

HOBSEBORN (2002) afirmou que houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Essa adaptação ocorreu em instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e à linguagem e prática rituais.

É interessante considerar que:

A força e a adaptabilidade das tradições genuínas não devem ser confundidas com a invenção de tradições. Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam. Ainda assim, pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem adaptados. Assim, ao colocar-se conscientemente contra a tradição e a favor das inovações radicais, a ideologia liberal da transformação social, no século passado, deixou de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos nas sociedades precedentes, gerando vácuos que puderam ser preenchidos com tradições inventadas (HOBSEBORN, 2002, p.16).

As tradições inventadas, desde a Revolução Industrial, podem ser classificadas em três categorias (HOBSEBORN, 2002, p.17):

- a) As que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais;
- b) As que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade;
- c) As cujo propósito principal é a socialização, a introdução de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

As tradições (b) e (c) são tradições inventadas (como as que simbolizam a submissão à autoridade na Índia britânica) e a que prevaleceu foi a (a) e as outras duas consideradas funções implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com a comunidade ou as instituições que representam, expressam ou simbolizam, tais como a nação.

Há a preponderância das tradições inventadas comunitárias e que, com base na antropologia, talvez seja possível identificar as diferenças entre as práticas inventadas e os velhos costumes tradicionais. Assim, embora os ritos de passagem sejam normalmente marcados nas tradições de grupos isolados (iniciação, promoção, afastamento e morte) isso nem sempre ocorreu com os ritos criados para pseudocomunidades globalizantes, como as nações e os países, em função da ênfase ao caráter eterno e imutável desses. No entanto, houve essa associação com relação aos ritos religiosos (casamento civil e funerais).

Afirmou que há diferenças entre as práticas antigas e as inventadas. Pois, enquanto as antigas eram práticas sociais específicas e coercitivas as inventadas eram gerais e vagas, quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de determinado grupo: patriotismo, lealdade, dever, as regras do jogo, o espírito escolar e outros.

Considerou ainda que:

Apesar de todas as invenções, as novas tradições substituíram pouco do espaço cedido pela decadência secular das velhas tradições e antigos costumes; aliás, isso já poderia ser esperado em sociedades nas quais o passado torna-se cada vez menos importante como modelo ou precedente para a maioria das formas de comportamento humano. Mesmo as tradições inventadas dos séculos XIX e XX ocupavam ou ocupam um espaço muito menor nas vidas particulares da maioria das pessoas e nas vidas autônomas de pequenos grupos subculturais do que as velhas tradições ocupam na vida das sociedades agrárias. Tal afirmação não se aplica ao campo do que poderia ser denominado a vida pública dos cidadãos (HOBBSAWM, 2002, p.20).

O autor questiona sobre a importância dos historiadores estudarem esses fenômenos ou em outras palavras: O que os historiadores ganham com o estudo da invenção das tradições? (HOBBSAWN, 2002), afirmou que as tradições inventadas são sintomas ou indícios de problemas que, talvez, não fossem detectados. Porque esse estudo colabora para o entendimento das relações humanas com o passado, em

função da utilização da história como legitimador das ações e sedimentadora da coesão grupal.

Interesse específico que as tradições inventadas podem ter, de um modo ou de outro, para os estudiosos da história moderna e contemporânea.

Conclui ao afirmar:

E é exatamente porque grande parte dos constituintes subjetivos da nação moderna consiste de tais construções, estando associada a símbolos adequados e, em geral, bastante recentes ou a um discurso elaborado a propósito [tal como o da história nacional], que o fenômeno nacional não pode ser adequadamente investigado sem dar-se a atenção devida à invenção das tradições (HOBBSAWM, 2002, p.23).

Um exemplo interessante de tradição inventada, descrito por Roper (2002), é o da Escócia. Assim, a utilização do kilt, que é um saiote feito com lã xadrez, cuja cor e padrão indicam o clã a que pertencem, e um instrumento musical que é a gaita de fole (Figura 9), são caracterizados como antigos, mas na verdade são modernos, do período em que houve a união da Escócia com a Inglaterra.



Figura 9 – Traje típico escocês, kilt, e gaita de fole. (Fonte: http://2.bp.blogspot.com/-TCe_DorxT6Q/T3FjO-p-HBI/AAAAAAAAeNY/C9oBz-XDyks/s1600/0o00+020911+7885.JPG). Acesso em: 12 dez. 2014.

Na verdade, esses acessórios já eram utilizados antes da união, mas eram considerados pela maioria dos escoceses como indício de barbarismo: como distinção para os montanheses das Terras Altas, que consideravam velhacos, indolentes, chantagistas e outros, que representavam para a Escócia civilizada e histórica um inconveniente. Mesmo nas Terras Altas a utilização de tais acessórios era relativamente recente, não constituía característica original e nem distintiva da sociedade montanhesa das Terras Altas.

Roper (2002) considerou que:

Aliás, até a idéia de que existe uma cultura e uma tradição específica das Terras Altas não passa de uma invenção retrospectiva. Os montanhesees (Highlanders) da Escócia não constituíam um povo separado antes dos últimos anos do século XVII. Eram simplesmente emigrados irlandeses, vindos para a Escócia devido a pressões populacionais [...] o Oeste escocês, isolado do Leste pelas montanhas, sempre esteve mais ligado à Irlanda do que às Terras Baixas (Lowlands) saxônica. Tanto sob o aspecto cultural quanto social aquela região era uma colônia da Irlanda (ROPER, 2002, p.25).

Considerando a teoria proposta por Hobsbawn (2002) a Festa das Nações de Piracicaba não é uma tradição, mas pode ser considerada uma tradição inventada. No entanto, com base nas informações obtidas nas entrevistas a Festa das Nações de Piracicaba é considerada por essas pessoas uma festa tradicional.

3 LAZER E FESTA

3.1 A Organização da Festa das Nações de Piracicaba

A programação da Festa das Nações de Piracicaba compreende eventos prévios e os que são realizados durante a festa propriamente dita. A divulgação da festa é por meios oficiais e pelas entidades assistenciais, utilizando vários meios de comunicação como cartazes, jornais, revistas, pela rede de computadores, rádio, televisão e outras formas.

A cerimônia inicial da Festa das Nações de Piracicaba é realizada um mês antes da data de início da festa. Em 2014, por exemplo, para a festa que foi realizada entre 14 e 18 de maio de 2014, essa solenidade foi realizada no Clube de Campo de Piracicaba no dia 12 de abril 2014.

Participam dessa cerimônia o prefeito, a primeira dama, que é a presidente do Fundo Social de Solidariedade de Piracicaba, os secretários municipais, os vereadores, os dirigentes das entidades, os patrocinadores (ouro, bronze e prata), os que apoiam a festa além de outros participantes.

As atividades nesse evento incluem a apresentação, para cada barraca, da rainha, da embaixadora e do guardião, que são representantes eleitos com base na venda antecipada de votos pelas instituições.

Esses representantes, vestidos em trajes típicos e portando a bandeira de cada país, são apresentados para o público, no sábado da semana anterior do início da festa, em desfile em carro aberto. O Jeep Clube de Piracicaba colabora, voluntariamente, há 13 anos para esse desfile. O desfile é uma das formas de divulgação da festa, o trajeto inclui as principais vias comerciais de Piracicaba e tem duas horas de duração.

No início propriamente dito da festa, ou seja, no primeiro dia que é, geralmente, a quarta-feira da semana do evento, cada barraca promove um jantar fechado, com a venda antecipada dos convites, nesse dia não há outro tipo de programa na festa.

A partir do segundo dia da festa, além das atividades das barracas de venda de comidas e de bebidas, há a programação de atividades culturais. Assim, há a abertura oficial, a sessão solene de abertura é no palco principal, com a presença do prefeito e da primeira dama, que é a presidente do Fundo Social de Solidariedade de Piracicaba (FUSSP), das rainhas, das embaixadoras e dos guardiões das barracas,

vestidos com os trajes típicos e portando a bandeira de cada país que representam pela barraca.

Após essa solenidade iniciam-se os shows musicais e as danças, essas atrações são realizadas em dois palcos dos três palcos existentes no recinto da festa. Para exemplificar a natureza do que é apresentado nos palcos está descrito, a seguir, o programa da Festa das Nações de Piracicaba do ano de 2014 (Tabela 1).

Tabela 1. Programa da 31ª Festa das Nações de Piracicaba, 14 a 18 de maio de 2014, Engenho Central, Piracicaba, SP. Adaptado de: <http://www.piracicaba.sp.gov.br/festa-das-nacoes-comeca-amanha-a-maior-festa-da-solidariedade-de-piracicaba/24413>.

15 de maio de 2014	
Palco 1 – Musical	Palco 3 - Alternativo
19h as 20h – Banda H7 (Rock Nacional)	19h as 20h – Alex e Nando (Sertanejo Universitário)
20h as 21h – Samba da Aninha	20h as 21h – Banda Naylha (Reggae)
21h30 as 22h – Grupo Santa Olímpia de Danças Folclóricas	21h as 22h – Projeto Paralelo (Rock)
22h as 24h – Rainhas e Embaixadoras	22h as 23h – MPB Trio
	23h as 24h – Banda Hemisphaerium (Rock)
16 de maio de 2014	
Palco 1 – Musical	Palco 3 - Alternativo
19h as 19h30 – Stúdio 415	19h as 19h30 – Educando pelo Esporte (Dança)
19h30 as 20h – Grupo de Dança de Rua Rogéria Zago	19h30 as 20h30 – Kissy Funk
20h as 20h30 – Ballet Jussara Sansigolo	20h30 as 21h30 – Alehandra e Eliane (MPB, Samba e Baião)
20h30 as 24h – Rainhas e Embaixadoras e Show da Onda Livre	21h30 as 22h30 – Novos Caipiras (Rock Rap Caipira)
22h30 as 24h – Grupo Cochichando (Choro e Samba)	22h30 as 24h – Grupo Cochichando (Choro e Samba)
17 de maio de 2014	
Palco 1 – Musical	Palco 3 - Alternativo
13h30 as 14h – Josiany Shimla (Danças Orientais)	12h as 13h – Toni e Rafael (Sertanejo Universitário)
17h as 19h – Rainhas e Embaixadoras	13h as 13h35 – Teatro Vamos Mudar Nosso Mundo, com o grupo Mad Science
19h as 21h – Consulado Coreano	13h35 as 14h – Oscar Breaking (Dança de Rua)
	14h as 14h30 – Patrícia Aguiar (MPB)
	14h30 as 15h05 – Teatro Caterpillar
	15h05 as 15h30 – Samba de Lenço (Tradição Popular)
	15h30 as 16h30 – Trilha Suburbana (Bossa Nova)
	16h30 as 17h30 – Congada (Tradição Popular)
	17h30 as 18h30 – Juninho Caipira e Marcelo Souza (Música Raiz)
	18h30 as 19h30 – Elaine Teotônio e Banda (MPB e Samba)
	19h30 as 20h30 – Inspiramental (Instrumental)
	20h30 as 21h30 – Choro de Saia (Choro)
	21h30 as 22h30 – The Flash’s Dance Show (Dança anos 60, 70 e 80)
	22h30 as 24h – Banda Country Nho Kid (Rock)
18 de maio de 2014	
Palco 1 – Musical	Palco 3 - Alternativo
11h as 12h – Clube Vinil	12h as 13h – Rodrigo e Guilherme (Sertanejo Universitário)
12h as 13h – Grupo de Viola As Piracicabanas	13h as 13h35 – Teatro Caterpillar
13h as 14h – Banda de Gaitas de Fole Escocesas	13h35 as 14h30 – João Carlos e Conrado (Raiz)
14h as 15h – Rainhas e Embaixadoras	14h30 as 15h05 – Teatro “Vamos Mudar Nosso Mundo” com o grupo Mad Science
15h as 19h – Show da Onda Livre	15h05 as 16h – Centro de Reabilitação
	16h as 17h – Escola de Samba Amigos da Rua do Porto
	17h as 19h – Comunidade Quilombola (Samba Tradição)

Conforme pode ser verificado nesse programa, além das barracas, existem várias atividades nos palcos, para o entretenimento dos diferentes públicos que participam da festa. Não há na programação da Festa das Nações de Piracicaba atividades nos palcos relacionadas aos temas das barracas, mas em algumas barracas há danças e músicas típicas do país ou região representada.

O público que frequenta a Festa das Nações de Piracicaba é variado, são famílias, jovens e idosos. Em função das características de criação da festa, auxiliar as entidades assistências de Piracicaba, no início foi frequentada por famílias, que eram os principais consumidores das comidas vendidas nas barracas.

Em 1986 houve uma alteração na realização da Festa das Nações de Piracicaba e foram incluídos shows musicais. Nesse ano, os shows foram incluídos para atrair o público, que não tinha condições de participar dos jantares fechados e com a expectativa de aumentar a participação do público na festa. A principal consequência dessa iniciativa foi a redução da renda das barracas, porque o público que ia à festa para participar dos shows, não consumia as comidas vendidas nas barracas.

Além disso, esses megashows reduziram a participação das famílias e de parte do público que frequentava a festa visando ao consumo de comidas das barracas, o que gerou risco para a manutenção da festa. Assim, em decorrência desse fato e de outros, atualmente há preferência para os artistas locais.

Outra alteração ao longo dos anos foi a realização da festa em dois finais de semana seguidos, medida que permaneceu por alguns anos, mas não foi mantida; atualmente a festa tem duração de cinco dias, de quarta-feira até o domingo.

As visitas aos estandes dos patrocinadores da festa são outras atividades de entretenimento, porque há exposição de produtos variados. A Hynduai, por exemplo, que é um patrocinador ouro, expõe os veículos que produz na cidade de Piracicaba. Essa empresa há cinco anos doa um automóvel para ser rifado durante o evento. A venda das rifas, que é feita pela organização das barracas, gera renda para as entidades assistenciais. Essa ação é mais uma forma de estimular a participação da população na festa em função do sorteio que é realizado durante a festa, no último dia.

Outras empresas expõem diferentes produtos, há, inclusive, um local destinado à venda de artesanato.

Para as crianças existem atividades específicas, programadas pela prefeitura de Piracicaba, por meio da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Atividades Motoras - SELAM de esporte, de recreação e de lazer, denominado Projeto Lazer no Parque, que tem o objetivo de levar recreação para os espaços públicos da cidade. Para isso, em um dos galpões do Engenho Central, existe uma área de diversão que tem jogos, brinquedos em geral, piscina de bolinha, cama elástica e outros.

Há também a colaboração do policiamento da Guarda Civil Municipal, do ambulatório da Amhpla, da ambulância UTI e do SAMU. Em 2014, a Secretaria Municipal da Saúde instalou um posto de vacinação para o controle da gripe.

Para complementar esse capítulo, há as entrevistas com as pessoas relacionadas aos diferentes segmentos da sociedade e que têm participação, como organizador e, ou, frequentador da Festa das Nações de Piracicaba.

Houve variação de resposta entre os entrevistados com relação às demais atrações da Festa das Nações de Piracicaba. É importante ressaltar que, apesar da forma como foi elaborada a pergunta, três entrevistados reiteraram a importância da comida como a principal atração dessa festa. Um dos entrevistados considerou ainda que o que estimula as pessoas a frequentarem essa festa é a oportunidade para reunir as pessoas, tanto os familiares como os amigos. Além disso, um deles afirmou que a festa atende todos os tipos de público e tem por objetivo ser uma festa popular.

Dessa forma, seis dos entrevistados afirmaram que o que atrai também as pessoas, que frequentam a Festa das Nações de Piracicaba, são as danças folclóricas, as músicas e os shows populares de artistas diversos. Um dos entrevistados explicou o seguinte:

Olha a gente tem na festa a parte cultural, que são as aparições de palco onde são mostradas danças, músicas dos países participantes da festa, eu percebo que as crianças gostam muito disso, é um momento muito lúdico, os adultos também participam de uma certa forma porque tem crianças, tem parentes, tem conhecidos, tem amigos envolvidos, então eu percebo que existe assim uma participação de público grande nesse momento de apresentações culturais, junto disso sempre tem alguma parte de show, hoje os shows diminuíram em termos de... vamos dizer assim, da estrela quem vem, porque a gente já teve eventos aqui com artistas extremamente famosos, hoje os artistas são artistas que estão iniciando, ou são artistas mais regionais, mais que chamam um público, principalmente um público jovem, tem a parte de brincadeiras também, de barracas onde as crianças podem participar

Por outro lado, apesar da pergunta feita para o entrevistado já enfatizar que a comida é a principal atração dessa festa, um dos entrevistados reafirmou que o principal motivo para frequentar a Festa das Nações de Piracicaba é a comida, como segue: “Eu acho que também vai girar entorno da comida [...] Então eu acredito que ninguém vai lá para assistir uma determinada banda que vai se apresentar, ou ia se apresentar [...]”.

Em relação aos atrativos para as crianças cinco dos entrevistados disseram que os atrativos são o parque, que tem brinquedos, além da barraca que tem pescaria e outros e destacou o seguinte:

[...] Mas eu acho assim, pra crianças são os brinquedos que a (Selam) coloca a disposição, né? O pula- pula, tem um monte de brinquedos que fica dentro de um barracão no Engenho né?, gratuito né? que as crianças podem brincar lá o tempo todo [...].

E outro considerou também que: “Olha normalmente as crianças vão para brincar, porque têm os parquinhos, aquelas barraquinhas, pescaria [...]”.

Os shows foram considerados por quatro dos entrevistados com sendo a atração para os jovens.

Para a juventude existem shows interessantes que agradam, e que também são saudáveis, são interessantes e agrada bastante você vê a moçada estar lá durante o dia [...] o relacionamento entre os jovens, algum namorico já surge, então isso tudo é um espaço importante para a juventude de hoje, e para os casais o encontro de congraçamento, que a gente percebe que ali se encontram pessoas de Piracicaba, as pessoas se conhecem, os que chegam são novos, mais logo se entrosam, então nós conhecemos as pessoas e é um momento de encontro. Muito importante esse momento.

No entanto, um dos entrevistados afirmou o seguinte:

A juventude eu já acho que é um pouco mais sério, porque eles vão para beber. Então é isso que eu vejo na parte ali onde tem a barraca árabe, ali naquele cantinho que fica perto, da alemã, ali você fica louca, dependendo do dia da semana que você vai, você não consegue entrar ali porque tem muito moço, muita moça, jovens mesmo com copo de cerveja na mão.

Outro entrevistado destacou ainda sobre a bebida ao afirmar:

Para o jovem acho que o que atrai são as músicas, claro as meninas né? Os jovens o lado da paquera e as bebidas também, eu acho que isso atrai. Infelizmente atrai os jovens e os adultos também, mais jovens né?

Para os jovens são os shows e o relacionamento entre eles, o namoro, a paquera. O principal atrativo é a bebida alcoólica, principalmente a bebida da barraca Alemã, a cerveja.

Outros entrevistados consideraram que para os adultos, além da comida, o atrativo da festa é encontrar e reencontrar as pessoas. Um dos entrevistados destacou: “Para os idosos é também atração o encontro com as pessoas e a variedade de comida”.

Com relação ao questionamento sobre as contribuições da Festa das Nações de Piracicaba para o lazer da cidade de Piracicaba, todas as pessoas entrevistadas foram unânimes ao afirmar que a Festa das Nações contribui para o lazer da cidade de Piracicaba.

Já, a questão sobre o lazer da festa, houve unanimidade de resposta das pessoas, uma vez que os oito entrevistados disseram que a comida é a principal atividade de lazer da Festa das Nações de Piracicaba. Além disso, todos os entrevistados afirmaram ainda que o encontro entre as pessoas é uma das atividades de lazer dessa festa e disseram também que a festa, em si, é o principal lazer; um deles considerou o seguinte:

É, eu acho que o lazer da festa, o principal é a comilança mesmo, e as pessoas lógico, normalmente se organizam para ir em turma, então vão turmas de amigos para jantar numa determinada barraca, um dia na outra, então tem essa parte de convivência que a gente sente que é bem intensa, mas o atrativo principal da festa é a gastronomia.

Outro entrevistado respondeu de forma abragente sobre o que é o lazer da Festa das Nações de Piracicaba ao afirmar que:

[...] faz parte do calendário da cidade, e eu acho que é o encontro de pessoas, a gente vê grupos, famílias se reunindo na Festa das Nações, a nossa barraca, por exemplo, que quem gosta de bacalhoadada vai come bacalhoadada, toma o vinho português, levando os pais, comemorando o aniversário da mãe, então é um espaço que propicia esses encontros, além de você está ajudando, você está saboreando diversos tipos aí de comida. Então eu acho que é assim muito legal porque agrega esses dois fatores, e de lazer é mais ou

menos aquilo que eu falei, além de ter o encontro, lá você tem a oportunidade até de rever algumas pessoas que faz tempo que você não encontra, eu falo isso pelo meu marido que adora essa festa, enquanto eu estou trabalhando ele fica passeando, e aí ele encontra primos, ele encontra amigos, então isso é muito legal, eu acho que a festa voltou a ter esse aspecto familiar, além da benevolência aí de você estar ajudando.

As informações obtidas nas entrevistas possibilitaram verificar que o principal lazer é degustar as comidas típicas. Outros atrativos são a festa em si, o passeio e até a possibilidade de conhecer a cidade, uma vez que essa festa atrai pessoas que não são da cidade de Piracicaba.

Além disso, os entrevistados destacaram que o lazer dessa festa é a possibilidade de encontrar as pessoas, sejam as pessoas da família ou não; dessa forma, essa festa é um programa de lazer familiar, é um local de encontro de pessoas, amigos e familiares, principalmente porque possibilita rever algumas pessoas.

Por outro lado, um dos entrevistados enfatizou que a parte cultural da Festa das Nações de Piracicaba não é um atrativo de lazer para a pessoa participar dessa festa.

Ainda, parte dos entrevistados afirmou que a participação nessa festa torna-se uma atividade de lazer, devido ao fato da festa ser uma atividade beneficente, pois é a possibilidade de ajudar as entidades assistenciais que tem como consequência a própria festa e o conagraçamento entre os adultos, os jovens e até com as autoridades.

A opinião de cinco dos entrevistados sobre as atividades das cerimônias de início e de finalização da Festa das Nações de Piracicaba é positiva e afirmaram que consideram essas cerimônias adequadas e que são também marcantes, especialmente as iniciais. Inclusive a resposta de um dos entrevistados foi abragente em relação às atividades que destacam-se e, de certa forma, incluiu a explicação dos demais, conforme segue:

Olha a festa eles têm assim, algumas atividades anteriores ao acontecimento dentro do Engenho que são já meio que tradicionais, por exemplo, no sábado que antecede a festa, tem o passeio de jipe das rainhas e embaixadoras das barracas pela cidade, então é o momento que a gente vê que no trajeto as pessoas já estão paradas esperando as meninas passarem para que possam aplaudir, para que possam brincar, então é alguma coisa que já se tornou assim esperado nesse antecedente da festa, tem uma noite de apresentação, que é a noite de apresentação da festa, das rainhas embaixadoras também, normalmente acontece num clube aqui da cidade que é um momento

também assim bastante esperado por todos, principalmente por elas que estão participando e vão ser os cartões de visita dos países e das entidades que elas representam, então é uma festa muito gostosa,

No entanto, três entrevistados consideraram que as cerimônias, de início e de finalização da festa, não têm qualquer diferencial que valha à pena assistir e apenas um deles justificou o motivo: “Não são marcantes porque são similares as de qualquer outro evento”.

As opiniões dos entrevistados sobre quais as atrações são as que mais se destacam variaram. No entanto, pode ser considerado que uma das atrações é o desfile das rainhas, das embaixadoras e dos guardiões, com os trajes típicos e as bandeiras, nos carros abertos, pela cidade de Piracicaba, no sábado anterior ao da semana da festa.

Outra atração que foi também destacada foi a sessão solene de abertura da festa que tem a apresentação no palco das rainhas, das embaixadoras e dos guardiões com os trajes típicos e as bandeiras. Inclusive, um entrevistado considerou a importância dessa sessão para a divulgação da Festa das Nações de Piracicaba, porque é um evento em que a imprensa participa como convidada.

Outro entrevistado considerou, ainda, que o destaque é a cerimônia inicial, que é realizada em um clube da cidade, um mês antes da festa, porque tem a participação da imprensa que divulga os trabalhos das entidades assistenciais.

Com relação à cerimônia final, apenas dois entrevistados consideraram que é interessante, em função de ser um momento de despedida de todos e de agradecimentos.

Apenas um dos entrevistados explicou a razão porque não acha que a cerimônia final seja adequada: “O encerramento é simples, apagado”.

A Festa das Nações de Piracicaba, em função da descrição das atividades programadas e das demais que são oferecidas e da opinião das pessoas entrevistadas, constitui uma opção de lazer para a cidade. Além da própria festa, o principal lazer é degustar as comidas típicas. A festa é um local de encontro de pessoas.

Há variação de opinião em relação às cerimônias que destacam-se na Festa das Nações de Piracicaba. As cerimônias de início e de finalização são adequadas, especialmente as iniciais.

3.2 O Lazer e a Festa

Em relação aos valores sociais que estão relacionados à ampliação do tempo livre ou do lazer é interessante destacar o que Dumazedier (1994) ressaltou sobre a individualidade como a valorização da autonomia em relação às tutelas institucionais e a liberação de dependências reprimidas, devidas ao trabalho e às normas das instituições, que culminaram com a conquista do tempo livre para todas as pessoas. É uma conquista social do indivíduo de tempo social.

O lazer é o modo de expressão mais completo de si, pelo corpo, sentidos, sentimentos, imaginação, espírito: é o tempo no qual explodimos [...] o decoro em férias ou fins de semana não tem as mesmas regras que a vida comum de trabalho. [...] no lazer é possível retomar um sonho de infância ou juventude que a vida comum teve de interromper (DUMAZEDIER, 1994, p.50).

Além disso, complementou sobre o lazer que considerou:

Lazer práticas do tempo social que exprimem funções de recuperação que liberam da fadiga, de divertimento que liberam do tédio e do desenvolvimento que podem resgatar as forças criativas e dos estereótipos e rotina impostos pelo cotidiano (DUMAZEDIER, 1994, p.47).

Posteriormente, Dumazedier (2001) ao indagar sobre o que é o lazer, afirmou que:

O desenvolvimento das grandes indústrias acabou com o antigo ritmo do trabalho, determinado pelas estações do ano e interrompidos pelos jogos e festas. Após longas horas de trabalho só restava o repouso. Nesse tempo, a ideologia refletia a realidade. Hoje o repouso foi substituído por um conjunto integrado pelas mais diversas atividades, não ligadas a necessidades e obrigações, como, por exemplo, os deveres familiares e sociais. São atividades terceiras (*tierces activités*) diversas das atividades produtivas e das obrigações sociais que apresentam a estes novos problemas. Surgem como um elemento perturbador na cultura da sociedade (DUMAZEDIER, 2001, p.28).

Dumazedier (2001, p.30) escreveu sobre os significados da palavra lazer descritos por Littré – lazer é um tempo que fica disponível depois das ocupações e por Augé, que acrescenta um novo significado distrações, ocupações às quais podemos nos entregar de vontade espontânea, durante o tempo não ocupado pelo

trabalho comum. Ao analisar esses significados, afirmou que o tempo de Littré transformou-se, segundo Augé, em distrações, ocupações. Augé não afirma mais que o lazer vem depois das ocupações, mas depois do trabalho comum. Essa alteração de palavras constituiu sinais de evolução dos costumes; transformação dos significados do lazer na vida popular.

Por outro lado, é interessante ressaltar as atividades que classificou como opostas ao lazer, em função de informações obtidas de uma enquete na França, em 1953:

O trabalho profissional, o trabalho suplementar ou de complementação, os trabalhos domésticos, as atividades de manutenção (as refeições, os cuidados higiênicos com o corpo, o sono), as atividades rituais ou ligadas ao cerimonial, resultantes de uma obrigação familiar, social ou espiritual (visitas oficiais, aniversários, reuniões políticas, ofícios religiosos), as atividades ligadas aos estudos. Assim, o lazer é definido, atualmente, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana (DUMAZEDIER, 2001, p.31).

Ao avaliar as respostas dessa enquete, Dumazedier (2001, p.32-33) afirmou que, independentemente da sua função, o lazer é, inicialmente, liberação e prazer e que existem três funções que caracterizam a importância do lazer: função de descanso, função de divertimento, recreação e entretenimento e função de desenvolvimento, como segue:

O descanso libera-se da fadiga. O lazer é um reparador das deteriorações físicas e nervosas das tensões causadas pelas obrigações do cotidiano, especialmente as de trabalho [...] necessidade de repouso, silêncio, farniente e pequenas ocupações sem objetivo. A segunda função compreende divertimento, recreação e entretenimento [...]

Lefebvre apud Dumazedier (2001) esboçou uma análise das alienações do homem contemporâneo, que leva a um sentimento de privação e a necessidade de ruptura com o universo cotidiano [...] daí a busca de uma vida de complementação, de compensação e de fuga por meio de divertimento e evasão para um mundo diferente e mesmo diverso do enfrentado todos os dias.

A função de desenvolvimento da personalidade, que depende dos automatismos do pensamento e da ação cotidiana.

As três funções são solidárias, estão sempre unidas, mesmo quando parecem opor-se; estão em todas as situações e em relação a todos os indivíduos; podem ser sucessivas ou coexistirem, terem manifestação isolada ou simultânea na mesma situação de lazer.

Finalmente define que:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se ou entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 2001, p.34).

Em seguida Dumazidier (2001) continua com a seguinte questão: o que é festa hoje? Inicia uma resposta associando o indivíduo ou o grupo às relações sociais da vida cotidiana.

As práticas festivas no sistema das relações de multidão, de grupo ou de casal durante o período de lazer não têm visibilidade social em função das relações sociais criadas pela divisão do trabalho, pelas estruturas familiar, política e religiosa ou, então, foram isoladas destas últimas em um universo abstrato.

As festas, religiosas ou políticas, não têm o mesmo significado que tinham para a civilização rural tradicional. Hoje são mais fracionadas, mais voluntárias e menos ritualizadas. Uma análise possibilitará verificar o espetacular desenvolvimento das reuniões festivas, de qualquer tipo, que acompanharam o aumento de tempo livre ao lado das festas rituais que, adquiriram novas características de distração.

Esta festividade generalizada corresponde a um dos principais valores sociais que atraí e explica a influência dos grupos e organizações que multiplicaram-se com os momentos de lazer.

Há o declínio das festas tradicionais ou sua transformação devido aos impactos dos lazeres modernos Varagnac (1948 apud DUMAZEDIER, 1994, p.52), que transformaram as festas tradicionais em espetáculos turísticos, em festivais de arte e em divertimentos de todos os gêneros para as multidões locais ou visitantes.

Dumazedier questiona sobre essa afirmação considerando o que disseram:

Duvignaud (1973), nossas civilizações, chamadas de industriais, aparentemente não conhecem a festa e Villadary (1968) que a

aspiração à vida festiva espontânea, independente das instituições e dos acontecimentos, é crescente, sobretudo, nas novas gerações? (DUMAZEDIER, 1994, p.52).

Reiterou, ainda, que a resposta para essa pergunta poderá variar em função da definição de festa. Se a palavra festa for relacionada às festas atuais pode conter ou não relação com as festas do passado:

A festa supõe uma reelaboração que ultrapassa o passado ou, então, é uma reprodução conformista de um velho rito social [...] A festa é uma luta entre a criatividade que brota e a construção formal ou institucional inerente a toda e qualquer cultura ou é uma simples sobrevivência ou persistência tradicional. Ela pode afrontar as proibições ou consolidá-las (DUMAZEDIER, 1994, p.52).

Isambert (apud DUMAZEDIER, 1994, p.52-53), confirmou o caráter misto da festa, proposto por Durkheim, nas sociedades arcaicas, religiosas: cerimônia e divertimento.

Para compreender a festa na sociedade atual Dumazedier (1994) explicou o que vários autores citaram para caracterizar a festa de antigamente, baseado em quatro fatos fundamentais:

1. Na sociedade tradicional francesa a festa é produzida pela civilização rural que tem por valores o coletivo e o religioso, apesar da persistência dos valores pagãos ou anti-religiosos. A festa é fonte sagrada da coesão e de celebração espiritual, em que há o controle da expansividade, das diversões, dos jogos e dos espetáculos;
2. A festa é realizada em um tempo ritualizado, em datas fixas que são simbólicas, associadas às estações do ano ou algum evento social que se repetem e, conseqüentemente, favorecem a perenidade das instituições;
3. O indivíduo está integrado à comunidade, pois ao contrário será marginalizado, condenado. A festa é um contexto social que possibilita ao indivíduo ter direitos de expressão proibidos na vida cotidiana; a festa é o momento em que o indivíduo pode se divertir de forma livre, cometer excessos de todos os tipos, relacionados, por exemplo, com a comida, a bebida, a luxúria, que são permitidos ou tolerados, ou até encorajados, nos limites daquele contexto social;

4. Há a regulamentação do tempo da vida privada pelas autoridades sociais, religiosas ou seculares. As atividades fora do trabalho, profissional ou doméstico, são reguladas pelas autoridades religiosas, familiares ou profissionais. No entanto, nesse tempo da festa, determinadas liberdades são concedidas ou toleradas, para que haja a liberação das tendências contidas ou reprimidas do indivíduo, é possível afirmar que a sociedade só se torna permissiva em dias de festa ritual.

Dumazedier (1994) questionou sobre as condições da reprodução ou da produção das festas e para entender a origem da festa nas sociedades atuais e urbanas efetuou uma análise a partir de quatro fatores relacionados à origem das festas de antigamente.

1. A sociedade industrial e pós industrial secularizou a vida coletiva: há menos influência da religião e mais flexibilidade quanto à religião, houve a fragmentação das instituições; por outro lado, há liberdade para regulamentar as normas da vida comum, embora sejam mantidas, ainda, as festas do calendário, mas com variações no seu conteúdo, como, por exemplo, a do Natal, que é para muitos uma festa familiar e não religiosa e, inclusive, o seu significado varia dependendo da família, mas no geral é uma cerimônia curta que privilegia o consumo, como, por exemplo, o presente para a criança, que faz parte dessa cerimônia independentemente ou não da presença do Papai Noel.

Outras festas surgiram e, em algumas décadas, foram incorporadas ao costume como, por exemplo, o dia das mães. Houve aumento da quantidade de festas cívicas, privadas, das relacionadas ao trabalho e outras.

2. As instituições básicas da sociedade, tais como as familiares, as profissionais, as socioespirituais ou as sociopolíticas, associam com regularidade o divertimento coletivo à cerimônia para melhor desenvolver sua defesa contra o exterior ou sua solidariedade interior (DUMAZEDIER, 1994, p.55) em um mundo difícil de viver, para humanizar as relações as instituições atuais são mais tecnificadas e burocráticas em comparação com as antigas.

Na sociedade atual a quantidade de festas e a variedade dessas festas aumentaram, as instituições de base fazem as festas, sem avaliarem se o indivíduo considera esta tendência autêntica ou convencional, aborrecida ou agradável. Algumas correspondem a manifestações antigas, outras novas: a sacralização e a

transgressão sagrada desapareceram, mas não os ritos e os excessos de todos os gêneros. Nessas festas há o consumo coletivo e individual, cujas necessidades são exacerbadas por uma sociedade que visa ao lucro.

O tempo é ritualizado na sociedade tradicional e tem sentido religioso, o que garante a perenidade da comunidade e a abrangência aos demais tempos, o profissional, o familiar ou o social. Na sociedade moderna esse tempo social é diversificado, embora o tempo das obrigações sociais, profissionais ou sociopolíticas tenha ainda influência no indivíduo similar ao do socioespiritual de antigamente. Dessa forma, para que haja equilíbrio social entre deveres e direitos, as instituições correspondentes associam o divertimento e a obrigação. Essa é a origem da festa atual.

3. Nas sociedades modernas houve a ampliação do direito de expressão corporal do indivíduo, ao mesmo tempo em que aumentaram as possibilidades materiais e temporais de concretização. Aumentaram as possibilidades de ter atividades recreativas, além das atividades recreativas proporcionadas pelas instituições, por meio do lazer de cada noite, de cada fim de semana, de cada fim de ano (férias) ou de cada fim de vida de trabalho (aposentadoria). Os motivos para a realização de uma festa e as possibilidades para a realização de uma festa são variados, tanto em grupos institucionais como para os informais. Considerando um condicionamento econômico e social similar é mais comum fazer uma festa hoje do que antigamente, devido à formação de uma nova ética social.

Os conformismos sociais da economia de mercado tendem a padronizar a festa. Mas, o lazer, no sentido estrito do seu significado, causou um tipo de revolução cultural alterando o equilíbrio entre a festa institucionalizada e a não institucionalizada, entre os dias de festa e os demais dias do cotidiano. Nesse sentido, Dumazedier afirma ainda:

Multiplicam-se as possibilidades novas de lazer festivo: fazer a festa torna-se uma possibilidade mais independente das cerimônias institucionais e, com frequência, em reação contra elas. Pode-se confundir esta aspiração de plenitude lúdica com fim em si mesma e a exigência de celebração institucional sob o mesmo nome de festa? Devemos então precisar melhor no que se transformou a prática festiva numa sociedade atual (DUMAZEDIER, 1994, p.57).

Dumazedier (1994), então, afirmou que a festa tem um caráter misto: ao mesmo tempo, cerimonial e divertido. Mas os conteúdos e as relações dessas duas características, no que diz respeito ao cerimonial tem apenas ação simbólica em relação às instituições de base da cidade ou a outros grupos, tais como uma organização secundária ou um grupo espontâneo ou relação interpessoal de lazer; assim, desse tipo de festa derivam dois tipos de atividades sociais denominadas igualmente de festa: festa institucional ou festa extra institucional. Nesse último caso, as cerimônias são pseudo-institucionais em homenagem a grupos duráveis ou efêmeros, que estão à margem das instituições de base.

Considera que o sentido dessas duas festas é diferente para a sociedade; que os valores simbólicos dependem do tipo de coletividades. As que tendem a reforçar as instituições religiosas, políticas, profissionais, familiares ou outras e as que ignoram essas instituições. A festa pode reforçar ou enfraquecer os elos institucionais ou contestá-los ou destruí-los; assim, em termos sociais a festa é um fenômeno ambíguo.

4. Na última comparação entre as festas, antiga e atual, Dumazedier (1994) afirmou que nas festas institucionais atuais o caráter divertido é diferente do considerado nas festas antigas, é frequente e independente. O preponderante para o lazer cotidiano é o espetáculo, de teatro, de cinema, de esporte e outros, o que reduziu a participação das coletividades que era ativa nas festas antigas.

Atualmente há a valorização do divertimento em detrimento da cerimônia. O indivíduo tem outra liberdade nas festas ou em outras atividades dos momentos de lazer; a limitação está relacionada à classe social ou ao equilíbrio escolhido entre os diferentes tempos sociais.

Para Dumazedier (1994) a revolução cultural do tempo livre está baseada em três pontos fundamentais, quando a prática do lazer está menos associada às práticas tradicionais, do repouso, do jogo ou da festa.

Assim, houve alteração da relação do indivíduo com ele mesmo. Há, atualmente, liberdade individual, antes reprimida, embora os demais controles permaneçam, tais como o controle social e o das instituições conforme afirmou:

Houve alteração da relação do indivíduo com ele mesmo [...] “Não acontece sem conflitos, mas com a valorização do tempo livre, um novo *espaço de expressão livre* foi conquistado pela individualidade sobre o espaço do controle social anterior pela instituição [...] a autoridade social se abranda para permitir a cada individualidade uma atividade mais espontânea, primeiramente no tempo livre, depois em

graus menores, nos outros tempos sociais comprometidos ou determinados (DUMAZEDIER, 1994, p.64).

A relação entre os indivíduos foi, também, alterada, evoluiu. Os limites impostos ao indivíduo ainda existem, mas são menos rígidos em relação aos anteriores.

No tempo livre inventam-se, no conformismo ou na originalidade, modelos de relações sociais que obrigam todas as relações institucionais a serem mais criativas, mais imaginativas, mais frequentemente renovadas. É o tempo das relações festivas por excelência, mais que das festas de calendário e institucionais. É o tempo de uma busca de sociabilidade viva (DUMAZEDIER, 1994, p.64).

A seguir, são descritas informações sobre festa com destaque para Amaral (1998) que compilou as pesquisas de diversos autores e destacou que a primeira definição de festa foi a de Freud, em Totem e Tabu de 1914, e que foi Durkheim quem observou pela primeira vez a função recreativa e libertadora da festa, no sentido religioso ou não, e que associou o ritual com a festa e destacou o que segue:

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso [...] Pode-se observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, músicas, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital e outros. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem aos excessos, fazem perder de vista o que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento, [...] não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados (Durkheim, 1968:587 apud AMARAL, 1998).

Complementou, então, que para Durkheim:

As principais características de todo tipo de festa são: a superação das distâncias entre os indivíduos, a produção de um estado de efervescência coletiva e a transgressão de normas coletivas. A idéia

de objeto sério ou finalidade grave foi totalmente abandonada (AMARAL, 1998, p.25-26).

Ao referir-se ao divertimento (pressuposto da festa) em grupo, Durkheim apud Amaral (1998), entendeu que, como na religião, o indivíduo é dominado pelo coletivo e que nesses momentos são reafirmadas as crenças e as regras que possibilitam a vida em sociedade. O grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais.

As cerimônias festivas e os rituais religiosos fortalecem as relações sociais que, com o tempo, tendem à dissolução. Argumenta, também, sobre o que Durkheim afirmou: a religião e a festa refazem e fortificam o espírito fatigado por aquilo que há de muito constrangedor no trabalho cotidiano. Nesses momentos, os indivíduos libertam-se temporariamente das regras sociais e liberam a imaginação.

Nesse sentido, então, a análise de Amaral (1998), sobre os autores que estudou, possibilitou entender que o divertimento (pressuposto da festa) é uma rápida fuga da monotonia cotidiana do trabalho pela sobrevivência [...] a festa (como o ritual) reabasteceria a sociedade de energia, de disposição para continuar [...] estimulando os sentidos e as sensações, formando a energia do coletivo, que é intensificada pela associação com música, bebida, comida, comportamentos ritualizados, danças, sensualidade e outros que são comuns nas festas.

Amaral afirmou, também, que a festa permite que se apreenda o sentido de cidadania, ao propiciar a consciência de comunidade, de grupo e atribuiu importância à festa considerando três pontos de vista:

- a) Cultural, uma vez evidencia os aspectos relacionados aos valores, às artes, à devoção;
- b) Modelo de ação popular, importante na interação e integração social;
- c) Produto turístico, capaz de promover e revitalizar cidades até então menos conhecidas ou que viram as suas festas mais tradicionais perderem a visibilidade perante o público.

Por outro lado, Duvignaud apud Amaral (1998, p. 31) não considerou a festa como forma de reorganização social, mas como a ruptura, anarquia, como o poder subversivo, negador, da festa. Essa característica da festa independe da cultura e tem efeito destruidor, de desagregação social.

Aliás, nesse sentido Amaral (1998) considerou que isso não ocorreu na sociedade brasileira e afirmou que na sociedade brasileira as festas são uma constante, surgem mais e mais motivos para festejar todo tipo de coisas e modo de fazê-los (AMARAL, 1998, p.33).

Amaral (1998) argumentou que em algumas festas atuais é visível o empobrecimento em relação às festas do século passado como, por exemplo, as de Reis e do Espírito Santo, especialmente nos aspectos estéticos e alimentar, e pela ausência das elites nas festas populares, como os carnavais de rua. No entanto, considerou que atualmente as festas crescem em todos os sentidos (luxo e participação, por exemplo) e as elites voltam a elas, sendo comum vê-las nos carnavais e forrós (AMARAL, 1998, p.34).

De acordo com Priore (2002) a festa pode ser considerada como uma forma de:

Expressão teatral de uma organização social, a festa é também fato político, religioso ou simbólico. Os jogos, as danças e as músicas que a recheiam não só significam descanso, prazeres e alegria durante a realização; eles têm simultaneamente importante função social: permitem às crianças, aos jovens e aos expectadores e atores da festa introjetar valores e normas da vida coletiva, partilhar sentimentos coletivos e conhecimentos comunitários (PRIORE, 2002, p.10).

Priore (2002), ao estudar festas no Brasil, afirmou que a festa é um espetáculo, podendo ser até mesmo o espetáculo. Como segue:

Espetáculo como momento de celebração de alegria e felicidade, de exaltação coletiva e violência, de comportamentos mais rústicos ou manifestação do corpo grotesco, situações em que não há presença de espectadores; e o espetáculo institucionalizado em que a ordem e a disciplina são elementos essenciais, as ações devem ser previsíveis e controladas, bem como o tempo e o espaço; os atos devem ser mais técnicos; a segurança deve ser maior e a programação precisa ser mais delimitada - situações nas quais a população não participa ativamente; antes, passa a ser expectadora. Esse último significado identifica o espetáculo como uma realização, um evento que foi estabelecido, principalmente, pela ação do Estado para maior controle (PRIORE, 2002, p.14).

Brandão (1989) afirmou que nas cidades brasileiras, médias e grandes, predominam as festas cívicas, históricas e profanas, por outro lado, nas cidades pequenas e nos povoados do interior são comuns os festejos locais e os religiosos.

No entanto Amaral (1998) estudou várias festas brasileiras e considerou que a natureza dessas festas é de caráter religioso.

Aliás, ao considerar o caráter religioso das festas brasileiras, Amaral (1998) ponderou sobre a compreensão das relações entre festa e ritual. Alegou que existem, no mínimo, duas posições sobre o tema ritual e que são divergentes. A de Gluckman, que afirmou que o ritual está relacionado à religião, e de Edmund Leach, que considerou que o conceito de ritual pode ser aplicado às outras áreas do campo social.

Por outro lado, associando o conceito de festa ao alimento Lody (2008) afirmou que:

A festa culmina, une os homens, relembra histórias, ativa memórias, traz ancestrais, santos, deuses, mitos, todos reunidos nas mesmas comidas, nos mesmos atos de comensalidade, de marcar datas, ciclos, eventos que identificam sociedades e, por isso, são autorais, próprios, singulares de um povo, de uma região, de uma civilização, de indivíduos. Cardápios identificados aos grandes ciclos: carnavalesco, junino, natalino, além de muitas outras datas de caráter regional, familiar, de certos grupos, tendo sempre na comida o elo fundamental que identifica e reconhece a festa (LODY, 2008, p.25).

Esse mesmo autor associa a festa à comida, quando afirmou que:

Os momentos importantes têm que ter o acompanhamento de comida e de bebida. Os amigos se reúnem, comida. Uma festa em casa, no bar, no restaurante, comida. Aniversário, batizado, casamento, comida. Uma festa na rua, uma festa na escola, uma festa no templo, comida. Mesmo na morte, muitos povos oferecem comida para as pessoas que participam das cerimônias em honra do morto e, em diversos casos, o próprio morto recebe comida. Certamente, não para comer, e sim para lembrar as comidas preferidas, as bebidas preferidas [...] comer é existir enquanto indivíduo, enquanto história, enquanto cultura, dando o sentido de pertencimento a uma comunidade, a um povo (LODY, 2008, p.32-33).

Dumazedier (2001) explica a relação entre tradição e o lazer e considerou que a tradição pode ser definida como um fator de resistência à mudança. Dessa forma, a tradição poderá ser:

Causa de rejeição do lazer moderno, causa de uma desadaptação ou de uma adaptação insuficiente, apresentar um quadro ritual para a integração das atividades modernas, conferindo-lhes um novo significado e ainda ser um fator de equilíbrio no desenvolvimento de novas tendências. (DUMAZEDIER, 2001, p.74).

Assim, Dumazedier (2001, p.74-75) exemplifica cada uma dessas causas, considerando a França nos anos 50 em seus exemplos:

A tradição é causa de recusa à modernização, por exemplo, muitas pessoas idosas não ouvem rádio e, ao serem questionadas dizem “no meu tempo não havia rádio e podemos muito bem continuar sem ele”.

A tradição é devida à inadaptação às novas formas do lazer, por exemplo, nas áreas rurais o carro é, ainda, pouco utilizado para viagens de recreio.

Além disso, questionou: Como poderá a tradição ser forma de integração das inovações? Nesse caso, parece interessante avaliar o exemplo das festas tradicionais. Por exemplo, o Carnaval era uma oportunidade de utilizar máscaras de pessoas mortas que, segundo se pensava, voltavam para distribuir benefícios para os vivos. Atualmente essas festas são oportunidade para reuniões, mas não têm esse significado mágico-religioso. Não são mais cerimônias sacras, mas acontecimentos profanos, divertimentos coletivos.

No passado, a festa cerimonial constituía completa ruptura com a vida comum, monótona e miserável. Num mundo mais coeso do que o nosso, essas cerimônias propiciavam uma fúria coletiva total, corpo e alma, acompanhados pela liberação explosiva do ser humano Bergé (apud DUMAZEDIER, 2001, p.76).

Até o fim do século XVI até os prelados permitiam que as orgias anuais da Festa dos Loucos, entre o Natal e o Dia de Reis, fossem no interior das igrejas. Nesse dia, João-ninguém comia por quatro, enquanto nos outros dias da semana, a fome, sem reбуços, dizimava as aldeias. Nos dias de festa os fiéis entregavam-se a toda espécie de atos, considerados como pecados mortais na vida comum. Atualmente, em princípio, as atividades de lazer comuns são ir ao cinema, ouvir o rádio e outras atividades. A festa diluiu-se na vida cotidiana e por isso perdeu seu caráter explosivo e mesmo catártico (DUMAZEDIER, 2001). Algumas festas não existem mais e outras têm objetivos distintos dos originais.

No entanto, o lazer moderno não aboliu todas as festas tradicionais, permanece em algumas e têm outro significado. Outras festas profanas substituíram as cerimônias tradicionais. Na civilização contemporânea, a festa é um fenômeno de autoridade e coesão total [...] é oportunidade para afirmar a vitalidade e a unidade de um grupo; é o momento para distrações, cuja relação com o rito e a cerimônia cada vez mais se enfraquece. A festa é vivida como cerimônia e lazer (DUMAZEDIER, 2001, p.76).

Assim, em função das respostas dos entrevistados a Festa das Nações de Piracicaba contribui para o lazer da cidade de Piracicaba. A comida é que atrai as pessoas para participarem da festa, no entanto há outros atrativos nessa festa, como a interação entre as pessoas, a convivialidade, a possibilidade de assistir as atrações musicais e também ao fato da festa ser um evento filantrópico.

Em relação ao ritual da festa, as cerimônias de abertura e de encerramento são adequadas, mas não são consideradas marcantes e não constituem atrativo para as pessoas frequentarem a festa. A comida é o principal atrativo da festa e, geralmente, está associada à reunião das pessoas para alimentação, a comensalidade.

Nessa pesquisa, uma das abordagens da hospitalidade inclui a dimensão da comensalidade.

4. COMENSALIDADE

4.1 As Atrações da Festa das Nações de Piracicaba

Durante a realização da Festa das Nações, com exceção do primeiro dia, que há um jantar fechado, direcionado para um público reduzido, no qual só é possível participar mediante compra antecipada de convites, nos demais dias da festa, todas as barracas são abertas ao público em geral e o principal atrativo é a variedade da oferta de comidas e de bebidas típicas, oferecidas pelas barracas e pelos quiosques.

Cada barraca representa um país ou uma determinada região do Brasil, possibilitando que o indivíduo tenha a oportunidade de desfrutar da variedade de comidas e até de bebidas típicas desses países e dessas regiões do Brasil.

Nos últimos anos, algumas barracas criaram dois ambientes de vendas para uma mesma barraca como, por exemplo, a dos países árabes, que tem um recinto com mesas onde são servidas as refeições, almoço e jantar, tem música e danças típicas, e, na entrada, em outro recinto, os quiosques, tem a venda de alguns dos produtos para os frequentadores que circulam pela rua interna em que a barraca está.

Devido a essa divisão de ambientes é possível perceber a diferença de público que frequenta a Festa das Nações de Piracicaba, ou seja, há o público composto pelas famílias, que utiliza os espaços dos salões, com mesas e cadeiras que possibilitam uma melhor acomodação para o consumo das comidas e das bebidas, e o público jovem, que prefere circular pelos corredores da festa e consumir as comidas em pé ou até mesmo enquanto circula pelos corredores do recinto. Nesse sentido, essa festa é um evento que possibilita que pessoas com diferenças de idade e de classes sociais, frequentem um mesmo espaço social.

No ano de 1983 quando surgiu a idéia de criar a Festa das Nações, os organizadores, inicialmente, contactaram os grupos de imigrantes de países, principalmente da Europa, que se fixaram na cidade de Piracicaba para colaborar no desenvolvimento das receitas e no preparo das comidas típicas de cada local, para que as características originais de cada receita pudessem ser representadas e preservadas. Essa ação justifica a escolha do tema e o nome da festa.

Devido a essa participação, desde a primeira edição Festa das Nações de Piracicaba, há a frequência de pessoas de diferentes etnias nessa festa.

Assim, ao longo desses anos de realização dessa festa, em algumas barracas, para a organização, a administração e a realização da festa há a atuação dos imigrantes ou dos grupos dos descendentes desses imigrantes para a aquisição, a produção e a venda das comidas, em outras barracas não é mais assim.

A barraca Japonesa, por exemplo, no ano de 2014, contratou um restaurante da cidade de Piracicaba que faz comida japonesa, para produzir as comidas típicas do Japão para a Festa das Nações e, nesse caso, não houve a participação do grupo da colônia de imigrantes.

A barraca dos Países Árabes, conta até os dias de hoje, com um grupo de descendentes de libaneses, para produzir as comidas descritas no cardápio da barraca. Dessa maneira, as receitas típicas passam a ser produzidas de geração em geração, mantendo as mesmas características, o que possibilita a caracterização da identidade da comida da barraca e a tentativa de preservar os hábitos culinários e culturais desse povo. Além disso, nessa barraca são preservados outros hábitos culturais desse povo.

A barraca Alemã é um dos pontos de encontro dos jovens durante a festa, em função da venda do chopp. Anexo ao restaurante, onde são vendidas as comidas típicas, tem uma tenda para a venda de chopp e de porções. Nessa barraca são também mantidas as tradições culturais da Alemanha, em função dos trajes típicos utilizados pelas pessoas que trabalham, a música, a dança e outros.

Em seguida, serão descritos os cardápios das barracas, os países que representam e as entidades assistenciais que organizam as atividades de cada uma das barracas:

África – Frango africano (carne de frango no pão), rolinho da África (carne bovina, com arroz com açafrão e farofa com milho), batata frita, bolinho de feijoadá, isca de peixe e mandioca frita. Sobremesas: banana caramelizada com sorvete, bolos de café e de maracujá. Bebidas: água, cerveja e refrigerante, característica Amarula.

Alemanha – Wienerwürst (salsicha branca ou vermelha, salada de batata, chucrute, pão preto e mostarda), verschiede-würstschen (salsicha aperitivo, pão preto e mostarda forte), schlachteplatte (tábua de frios fatiados, pepino em conserva, pickles e mostarda forte), eisbein (joelho suíno) kassler (bisteca suína), gefülltes hünchen (frango, repolho, batata e maçã), Lisensuppe (caldo de defumados), bratwürst (salsicha e mostarda forte), kartofelpuff (batata). Sobremesas: apfelstrudel (torta de maçã) Bebidas: água, cerveja e refrigerante, característica Steinhäger.

Brasil Nordeste – Bobó de camarão com arroz, muqueca de peixe, carne seca acebolada com farinha de mandioca, vatapá, escondidinho, casquinha de siri, batata e mandioca fritas, cuscuz de camarão e peixe, acarajé, espetinho de camarão, bolinho de camarão. Sobremesas: tapioca com cocada e doces diversos. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos e característica coquetel de frutas típicas do Nordeste.

Brasil Norte – Cuscuz de carne seca e de frango, escondidinho de carne seca, filé e peixe à parmegiana salada mista, batata frita, bolinho de carne seca. Sobremesas: trufa de chocolate, bombom de morango, merengue de morango, musse de chocolate e de maracujá, pavê de brigadeiro e de sonho-de-valsas, pirulito de chocolate e açaí na tigela. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos e o característica caipirinha do Norte e batidas.

Brasil Sudeste – Porco na fofinha, arroz, farofa, feijão gordo, salada, batata e mandioca fritas, frango à passarinho, calabreza acebolada e torresmo. Sobremesas: trufa de milho, pudim de leite condensado, musse à Sudeste e prestigio. Pipoca. Bebidas: característica caipirinha.

Brasil Sul – Salada de folhas e tomate, arroz carreteiro, quibebe, farofa, mandioca frita, vinagrete, costela feita no fogo de chão, picanha, alcatra, cupim, maminha recheada, lombo com abacaxi, costela suína, linguiça Toscana, frango grelhado, medalhão, coração, carneiro e queijo coalho. Sobremesa: banana assada com sorvete de creme. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos e características suco de uva e vinho.

Café das Nações – Confit de tomate cereja, echalote caramelada, pães, queijos, saladas, carré de cordeiro, risotos de shimeji e de queijo. Sobremesas: gelato de café, bolos e doces variados. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, vinho e característica café.

Córea do Sul – Bulgog (contrafilé com molho de soja), kimchi (conserva de acelga), galbi (costela bovina com molho de soja), espetos de carne e de legumes, mandu (pastel de carne e legumes), salsicha empanada no espeto. Sobremesa: sorvetes coreanos. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos e característica sojujinro (suco).

Espanha – Paella: Valenciana, de La Huerta, puchero, tortilha espanhola, almejas a la marinera, tapas variadas, jamon Serrano. Sobremesa: churros. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos.

Estados Unidos – Cheese: frango, salada, bacon, cheese tudo e pernil, cahorro

quente: simples, frango e especial, pipoca, espeto de frango, batata: frita e recheada com presunto, com frango e com brócolis. Sobremesas: maçã do amor e com chocolate, morango do amor e com chocolate, sorvetes. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos.

França – Torta de queijo, queijo Brie como molho de maracujá e alcachofra, sopas de cebola e de abóbora, antepasto de cogumelo e tomate seco, baguetes recheadas, feijoada branca, filé: ao molho de mostarda, ao molho de pimenta verde e ao molho de blueberries, founde: de queijo e de carne, mini lanches recheados de presunto e queijo. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos, espumante, destilados e característica vinhos.

Holanda – Patê com torradas e pão preto, arroz, costela suína, linguiça, salsicha, purê de amêndoas, brócolis, cenoura, cebola agri-doce, frango à moda holandês, batata frita, coelho frito, croquete de calabresa, frikadellen (bolinho de carne). Sobremesa: torta holandesa. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos, característica genebra.

Itália – Caponata, salame, azeitonas pretas, provolone, pão italiano, lasanha, canelone, capeleti, talharin, nhoque, rondeli, polpetas, brajolas, polastro, polenta frita, queijo parmesão, molho de tomate. Sobremesas: caçarola italiana e sagu com vinho e creme. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos, vinho nacional características suco de uva e vinho italiano.

Quiosque: pizza, sorvete italiano (com massa; frito), focáccia, uva do amor, doces italianos, vinhos (natural, quente, gelado, com frutas), cerveja, refrigerante e água.

Japão – Sunomomo (pepino agri-doce), salada de bifum, guioza (pastel), misoshiro (caldo à base de soja fermentada), sushi, sashimi, hosomaki, uramaki, temaki, yakissoba (vegetariano e misto) teppan yaki (carne, frango e camarão) lula ou camarão, rolinho primavera. Sobremesa: mochi daifuku de melão. Bebidas: água, refrigerante, cerveja, sucos, características saquê e saquerinha.

México – Tacos (vegetariano, frango e carne), burrito, nachos (Totopos), molhos: guacamole, cheddar e pico de galo. Sobremesa: chocolate quente. Bebidas: água, cerveja e refrigerante.

Nova Zelândia – Patês de azeitonas e de tomate seco, pães e anéis de cebola, carré de suíno, arroz, paleta de cordeiro. Porções: frango, peixe, leitosa, carne, mix de carnes. Sobremesa: pavlova. Bebidas: água, cerveja, refrigerante e vinho.

Quiosque: espetinho de peixe, anéis de cebola, pavlova.

Árabes – Coalhada seca, esfiha, homus, kibe, pão, arroz sírio (arroz, carne moída, peito de frango e amêndoas), arroz com carneiro (arroz, grão de bico, pedaços de carneiro na manteiga e amêndoas), charuto de folhas de uva e de repolho (folha recheada com carne moída e arroz), chicbarak (chapeuzinho de carne cozidos na coalhada com hortelã e alho). Sobremesas: Bacleua (doce de massa folhada com recheio de nozes), Burma (enrolado de macarrãozinho com nozes), Halawi (doce de gergelin), Kneff (ninho de macarrãozinho de pistache ou nozes), Maamul (doce de semolina recheado com nozes), Mantecal, Raha (bala de goma), Restilóz (doce de semolina com coco e amêndoas). Bebidas: água, cerveja e refrigerante, vinho, característica Arak.

Piracicaba – Cuzcuz, pastel (carne, queijo e pizza), crepe (queijo, frango, calabrea e pizza), milho cozido. Sobremesas: bolo de milho, pastel de banana, crepe (goiabada com queijo e chocolate), pão de mel recheado com creme de milho, pamonha, curau. Bebidas: água, cerveja e refrigerante, característica suco de milho.

Portugal – Bacalhoadada, arroz, bolinho de bacalhau, caldo verde, sardinha. Sobremesas: pastel de Santa Clara, pastel de Belém, Toucinho do Céu, Tocha, Coimbra, Gracinha de Cascais e tortas de nozes, avelã, damasco, maçã e coco com fios de ovos (Abrantes). Bebidas: água, chopp, cerveja, refrigerante, sangria e vinhos.

Em função da observação do pesquisador, como frequentador da festa e como profissional que atua na área da gastronomia, conforme está indicado nos cardápios apresentados, há variedade de comidas e de bebidas vendidas nas barracas. Essa diversidade e o fato das comidas serem típicas de diferentes países ou regiões é um atrativo para o frequentador da festa e, também, para os 7.000 voluntários que trabalham na festa e que aproveitam a oportunidade para consumir produtos variados das diferentes barracas.

No entanto, a barraca de Portugal oferece para os voluntários uma refeição gratuita, que é diferente das opções do cardápio da barraca, mas o voluntário que trabalha nessa barraca e que tiver interesse em comprar os produtos típicos portugueses tem desconto, uma vez que trabalha gratuitamente.

Em princípio, os cardápios da maioria das barracas representam os pratos típicos dos diversos países, das regiões do Brasil e do continente africano, mas em algumas barracas não é assim. Na barraca Brasil Norte, por exemplo, o cardápio não representa a culinária da região Norte do Brasil, pois as comidas não são as típicas dessa região. Essa barraca oferece produtos de boa aceitação pelo público, mas que

não representam a Região Norte.

Em contrapartida, ao longo dos anos, é evidente o comprometimento da comunidade árabe piracicabana com os hábitos e os costumes desse povo nas atividades da barraca, que representa os países Árabes, na Festa das Nações de Piracicaba. Há a representatividade desses países, em função da decoração do ambiente, que são tendas, das músicas, das danças, como a dança do ventre, e dos trajes dos voluntários, além das comidas e das bebidas típicas.

Em outras barracas essa relação não é tão marcante, embora em algumas delas seja perceptível, como é o caso das barracas portuguesa, espanhola, alemã, a holandesa, que sempre têm pessoas vestidas com os trajes típicos e as músicas.

A barraca alemã tem também um quiosque exclusivo para a venda de chopp e, conseqüentemente, é o local preferido para os jovens, para reunir grupos de amigos, para paquerar e namorar. Em função desse ambiente, o quiosque, o chopp, os jovens, associado com a música tem características similares à festa alemã, a “Oktoberfest”.

As festas são um espaço propício para favorecer a divulgação da cultura desses países para a comunidade em geral e para o estreitamento das relações sociais, principalmente, quando estão associadas ao consumo de alimentos, a comensalidade.

Para associar a comensalidade com a Festa das Nações de Piracicaba foi perguntado aos entrevistados se A Festa das Nações de Piracicaba contribui para reunir familiares e amigos, que foi a última das perguntas elaboradas para a entrevista.

Houve unanimidade de resposta entre os entrevistados, que consideraram que a Festa das Nações de Piracicaba é um momento para a reunião de familiares e de amigos. Inclusive, três dos entrevistados caracterizaram o tipo de público que frequenta essa festa, em função do que afirmaram:

É uma festa familiar. Durante o dia comparece um tipo de público e à noite outro. Durante o dia predominam as famílias com as crianças que vão para almoçar na festa.

Com certeza, é. A gente encontra as famílias, você vê a filha que veio de fora com neto, a mãe, o pai, o avô. Tem muitas famílias e tem aqueles grupos certos, que vão na barraca certa todo ano. Porque os voluntários também levam a família atrás deles. Então você tem uma tia que está na barraca árabe, com certeza você vai sentar na barraca árabe. Vai prestigiar. Porque é uma beleza esse serviço voluntário e eles são pessoas muito conhecidas da gente, em toda barraca você tem um conhecido e eu acho que isso faz as pessoas irem lá e falar

vou prestigiar o meu amigo que está trabalhando em tal barraca. E é uma festa muito organizada, eu acho muito boa.

Bastante. Eu acho. Com certeza. Aí você compra, por exemplo, no primeiro dia é um jantar fechado, então a gente está sempre telefonando para um e para outro, vamos ajudar, que barraca nós vamos esse ano? Esse ano, por exemplo, eu fui na árabe, aí nós reunimos, nós estávamos em 10 pessoas, então é o momento que você reúne família, você tem um momento que você reúne amigos [...].

Outro entrevistado acrescentou também sobre o tipo de público que frequenta essa festa e ressaltou sobre a participação das pessoas no último dia da festa:

[..] principalmente no domingo você vê muitas famílias que vão almoçar né no encerramento, no último dia da festa. E durante a semana também nos jantares que eu tenho observado são mais amigos, eu acho que famílias vão mais no domingo no almoço [...].

O público que frequenta a Festa das Nações de Piracicaba foi classificado também, por três dos entrevistados, em dois grupos, familiar e de amigos, quando explicaram sobre a frequência nos jantares “fechados”, que são organizados para quem compra antecipadamente os convites, desse jantar que é realizado antes da abertura oficial da festa, para o público em geral, um deles afirmou o seguinte: “Especialmente nos jantares fechados as pessoas se reúnem em grupos grandes de familiares e de amigos”.

As respostas das entrevistas reiteraram o caráter da Festa das Nações de Piracicaba como um momento de reunião das pessoas. É um ponto de encontro, de reencontro e é um evento familiar. É especialmente uma festa familiar e de encontro de casais e de encontro de amigos.

Dessa forma, com base nas repostas das entrevistas, é possível afirmar que todos os entrevistados consideraram que a Festa das Nações de Piracicaba é um evento familiar.

Ao mesmo tempo é, também, oportunidade para encontrar e reencontrar as pessoas, amigos e, ou, familiares.

Há variação na frequência em função do horário e do tipo de público. Assim, durante o dia comparece um tipo de público e à noite outro. Inclusive, um dos entrevistados afirmou que no almoço no domingo predominam as famílias e nos jantares durante os dias da semana predominam os grupos de amigos.

Além disso, foi destacado ainda que os familiares dos voluntários participam também da festa, para prestigiarem o trabalho de quem está trabalhando como voluntário.

Outra informação que foi possível obter foi a relacionada à frequência nos jantares, que são realizados na quarta-feira, que é a primeira atividade no período da festa. Participam desses jantares apenas quem compra antecipadamente o convite. Nesse jantar os principais frequentadores são as famílias e, principalmente, pessoas amigas e os grupos de amigos. Nesse caso, essa atividade da Festa das Nações de Piracicaba é diferenciada, no sentido de restringir o acesso das pessoas à festa.

4.2 Comensalidade e Festa

Para iniciar o tema comensalidade é interessante escrever sobre o que relatou Fernández-Armesto (2010) sobre a comida:

[...] havia quatro temas com os quais sempre se podia contar para despertar o interesse do público: crime, amor, dinheiro e comida. No entanto, só o último deles é realmente fundamental e universal, pois o crime, mesmo nas sociedades mais desregradas, é um interesse minoritário, e é possível imaginar uma economia sem dinheiro, bem como uma reprodução sem amor, mas não a vida sem comida. Além disso, existe um bom motivo para que a comida seja considerada o tema mais importante do mundo: ela é a coisa mais importante para a maioria das pessoas, a maior parte do tempo (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010, p.13).

Esse autor escreveu sobre a comida, que considera um tema mundial e que é parte da história do mundo, associou a comida aos seres humanos e às suas interações com a natureza, considerando também outros conceitos, dentre os quais o ecológico, o cultural e os relacionados à culinária, além de conectar esses temas à comida do passado e à forma atual de comer.

Em seu livro escreve sobre a ostra. Explica que, na cozinha ocidental “é a única coisa que comemos crua e ainda viva” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010, p.20). Ao referir-se ao alimento cru afirmou o seguinte:

Todos os alimentos crus são fascinantes porque são anômalos – um aparente retrocesso a um mundo pré-civilizado e mesmo a uma fase pré-humana da evolução. Cozinhar os alimentos é uma das poucas práticas estranhas que são peculiarmente humanas – estranha em

termos da natureza, tendo em vista os padrões mais comuns de abordagens ao alimento demonstrado pela maioria das espécies. [...] O ato de cozinhar pode ser considerado um diferencial da espécie humana – exceto por uma séria qualificação: no vasto espaço de tempo da história humana, a culinária é uma novidade recente. Não há qualquer evidência possível de que tenha mais de meio milhão de anos, nem evidências absolutamente convincentes de mais de cerca de 150.000 anos (FERNANDEZ-ARMESTO, 2010, p.22).

Refere-se então à culinária, que pode ser entendida como o preparo da comida para a alimentação do homem ou de outros animais, conforme os exemplos que citou:

O cultivo é uma forma de culinária – “*terram excoquere*”, como Virgílio a chamava -, expondo os torrões de terra ao sol ardente, fazendo da terra um forno para as sementes. Animais com estômagos apropriadamente fortes preparam a comida ruminando: por que isso não poderia ser classificado como culinária? (FERNANDEZ-ARMESTO, 2010, p.23-24).

Fernández-Armesto (2010) continua a explicar outras formas de preparo da comida ou o motivo para o preparo dos alimentos, associando diferentes processos à alimentação humana, conforme explicou:

Em culturas de caçadores, os homens que matam a caça costumam se dar como prêmio uma refeição do conteúdo parcialmente digerido do estômago da presa: substituição instantânea da energia gasta na caçada. Esta é a típica protoculinária natural – o exemplo mais antigo que conhecemos de alimento processado [...] no momento em que esprememos o suco do limão em nossa ostra começamos a modificá-la, a efetuar mudanças que irão afetar-lhe a constituição e o gosto: em uma definição mais ampla, isso poderia ser chamado de culinária (FERNANDEZ-ARMESTO, 2010, p.23-24).

Expande a sua explicação com outros exemplos interessantes sobre as formas de preparo da comida que podem ser relacionadas à alimentação humana:

Uma vinha-d’alho, se usada por muito tempo, pode ter efeitos tão transformadores quanto aplicações de calor e de fumaça. Pendurar a carne para dar-lhe um sabor de caça, ou simplesmente deixa-la ao relento para apodrecer um pouco, é uma maneira de processá-la para modificar a constituição e a digestibilidade: esta, obviamente, é uma técnica mais antiga que cozinhar com fogo. A secagem ao vento, que é uma forma especializada de pendurar o alimento, produz uma mudança bioquímica profunda em alguns alimentos. O mesmo ocorre quando os enterramos – uma técnica para provocar fermentação que já foi bastante comum, mas que é pouco utilizada na culinária ocidental moderna, embora celebrada com o nome de *gravlax*: literalmente

“salmão de sepultura”. A aplicação química de tintura escura em certos tipos de queijos que antes eram preservados na terra também é uma forma de quase-culinária, parecida com enterrar o alimento. Entre alguns cavaleiros nômades, os cortes de carne tornam-se mais comestíveis depois de colocados sob a sela para que, durante a longa cavalgada, fiquem aquecidos e prensados no suor do cavalo. Bater o leite é um processo quase que de magia alquímica: o líquido vira sólido, o branco vira dourado. A fermentação é ainda mais mágica, porque pode transformar um grão comum e sem graça em uma poção que pode modificar o comportamento, suprimir as inibições, provocar visões e revelar mundos imaginários (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010, p.23-24).

Fernández-Armesto (2010, p.24), questiona, então: “por que entre todas essas formas surpreendentes de transformar o alimento, haveríamos de privilegiar o cozimento à chama aberta?”. E continua...

A resposta, se é que existe uma, está nos efeitos sociais do alimento cozido ao fogo. O ato de cozinhar merece seu lugar como uma das grandes novidades revolucionárias da história não pela maneira como transforma a comida – há muitas outras maneiras de fazê-lo –, mas sim pelo modo como transformou a sociedade. A cultura começou quando o que era cru foi cozido. A fogueira no campo passa a ser um local de comunhão quando as pessoas comem ao seu redor. O ato de cozinhar não é apenas uma forma de preparar o alimento, mas também uma maneira de organizar a sociedade em torno de refeições em conjunto e de horários de comer previsíveis. Ele introduz novas funções especializadas e prazeres e responsabilidades compartilhados. É mais criativo e constrói mais laços sociais do que o mero comer junto. Pode até mesmo substituir o comer junto como um ritual de adesão social (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010, p.24).

Ao referir-se à história da comida em seu livro esse autor propôs oito classificações, que denominou de “revoluções”, das quais serão mencionadas cinco, que são as que têm relação com o tema da pesquisa, a saber:

A primeira revolução é a da arte de cozinhar, que foi o que diferenciou o homem do resto da natureza e foi o início da história da mudança social;

A segunda revolução refere-se à descoberta da comida relacionada ao mito e à magia, na medida em que “o comer transforma-se em um ritual e torna-se irracional” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010, p.16);

A terceira revolução é relacionada à domesticação e à criação de animais e a quarta relacionada às plantas; os dois são utilizados para a alimentação do homem;

A quinta revolução “é o uso da comida como meio e indicador de diferenciação social” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010, p.16).

Com base nessas informações é possível compreender que a comida, utilizada como alimento para o homem, é o elo de ligação do homem com ele mesmo e os demais seres, com o ambiente em que está inserido e em todos os momentos da vida do indivíduo.

Outra forma de entender a importância da comida é a considerada por Carneiro (2003) que afirmou que:

A alimentação é, após a respiração e a ingestão de água, a mais básica das necessidades humanas. Mas como “não só de pão vive o homem”, a alimentação, além de uma necessidade biológica, é um complexo sistema simbólico de significados sociais, sexuais, políticos, religiosos, éticos, estéticos, etc. (CARNEIRO, 2003, p.1).

A partir dessas noções sobre a importância da comida ou do alimento e do ato de alimentar-se, a alimentação, é possível, então, considerar outras relações sociais em que a comida ou o alimento ou a alimentação podem ser inseridos como é o caso da comensalidade.

A comensalidade, conforme afirmou Boutaud (2011) é:

Uma das formas mais reconhecidas de hospitalidade, em qualquer época e em todas as culturas, é compartilhar sua mesa, ou então sua refeição com alguém. Comer juntos assume, então, um significado ritual e simbólico muito superior à simples satisfação de uma necessidade alimentar. Essa forma de partilha, de troca e de reconhecimento é chamada comensalidade. [...] No contexto ordinário, não se trata só de comer, mas de saber comer em comum, de ser visto comendo, sob o olhar dos outros. Todo o ambiente se torna um cenário, a encenação da refeição, a encenação de si. O que é necessário, comodidade ou hábito assume o caráter de um símbolo ou força de ritual. Isso significa colocar em jogo seu comportamento, sua imagem, sua identidade, criada dessa forma na relação com o outro e favorecida pela mesa ou pelo local ritual da refeição (BOUTAUD, 2011, p.1.213).

Neste sentido é possível relacionar a comensalidade com a noção de hospitalidade de Mauss (1974) e com a reflexão já apresentada sobre o processo civilizatório (ELIAS, 2011), que foi intensificada com o decorrer da Modernidade. Centrada no “dar, receber e retribuir”, a dádiva é o princípio que rege as relações de hospitalidade assim como as de comensalidade. O alimento dado, necessariamente deve ser aceito e possui tempo social para ser retribuído pelo grupo. As regras para essa troca são estabelecidas socialmente, assim como o espaço e as maneiras de

agir, consideradas adequadas aos participantes da troca. Dessa maneira Boutaud (2011, p. 1.213) ressalta que à mesa a identidade é criada, mas também colocada em jogo.

Boutaud considerou, com base na afirmação de Ariès (2000), que existem no ritual da refeição em comum ou à mesa dois eixos essenciais de nossa humanização, o horizontal e o vertical e explica o que significa cada um deles:

O eixo horizontal é a força de agregação e de coesão que a comensalidade alimenta: A comunidade se forma, se encontra, se reconhece; expressa sua unidade, seus vínculos, sua capacidade de intercambiar, de se abrir, de se relaxar e de se divertir. No caso do eixo vertical, a comensalidade convida ao respeito das hierarquias, dos lugares, dos papéis, à procura do belo, do bom gosto, do gosto refinado ou elevado, até a grandiosidade ou ao sublime que cada um inventa para si por meio das festas e banquetes, refeições faustosas ou um momento de êxtase gastronômico (BOUTAUD, 2011, p.1.213).

Complementa que a comensalidade deve ser considerada na sua dimensão simbólica, horizontal e vertical, unificante e transcendente. No entanto, ressalta a garantia de equilíbrio entre dois aspectos da comensalidade ao considerar:

Por um lado o imaginário da mesa e sua liberdade, ou até mesmo a sua extravagância criativa, que por vezes ultrapassa todos os limites; por outro lado, os princípios de ordem e de moderação que determinam a forma estruturante e socializada da comensalidade, até os fundamentos de sua simbólica (BOUTAUD, 2011, p.1.214).

Finaliza afirmando que, ao compreender essas dimensões da comensalidade que são ao mesmo tempo complementares, horizontal e vertical, e aparentemente contraditórias, liberadora e coercitiva, é possível abordar as formas modernas de comensalidade, considerando o seguinte:

Sem excluir as tradições da mesa, a comensalidade moderna brinca com suas próprias contradições, entre congelamento e nomadismo, renuncia identitária e pesquisas das profundezas, para satisfazer a busca de sensações fortes e novas, ou simplesmente responder às pressões da vida atual (BOUTAUD, 2011, p.1.214).

Em seguida, questiona sobre as origens da comensalidade, o comer simbólico – Será preciso se voltar para o homem civilizado ou esperar o homem de bom gosto para descobrir as formas de comensalidade?

Aludindo ao comportamento animal afirma que é visível a função social e simbólica do alimento que é ingerido em comum ou dividido e destaca o que escreveu Cyrulnik:

Mesmo entre os animais, o alimento serve para muitas outras coisas além de alimentar. Ele é um vínculo biológico entre os insetos sociais. Também constitui uma ligação da mãe com o seu filho entre os pássaros. No caso dos mamíferos, o alimento hierarquiza os adultos e organiza os grupos em que ele é utilizado para agir sobre as emoções do outro e governar seus comportamentos, preparando, dessa forma, os animais para o símbolo (CYRULNIK apud BOUTAUD, 2011, p.1214).

Ao comentar sobre outra origem simbólica alimentar, que remonta a 500.000 anos a.C., que foi o partilhar e o dividir o alimento ao redor do fogo, a qual relaciona a função social e a necessidade de integração do indivíduo ao grupo. A partir do momento em que o fogo, que era mantido no exterior da casa, é mantido no interior é criado um ambiente para o preparo dos alimentos e para a consolidação dos vínculos, ao redor do fogo e acrescenta:

A escolha dos alimentos não é indiferente. Algumas espécies, como o cervo, são valorizadas no plano simbólico a ponto de constituir, segundo aquilo que podemos julgar, os primeiros indícios de desigualdades sociais e de expressão das elites por meio da escolha dos alimentos. Muito rapidamente é estabelecida a ligação entre as regras da partilha alimentar, a estruturação dos grupos e sua afirmação identitária (BOUTAUD, 2011, p.1214).

Afirma, ainda, que nas origens da comensalidade, esses primeiros sinais de humanização conduzem, portanto, ao “comer simbólico” e que o caráter místico ou mágico para a realização dos banquetes já está presente em formas rituais e exemplifica com o seguinte:

Em algumas representações executadas em paredes de rochedos (gruta dos Três Irmãos em Ariège) figuram danças sagradas para favorecer a caça. O animal morto era, então, partilhado entre as divindades benevolentes e a tribo ou o clã se reuniam para a ocasião. Essas primeiras formas de comensalidade não podiam deixar de se renovar para as grandes circunstâncias, nascimento ou morte de um membro do grupo (BOUTAUD, 2011, p.1214).

Fernández-Armesto (2010, p.59) ao referir-se ao significado do ato de comer considerou que “em todo o mundo, comer é um ato culturalmente transformador – às vezes de uma forma mágica” e completou:

O ato de comer possui sua própria alquimia; ele transforma indivíduos em sociedade e doença em saúde; muda personalidades; pode sacralizar atos aparentemente seculares; funciona como um ritual; transforma-se em um ritual; pode fazer com que a comida seja divina ou diabólica; pode liberar energia; pode criar laços; pode significar vingança ou amor e pode proclamar a identidade (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2010, p.59).

Dessa forma, o comer simbólico pode ser compreendido em dois níveis, o da incorporação, relacionado aos valores do alimento, e ao valor simbólico da escolha comum do alimento e da refeição em grupo. A comensalidade atua nesses dois níveis, pois há interação entre a natureza do alimento e a natureza dos convivas, isso condiciona a escolha dos alimentos ou a sua exclusão e exemplifica:

Desde a Idade Média, “o porco cuja importância é fundamental no plano alimentar, desempenha na Europa cristã um papel simbólico, totalizador e funciona como um verdadeiro sinal distintivo, sobretudo em relação ao mundo islâmico (para os judeus, na verdade, a recusa da carne de porco é apenas uma proibição entre muitas outras)”. Outro motivo fundamental de oposição é o vinho, uma bebida de primeira importância nas mesas cristãs, mas excluída ideologicamente – se não, de fato, permanentemente – da mesa muçulmana, Montanari e Flandin apud Boutaud (2011, p.1215).

Enfatiza as relações estabelecidas em função do caráter identitário da alimentação:

Função mágica desde a origem, rituais profano e sagrado, prescrições e proibições religiosas, os estímulos identitários do cenário alimentar não faltam. Assim, adivinhamos que, se os alimentos têm sua importância, se consideramos o que comemos, comer juntamente é ainda mais considerado. A prática da convivência no seu sentido próprio, a própria imagem da vida em comum (*cun-vivere*), fortalece desde sempre, a idéia de que comer e beber com o outro favorece a empatia, a compreensão mútua, a comunhão de sentimentos (BOUTAUD, 2011, p1215).

Corbeau; Polain apud Botaud (2004, p.1215) complementaram, ainda:

Comer com alguém é um ato que compromete porque cria laços com a outra pessoa. Em certas culturas, até se considera que o fato de ter

partilhado uma refeição, de ter comido juntos, cria entre os protagonistas laços de uma natureza tão forte que eles se comparam aos laços de parentescos e implicam uma série de obrigações.

O que os homens têm em comum, desde a mesa familiar até o banquete antigo que reúne uma cidade, são os costumes, as normas, os sinais identitários por meio dos comportamentos à mesa, mas também as crenças compartilhadas. Se a relação em torno da mesa cria um laço, mais frequente fortalece o laço existente.

Outro princípio vertical da comensalidade é o fato de reunir o tanto quanto separa e do afastamento identitário, “entre civilizados e bárbaros, elites e pessoas comuns, quando não entre homens e mulheres deixados à distância” (BOUTAUD, 2004, p.1.215). Mesmo que homens e deuses sentem-se à mesma mesa, os homens sempre serão lembrados de sua condição, separados dos deuses e reduzidos a símbolos de oferenda ou de práticas sacrificatórias para honrá-los durante as refeições.

Um dos exemplos é:

As carnes e os vinhos são apresentados ao mesmo tempo no banquete romano (*cena*), o sinal que expressa a amizade é, por excelência, a partilha da carne. Apesar de não ser uma bebida sagrada, o vinho nem por isso deixa de representar seu papel de auxiliar para a festa ou na busca de outros estados. Ele é, aliás, uma constante porque, nas fontes mais antigas, desde o início do III milênio na Suméria, e em outras regiões da Síria e da Mesopotâmia, os textos mencionam banquetes em que o vinho e as bebidas fermentadas são indicativos da festa e da relação amigável (BOUTAUD, 2011, p.1.215).

Ainda continua:

Beber na mesma taça é a garantia de todas as alianças, sinal de solidariedade, até mesmo de fraternidade. Ao passo que, desde os primeiros textos, há numerosas fontes que tratam dos festins de particulares e de banquetes das elites, do entretenimento e do *symposium* grego, de uma certa mitologia em torno do vinho, as referências são mais raras sobre os locais de comensalidade popular, como sobre a venda de vinhos ou ainda sobre as tabernas romanas (taberna, caupona, popina), os cabarés e os albergues, que, até os tempos modernos acolhem a gentinha e cultivam sua má reputação à medida que o vinho e os maus modos se espalham (BOUTAUD, 2011, p.1.215).

No âmbito da hospitalidade a comensalidade utiliza um mínimo de regras. Sempre houve diferença entre a hospitalidade básica, que excluí o alimento, e a hospitalidade amigável em que a refeição está incluída, além de outras atividades. É pelo respeito às regras da *civilité* que o denominado homem civilizado se distingue do bárbaro o que dessa maneira corresponde aos princípios horizontal e vertical da comensalidade. Não dever haver libertinagem e nem perversão quando se quer manter o laço simbólico, ao comer e beber juntos.

A comensalidade proporciona um ambiente de disponibilidade, tanto por quem oferece como por quem recebe o alimento. Se há excesso indica sinal de dádiva, de partilha ou de poder ou proteção. Quem recebe retribui com a homenagem e a fidelidade. O alimento associado ao consumo do vinho favorece a confiança e o abandono. Essas condições, que são favoráveis, podem servir para diferentes finalidades: a primeira a de coesão da comunidade reunida ao redor da mesa, mas que reconhece a ordem e a hierarquia implícitas e a segunda a de criação de um ambiente que favorece os acordos ou as decisões.

O fato de comer e beber juntos possibilita a convivialidade. Por exemplo, o consumo do vinho favorece a confiança e o abandono, que pode gerar a união, em função da ordem e da hierarquia.

As festas e os banquetes são naturalmente associados à comensalidade. Além da partilha, a comensalidade é uma festa em que se come e bebe e é criado um ambiente de distração e de conquista. Nos banquetes, há outras distrações que fazem da refeição um espetáculo. No entanto, é fundamental destacar que essa complementação não deve alterar as características da comensalidade: comer e beber junto, afirmar uma identidade coletiva e partilhar uma maneira de viver. Destaca o que afirmou Ariès:

A coisa é, portanto, não se come bem a não ser entre irmãos. Aliás, a mesa redonda foi o símbolo da fraternidade porque nela cada um se encontra a igual distância do outro. A etimologia recorda: o amigo é, antes de tudo, aquele com se partilha o pão (ARIÈS Apud BOUTAUD, 2011, p.217).

Considerou ainda que à semelhança do que representam o pão e o vinho, o consumo ocidental tem como guias a solidariedade e a hospitalidade.

A questão agora é ver como a necessidade e o prazer de partilhar uma mesa resultam de um equilíbrio entre a liberdade e a improvisação por um lado, a autoridade

e a moderação por outro. Sem isso a comensalidade sai do âmbito simbólico da hospitalidade, com seu natural e sua espontaneidade, mas também suas regras e suas imposições rituais (BOUTAUD, 2011, p.1.217).

Para prosseguir a explanação sobre a comensalidade Boutaud (2011) destaca um imaginário da mesa sem limites: liberdade e exagero.

Inicia afirmando que os símbolos do nosso imaginário, individual e social, são a mesa, a encenação das refeições, as festas e os faustos, de cada época e de cada grupo social. Continua exemplificando sobre os excessos das festas e dos banquetes da antiguidade, como exemplificado a seguir:

Sabemos que os gregos faziam banquetes. Dizem-nos que sempre apreciaram os contatos humanos, mas o que não passava de senso de hospitalidade desenvolvido nos tempos de Homero se tornou, para os mais favorecidos, vida mundana. Tudo é pretexto para festas e banquetes. As pessoas se convidam sem cessar, por vezes muito antecipadamente: em Sibaris, o convite chega um ano antes (FERNIOT apud BOUTAUD, 2011, p.1.217).

Acrescenta ainda que nesse imaginário dionisíaco ou báquico, é difícil discernir entre a realidade histórica, o rumor e a lenda (BOUTAUD, 2011). Afirma ainda que:

O banquete é uma instituição cultural, um ritual indispensável que cria redes de sociabilidade entre os homens, e entre os homens e os deuses, pois sempre admite pelo menos um tipo de carne resultante de sacrifício, da qual os deuses recebem sua parte (DUPONT apud BOUTAUD, 2011, p. 1.217).

Assim, a mesa e a comensalidade constituíram espaço de liberdade, de improvisação, de júbilo. A comensalidade não representa mais a sensatez da partilha. Há a liberação e a emancipação expressas por meio da riqueza e da profusão da cena gastronômica, o abandono de si e o desleixo das maneiras, da liberdade de expressão (BOUTAUD, 2011).

Lugar de partilha, em épocas ordinárias, a mesa é também o lugar de festa e de celebração, do vínculo social e de convivência, mas também dos grandes momentos da vida. Sua função ritual e simbólica se encontra, então, ampliada, glorificada, quer se trate de uma comensalidade popular ou principesca. O princípio consiste em sair do ordinário, de dar à mesa seu brilho e aos participantes toda a possibilidade de viver uma experiência única e inesquecível. A história, como sabemos, se interessou principalmente pelas narrativas e

lembranças dos festins e dos banquetes mais heróicos nesse domínio. Eles constituem as formas mais deslumbrantes de uma dramaturgia que cada um se ocupa em reproduzir de acordo com seus meios ou sua condição (BOUTAUD, 2011, p.1.218).

Nos banquetes, os sinais da comensalidade festiva com todos os excessos são claros e representam o poder, que pode ser identificado por meio da quantidade e da abundância da comida e da bebida e das demais atrações que fazem parte do banquete.

Os vinhos, embora menos destacados nas narrativas dos banquetes e das festas, têm um papel essencial, como pode ser entendido a seguir:

[...] eles contribuem, mais do que qualquer outro elemento de consumo, para a criação de ambiente entre as pessoas reunidas, agindo muito direta e rapidamente sobre o comportamento dos convivas. Inseparável da festa, o vinho preside a amizade, favorece a naturalidade, suprime as barreiras sociais ou mundanas (função horizontal). Ele liberta a linguagem e a imaginação, a ponto de favorecer o contato com o irracional, o sentimento místico (função vertical). Pelo menos, essas são as virtudes atribuídas a ele em todos os tempos, com exceção da cultura muçulmana. Porque, além disso, ele permite passar da disponibilidade ao abandono, autorizando todas as formas de transgressão, o que não deixa de alcançar alguns e fustigar outros. Através da história, o vinho é indissociável do prazer da mesa, e participa, também nesse caso da liberdade dos convivas, mas também de seus excessos (BOUTAUD, 2011, p.1.219).

Os textos da Súmeria (III a. C.) já mencionam sobre as bebidas nos divertimentos coletivos, mas nos banquetes gregos, o *symposion*, local específico para tomar o vinho após o término da refeição, coloca o vinho como essencial para a formação de um rito imutável.

Assim Boutaud (2011, p.1.220) questiona:

Até chegar ao ponto em que a diferenciação entre o jantar e o *symposion* desaparece, dando lugar ao prazer de se embriagar na hora de comer. Mas como não reconhecer na dramaturgia do *symposion*, seu ritmo mantido pelo vinho, os traços quase permanente de cerimônias de mesa, dedicadas ao divertimento e à festa?

E complementa, a comensalidade é uma forma de celebração da mesa e do discurso à mesa, como expressão de um laço de convivência.

Os exemplos da literatura mitológica e religiosa possibilitam a descrição do banquete na Mesopotâmia: uma reunião festiva de uma comunidade, um momento

importante de uma cerimônia, as regras de comportamento e outros (JÒANNES, 1998).

Além disso, afirmou ainda que os banquetes acentuam a ligação entre as festividades religiosas e os festejos profanos (JÒANNES, 1998).

Sempre existe uma refeição comum nos acordos, nas reuniões solenes e nas reuniões de indivíduos, que são familiares ou não. Porque a refeição simboliza o acordo, a partilha da bebida e da comida, que constitui a contrapartida material da redação de um contrato.

Os textos antigos afirmam que os banquetes tinham ritos precisos, embora a maioria referia-se aos banquetes dos deuses ou dos príncipes, mas também às festas das pessoas comuns.

Comer e beber juntos já servia para fortalecer a amizade entre os iguais, para reforçar as relações entre senhor e vassallos, seus tributários, seus servidores e até, os servidores de seus servidores. Da mesma forma, em um nível social mais baixo, os mercadores selavam seus acordos comerciais na taberna, diante de uma panela (FLANDIN; MONTANARI, 1998, p.33).

Jòannes (1998) enfatizou também que:

O fato de beber na mesma taça estabelece, portanto, uma espécie de fraternidade e vale para as alianças entre todos, desde os simples particulares até os que ocupam o topo da hierarquia estatal. Do mesmo modo, a imagem do sal partilhado durante a refeição já é o símbolo do laço que une duas pessoas: na época neo-assíria, ela serve para falar da relação de amizade: o homem do meu sal, designa o amigo com o qual se partilha o sal. A recusa em partilhar os mesmos alimentos pode ser interpretada como um sinal de hostilidade. Do mesmo modo, tratar mal o convidado é naturalmente um sinal notório de descortesia (JÒANNES, 1998, p.57).

A Festa das Nações de Piracicaba é um evento que reúne familiares e amigos. O que motiva a participação das pessoas nessa festa é o consumo dos alimentos, dessa forma é possível perceber a comensalidade, como dimensão da hospitalidade, corroborando as teorias propostas por Boutaud.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto desse estudo foi a Festa das Nações de Piracicaba, um evento realizado há 31 anos. Os enfoques dessa dissertação foram: a Hospitalidade relacionada à cidade de Piracicaba; o Processo Civilizador; a questão da Tradição da festa; o Lazer e o Tempo Livre e a Comensalidade.

Essa festa é realizada com fins filantrópicos, tem a participação de cerca de sete mil voluntários e visa arrecadar recursos financeiros para as entidades assistenciais de Piracicaba, que trabalham em prol de pessoas que possuem necessidades especiais e, ou, que necessitam de auxílio e assistência.

A festa está baseada na venda de comidas, típicas de diferentes países, de algumas regiões do Brasil e do continente africano. Os países ou as regiões são representados por barracas, estrutura física nas quais são vendidas as comidas e há a difusão da cultura e dos hábitos dos países e das regiões que representam.

Um dos fatores que motivou o estudo da Festa das Nações de Piracicaba é porque é um evento gastronômico, que é a área de atuação profissional do pesquisador e pelo fato do pesquisador frequentar essa festa desde a primeira vez em que foi realizada, em 1984. Além disso, não existe documento específico sobre essa festa e esse estudo constitui outra forma de divulgação e valorização dessa festa.

A pesquisa foi exploratória descritiva e a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e documental complementada por entrevistas semi-estruturadas, com pessoas relacionadas ao evento.

A dissertação foi redigida em capítulos e em cada um tem dois tópicos: o primeiro é documental e bibliográfico referente à festa e às entrevistas e no segundo tópico são abordados os aspectos socioantropológicos, baseados na fundamentação teórica dos principais autores relacionados aos temas.

Para as entrevistas foi elaborado um roteiro semi-estruturado (Apêndice 1), em que foram entrevistados oito indivíduos, denominados de “colaboradores”, com o objetivo de obter a caracterização da festa, baseada em um grupo de pessoas envolvidas na festa, que são representantes da prefeitura, das entidades assistenciais, do *trade* turístico e do frequentador da festa.

A cidade de Piracicaba, local de realização da festa estudada, foi descrita em termos geográfico, histórico, cultural e econômico. O referencial teórico utilizado foi o processo civilizador de Norbert Elias, que aborda a alteração dos hábitos e dos costumes dos indivíduos em relação ao espaço em que convivem, destacando a cidade como uma das bases do processo civilizador. Apesar de Norbert Elias não abordar diretamente a hospitalidade o estudo dele possibilitou a percepção das características das cidades, que são os locais em que existem as relações de hospitalidade e, nesse caso, o propósito foi associar as características da cidade de Piracicaba, com hospitalidade e a Festa das Nações de Piracicaba.

Ao longo da pesquisa e em função das entrevistas realizadas a cidade de Piracicaba foi considerada hospitaleira. Alguns dos entrevistados destacaram que, apesar da dificuldade inicial de inserção na sociedade piracicabana, posteriormente sentiram-se integrados à sociedade local. Dessa forma, em função desse referencial teórico e das respostas dos entrevistados a cidade de Piracicaba pode ser considerada uma cidade com características acolhedoras.

Com relação à associação da Festa das Nações de Piracicaba com o conceito de tradição foram apresentadas as fundamentações teóricas da festa e da sua origem e sobre o que é considerado como tradição e tradição inventada, embasado nas informações de Eric Hobsbawm. Esse autor considerou que tradição ou o que é tradicional é o que existe desde tempos remotos, muitas vezes sem que haja conhecimento de quando ocorreu pela primeira vez, e que se repete regularmente. Analisando a teoria de Hobsbawm, a Festa das Nações de Piracicaba é uma tradição inventada. No entanto, sob o ponto de vista dos entrevistados, que representam o senso comum, a Festa das Nações de Piracicaba é entendida como uma festa tradicional.

Para entender o lazer ou o tempo livre foi utilizado o referencial teórico baseado em Jofre Dumazedier. Nesse contexto, a Festa das Nações de Piracicaba pode ser considerada como uma atividade de lazer; aliás os entrevistados afirmaram que a própria festa é uma atividade de lazer e proporciona outros atrativos que foram também considerados como atividades de lazer.

A parte final da dissertação foi sobre comensalidade e foram apresentados os conceitos e a função da comensalidade como dimensão da hospitalidade, considerando o referencial teórico de Jean Jaques Boutaud. Nesse sentido, houve unanimidade entre os entrevistados que consideraram a variedade das comidas

típicas como o motivador da participação na Festa das Nações de Piracicaba, ou seja, a alimentação como forma de agregação das pessoas, de prazer e de lazer. Pensando a hospitalidade dessa festa, em relação à opinião dos entrevistados, é possível considerar que a festa é um momento de confraternização entre as pessoas e é motivo para a reunião e ou reencontro de familiares e de amigos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA PIRACICABA DA LETRAS. **Brasílio Machado** - apontamentos para uma biografia. Disponível em: <http://academiapiracicabana.blogspot.com.br/2010/12/brasilio-machado.html>. Acesso em: 23 jan. 2015.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira - Significados do Festejar, no País que “Não é Sério”**. 1998. 380p. Tese (Doutorado em antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

BAPTISTA, Isabel. Hospitalidade e eleição intersubjectiva: sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v.5, n.2, p.5-14, 2008.

BOUTAUD, Jean Jacques. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac. 2011. p.1213-1230.

BRANDÃO, Rodrigues Carlos. **A cultura na rua**, Campinas: Papyrus, 1989.

BUENO, Marielys Siqueira. Festa: o dom do espaço. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v.3, n.2, p.91-104, 2006.

CACHIONI, Marcelo. O Papel Pioneiro de Piracicaba na Construção Fabril na Província de São Paulo. In: Colóquio Latino-americano sobre Preservação e Recuperação do Patrimônio Industrial, 2012, São Paulo. Colóquio Latino-americano sobre Preservação e Recuperação do Patrimônio Industrial. São Paulo: TICCIH, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=2983>. Acesso em: 26 abr. 2014.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Alegorias urbanas: o passado como subterfugio. **Revista Turismo em Análise**. v.18, n.1, p.125-127, 2007.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, Coleção ABC do Turismo. 2004. 94p.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac. 2011. p.13-30.

CARNEIRO, Henrique. **Comida e sociedade: uma história da alimentação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 185p.

CENTRO ABRIL PESQUISAS. Pesquisa de Demanda Turística na Rua do Porto. 2013. 99p. Disponível em: www.setur.piracicaba.sp.gov.br/website/imagens/downloads/pesquisa_ rua_porto.pdf
Acesso em: 26 abr. 2014.

CHON, Kye-Sung; SPARROWE, Raymond T. **Hospitalidade conceitos e aplicações**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003. 393p.

CLEMENTE JUNIOR, Sérgio dos Santos. **Festa das Nações em Pariqueira-Açu - Hospitalidade e Festa**. Dissertação (Mestrado, Programa de Mestrado em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2006.

CONDEPHAT. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria da Cultura. Disponível em: http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.9e39945746bf4ddef71bc345e2308ca0/?vgnnextoid=300d6ed1306b0210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&IdCidade=0d9f4c21ef3f8210VgnVCM1000002e03c80a_&Busca=Busca. Acesso em: 12 dez. 2014.

CRUZ FILHO, Romualdo. Festa das Nações de Piracicaba 30 Anos de Solidariedade. 2014. 45p. No prelo.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos de pesquisa em turismo**. São Paulo:Futura, 2001. 286p.

DICK, Alvaro. **Festa**: a hospitalidade do imigrante italiano em São Paulo. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) - Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. São Paulo:Nobel, 1994. 199p.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo:Perspectiva, 1973. 33p.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo:Ed. Martins Fontes, 1996. 499p.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro:Jorge Zahar, v.1, 2011. 262p.

FARIAS, Edson. Economia e cultura no circuito das festas populares brasileiras. **Revista Sociedade e Estado**. v.20, n.3, 2005. p.647-688.

FERNANDES, Antonio Teixeira. **Ritualização da Comensalidade**. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 1995. Separata da Revista da Faculdade de Letras. Sociologia, Porto, I Série, vol.7, 1997. p.30.

FERNANDEZ-ARMESTO, Felipe. **Comida: uma história**. Rio de Janeiro:Record, 2010. 362p.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo:Estação Liberdade, 1998. 885p.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolado**. Rio de Janeiro:Record, 2007. 112p.

GODBOUT, Jacques T. Introdução à dádiva. **Rev. Bras. de Ciências Sociais**. v.13, n.38, 1998. p.39-52.

GOTMAN, Anne. Uma Estação Sagrada da Vida Social. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo:Editora Senac. 2011. p.73-82.

GRASSI, Marie Clair. Transpor a Soleira. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac. 2011. p.45-53.

GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade, a cidade e o turismo**. São Paulo: Aleph, 2007. 191p.

GRINOVER, Lucio. A hospitalidade na perspectiva do espaço urbano. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano VI, n. 1, p.04-16, jan.-jun. 2009.

GUIA TURISTICO DE PIRACICABA. Disponível em: <http://guiaturisticopiracicabasp.blogspot.com.br/2014/05/31-festa-das-nacoes-14-1805-no-engenho.html>. Acesso em: 3 jul. 2014.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 316p.

HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.) **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.09-23.

Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba – IPPLAP. Disponível em: http://www.ipplap.com.br/acidade_imagens.php. Acesso em: 12 dez. 2014.

JÒANNES, Francis. A função social do banquete nas primeiras civilizações. In:

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. 885p.

LASHLEY, Conrad. Para um entendimento teórico. In: Lashley C.; Morrison, A. (orgs.). **Em busca da hospitalidade. Perspectivas para um mundo globalizado**. São Paulo: Manole, 2004. 424p.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo: Martins Fontes. 1992, 151p.

LODY, Raul. **Brasil bom de boca: temas de antropologia da alimentação**. São Paulo, 2008. 424p.

MACHADO, Janet Raquel Teixeira. **Arraso**. Piracicaba, v.5, n.27, p.18-19, 2013.

MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. São Paulo: Editora Senac. 2011. 1.437p.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, vol.2, p.37-184, 1974.

OLIVEIRA, Lúcia L. As festas que a república manda guardar. **Estudos Históricos**. v.2, n.4, 1989, p.172-189.

OLIVEIRA, Osmar Nascimento; OLIVEIRA, Terezinha. O processo civilizador segundo Norbert Elias. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul -IX ANPED SUL. 10p. 2012.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Zhar:Rio de Janeiro,1996. 974p.

PARQUE TECNOLÓGICO PIRACICABA. Disponível em:

<http://parquetecnologico.piracicaba.sp.gov.br/index.php/piracicaba>. Acesso em: 23 jan. 2015.

Prefeitura Municipal de Piracicaba, Secretaria Municipal da Ação Cultural (SEMAC). Vanceto, Marcos Antonio. O Engenho Central na história do Brasil e da cidade de Piracicaba. 21p. Disponível em: <http://semac.piracicaba.sp.gov.br/engenho/wp-content/uploads/2012/01/O-Engenho-Central-HISTORIA.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2014.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo:Brasiliense, 1994, 136p.

PORTAL DA SERESTA. Disponível em: <http://www.orizamartins.com/seresta-piracicaba-imagens.html>. Acess em: 26 abr. 2014.

RIBEIRO, Marcelo. Festas populares e turismo cultural. **Revista Pasos**, v.2, n.1, 2004, p.47-56.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. São Paulo: Território do Progresso? Hospitalidade Vista da Ótica da Industrialização e Urbanização da Cidade. In: SIQUEIRA, Bueno Marielys. Org. **Hospitalidade no jogo das relações sociais**. Goiania:Editora Vieira, 2008. 124p.

SOUZA, João J. Lançamento da 31ª Festa das Nações. Disponível em: <http://www.piracicaba.sp.gov.br/-lançamento-da-31a-festa-das-nacoes/28710>. Acesso em: 19 jan. 2015.

STRONG, Ray. **Banquete: uma história ilustrada da culinária dos costumes e da fartura à mesa**. Rio de Janeiro:Zahar, 2004. 299p.

TREVOR-ROPER, Hugh. A invenção das tradições: a tradição das Terras Altas da Escócia. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. São Paulo:Paz e Terra, 2002. p.25-51.

WADA, Elizabeth Kyoko. Reflexões de um aprendiz de hospitalidade. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.) **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo:Thomson Learning, 2003, cap. 4, p.61-72.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro das entrevistas semi-estruturadas.

- 1) Você considera que cidade de Piracicaba é hospitaleira ou não? Por quê?
- 2) A Festa das Nações atrai moradores de outras localidades e o que é feito para isso?
- 3) O que é tradicional em Piracicaba, além da Festa das Nações?
- 4) Quais são as diferenças entre a Festa das Nações e as antigas quermesses?
- 5) Quais são, além da comida, os atrativos para as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos e os idosos na Festa das Nações?
- 6) Quais são as contribuições da Festa das Nações para o lazer de Piracicaba. Qual é o lazer da festa?
- 7) O ritual da festa é adequado? A abertura e o encerramento são, de alguma forma, marcantes?
- 8) Você acha que festa contribui para reunir familiares e amigos?

Apêndice 2 – Modelo das autorizações dos entrevistados para a utilização do conteúdo das entrevistas.

Autorização para uso de conteúdo de entrevista

Eu, _____, RG _____, CPF _____, autorizo Michele Coelho Novembre, aluna do curso de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, a utilizar o conteúdo da entrevista, realizada no dia 03 de julho de 2014, na cidade de Piracicaba, São Paulo, em sua pesquisa, que resultará na dissertação de mestrado intitulada “A Hospitalidade e a Festa das Nações de Piracicaba”, da Universidade Anhembi Morumbi.

São Paulo, 03 de julho de 2014.

Apêndice 3 – Respostas das entrevistas, na íntegra.

Roteiro de entrevistas:

1) Você considera que a cidade de Piracicaba é hospitaleira ou não? Por quê?

Colaborador 1: Eu acho que é. Eu digo isso porque eu não sou daqui de Piracicaba, confesso para você que mudou muito, quando eu vim eu peguei uma Piracicaba ainda bastante fechada, uma sociedade assim bastante discriminativa, inclusive os que vinham de fora eram chamado de forasteiros, onde tudo era muito formal, eu vim de Ribeirão uma cidade assim mais solta, talvez por uma clientela acadêmica muito grande, e anterior a esse crescimento acadêmico que Piracicaba teve, mas eu pude acompanhar uma evolução nesse sentido, então hoje eu acho que Piracicaba se tornou hospitaleira sim, porque tem muito forasteiro. Então eu acho que cada um trouxe um pouquinho da sua carga, tivemos oportunidade de mostrar um pouquinho das culturas diversas, fomos aceitos e eu acho que isso só veio enriquecer, então eu acho que hoje Piracicaba se tornou cidade hospitaleira, acho uma cidade extremamente bonita, uma cidade muito interessante, uma cidade aonde antes de eu vim para cá, eu já conhecia Piracicaba como uma referência cultural em artes, em musica, então eu acho Piracicaba com um potencial imenso que já desenvolveu e que ainda tem para desenvolver.

Colaborador 2: Michele eu acho Piracicaba uma cidade extremamente acolhedora, acolhe muito bem, não faz diferença nenhuma, aliás, quando a gente conversa com as pessoas a gente ouve exatamente isso, Piracicaba é uma cidade que acolhe as pessoas com muita alegria, veja aí os alunos da ESALQ, tem muitos alunos, nós temos algumas faculdades aqui, e essas faculdades trazem alunos de fora, hoje nos temos UNIMEP, temos no início nós tínhamos só agronomia, hoje UNIMEP, temos também a odontologia aí, que é da UNICAMP, então isso está trazendo muitos alunos de fora, e esses meninos e meninas encontram aqui uma receptividade muito grande, tem facilidade para alugar as suas casas ou as repúblicas, são bem aceitos, são bem tolerados nas suas brincadeiras, e todo mundo participa, eu acho a cidade é acolhedora e realmente é o que me faz dizer isso para você com muita segurança, é exatamente esse acolhimento que fazemos com esses alunos que vem de fora aqui

estudar, e pessoas também que vem para o trabalho viu. Que hoje nós temos muitas pessoas. Por exemplo, o Norte e o Nordeste também nos envia muitas pessoas para o trabalho, antigamente muito mais com o corte da cana, hoje já com as indústrias, nós temos assim bastante pessoas vindo de fora e sendo muito bem acolhidas aqui. Michele eu vim para Piracicaba muito cedo, eu sou da região de Tiete, mais eu vim para cá cedo, com uns 10 anos, e logo com a família me envolvi já bastante com a cidade, porque já comecei estudar nas escolas daqui, fazer alguns trabalhos também dentro da comunidade religiosa, sempre frequentei muito a religião católica, a igreja católica e também me envolvia com as atividades da igreja e com isso me facilitou muito o entrosamento aqui, mas você sabe quando a gente é criança a gente se entrosa com facilidade, então não tive dificuldade nenhuma para isso não viu.

Colaborador 3: Ah. De um modo geral eu não acho não. Não. Não. Não acho. Eu... porque eu vivi nesse mundo, nesse universo. Então na Secretaria de Turismo é um turismo receptivo, então eu sentia as pessoas assim... quando dava certo de procurar a gente, a gente fazia por... como é que fala? Receber a pessoa de um modo a informar, ela se sentir bem. Mesmo os restaurantes lá na Rua do Porto, os lugares turísticos, não tem... que é realmente ponto turístico importante internacionalmente, ESALQ, um rio maravilhoso, um Engenho Central e por aí vai. Então é muito rico em pontos turísticos, mas não tinha, não tem ainda um receptivo legal. Agora de um modo geral, as pessoas, eu acho que não é hospitaleira não. Não. É um pouco fechada. Recebe assim pessoas conhecidas. Assim de um modo geral, uma pessoa que conhece a outra. Família, amigos, mas eu não acho uma... o ser humano ele é uma pessoa assim legal. Ser legal... todo mundo sabe ser legal com todo mundo. Mas eu acho que num momento assim mais que necessita de um..... receptivo, de um apoio maior, de uma informação maior ela deixa desejar. A própria prefeitura.

Colaborador 4: Olha, eu não tenho essa participação de como receber uma pessoa de fora. Normalmente eu recebo aqui no fundo né algumas pessoas que vem né relacionadas ao Fundo Social, mas eu acredito que seja uma cidade muito hospitaleira. Eu acho sim, eu tenho certeza que ela é uma cidade muito, ela nos ajuda muito né. As campanhas que eu faço todo mundo se envolve né então, isso me foi uma surpresa. Eu não sabia que Piracicaba era tão solidária as campanhas né que é do agasalho, da fralda, as palestras né sobre o câncer feminino que nós fizemos com

o doutor Sérgio Bruno, trouxemos mil e 200 mulheres e não foi tão divulgado. Então, acho que as pessoas têm interesse em aprender conhecer coisas novas e são solidárias. Pelo menos no trabalho que eu tenho feito eu tive grandes surpresas de empresas, pessoas físicas. Agora com a campanha Tricotando com Amor né que são voluntários que estão fazendo tricô né, cachecóis, gorros pras pessoas carentes dos lares, pessoas que fazem quimioterapia, mas assim, é um número enorme de pessoas voluntárias que multiplicaram e arrumaram mais 15, 20 amigas que estão trabalhando nessa ação. Então, eu acho que. É uma forma de acolhimento também né.

Colaborador 5: Eu acho que sim, eu tenho a experiência, que meu filho é esalqueano e aí quantos menos vem estudar fora na ESALQ, que é uma universidade tão conceituada, e ele por ser da cidade acabou se agregando numa república, então isso era muito verbalizado pelos meninos, o quanto é bom Piracicaba, então eu acho que Piracicaba tem sim um povo que acolhe e que acaba atendendo de uma maneira boa como se fosse da própria cidade, do que eu tenho de experiência eu acho que sim.

Colaborador 6: Olha eu fui muito bem recebida porque a família do meu marido era daqui, então por conta disso as pessoas me acataram muito bem, eu não tive a experiência de chegar sozinha e ir abrindo portas. Mas a minha sobrinha que está vindo para cá agora e é mocinha, ela está se dando muito bem. Sem esse resguardo meu. Por conta própria, e eu acho que foi bem acolhida sim. A hospitalidade do paulista. Não estou falando mal, porque eu amo Piracicaba, é diferente do mineiro. Muito. Por exemplo, eu moro num prédio, eu cumprimento as pessoas que moram aqui, eu cumprimento a minha vizinha, mas eu não entro na casa da minha vizinha, nem ela entra na minha casa. Lá em Ouro Fino, por exemplo, a minha irmã mora num prédio, a vizinha sente o cheiro da comida, Regina o que você está fazendo hoje? A Regina, estou fazendo um lombo. Ela faz o lombo, pega um pedaço e leva na casa da vizinha. É. Ou a senhora mesmo que mora lá no terceiro andar faz bolo de chocolate, sabe que Francisco gosta, já leva um pedaço de bolo de chocolate para o Francisco, a outra que tem casa na fazenda, que é época de fruta, acerola, por exemplo, ela já leva aquele saquinho de acerola que colheu na fazenda, trouxe para ela e leva de presente.

Colaborador 7: Eu acho. Porque eu faço parte de um grupo que é muito hospitaleiro, eu tenho essa característica hospitaleira, e conheço muitas pessoas que são hospitaleiros. Eu já ouvi gente reclamar, principalmente estudantes. Pessoal que chega para a universidade que vem de fora falando, nossa não gostei de Piracicaba. Eu falei, viu então você caiu em algum lugar, em algum nicho que é diferente. Porque eu acho que a gente recebe muito bem. Eu acredito que sim.

Colaborador 8: Olha quando eu vim para cá, eu não sou daqui, eu tive um pouco de dificuldade para me adaptar, foi um pouco difícil eles me acolherem dentro do grupo social de Piracicaba, isso antigamente em 1969 quando eu vim, mas depois de um tempo onde eu fui conhecendo as pessoas, fui fortalecendo amizade e o fato de a minha mãe ser professora no Sud, me ajudou muito, as portas foram se abrindo, e as coisas foram acontecendo com mais facilidade, mas foi um pouco difícil essa parte de adaptação aqui, isso na minha época quando eu vim para cá. Aí colocando algumas outras pessoas, eu acho que mais recentemente está mais fácil. Está bem mais fácil você se adaptar, mas antigamente era muito difícil, eu senti bastante problema, era mais fechado. Depois que você fazia amizade era uma delícia. Eu vim com a minha mãe, meu pai e meu irmão, eles vieram transferidos de (Itapira) para cá.

2) A Festa das Nações atrai moradores de outras localidades e o que é feito para isso?

Colaborador 1: Olha atrai sim, eu digo por que como a gente participa da festa, ali na nossa barraca, no nosso espaço, a gente tem oportunidade de conversar com as pessoas também, vem da redondeza muita gente, é uma festa já tradicional no calendário de Piracicaba acontece faz mais de 30 anos a Festa das Nações, é uma festa que só cresceu durante esse período, e o pessoal vem atraído eu acredito que por conta de uma boa comida, todas as barracas que participam da festa procuram apresentar aquilo que tem de melhor, então normalmente a culinária é de primeira qualidade, a própria movimentação, o próprio local o engenho desperta interesse em ser visto, em ser conhecido, e uma coisa que eu acho que motiva bastante também, é a promoção que é feita durante a festa da rifa do carro. Então eu acho que por conta da rifa, bom eu comprei a rifa, então agora eu vou na festa. Eu acho que isso da uma

ligação que motiva o pessoal. E a gente vê assim uma participação grande dessas cidades menores aqui no entorno.

Colaborador 2: Michele como você sabe uma festa familiar, que é a Festa das Nações, felizmente ainda temos algumas festas com essa característica, festa familiar, e ela atrai bastante o público não só de Piracicaba como de fora, porque é uma festa que você não tem que se preocupar, ela é sadia, saudável, oferece bastante atrativo, como alimentação, principalmente alimentação diferenciada, as barracas com alimentos de todo tipo de regiões, e a divulgação também é muito bem feita, a festa é sempre muito bem organizada, a divulgação dela é muito bem feita na região, e com isso as pessoas conhecendo, vindo e um passando para o outro, como a festa se realiza, sem nenhuma dificuldade, sem nenhum problema, sempre bem organizada, isso atrai muito as pessoas. E vem com tranquilidade porque sabe que os filhos podem vir sem criar nenhuma dificuldade.

Colaborador 3: Atrai de muitas cidades, até de fora do Estado. Ela atrai muitas pessoas. Tanto é que passam na Festa das Nações durante um período de 5 dias aí acho que mais de 100 mil pessoas.

Colaborador 4: Sim. Olha, eu acho que é uma festa que ela tem uma localização maravilhosa. Primeiro que há vários anos ela é feita no Engenho Central que é o ponto turístico a meu ver é o principal da cidade. E eu acho que só o fato da festa ser no Engenho isso já atrai muita gente. É uma festa que é muito divulgada né divulgada nas mídias, rádios, jornais e já é tradição. A região toda vem pra essa festa todos os anos. Tem pessoas, muita gente que não abre mão, não perde essa festa. Então, é uma festa consolidada já que atrai muita gente da região.

Colaborador 5: Eu acho assim que atrai muito, a média de que a gente tem notícias de boas festas. Porque teve ano que teve crise, que foi um pouco menos tal, mas é a média de 100 mil pessoas que passam pela festa, e é divulgada, eu acho que teve momento que foi um pouco mais divulgado, mas é divulgado, como ela tem muita fama, porque esse ano eu acho que é 31. Tá. 31 anos, então está no calendário da cidade, então é acho que é um grande atrativo, e eu acho que o que tem sido divulgado, eu acho que tem sido suficiente, e é uma festa assim de grande porte, eu

acho que o objetivo com que foi criado, que foi na época do Adilson Maluf continuou se mantendo, que é essa ajuda filantrópica as entidades.

Colaborador 6: Atrai. Tem amigos nosso de Araras que sempre perguntava. Quando Jorge era vivo ainda. Quando que vai ser a Festa das Nações? Você avisa que nós vamos. É. E os amigos da Tatiana e do Jorgito também que moram fora, eles não deixam de vir no fim de semana que tem a Festa das Nações. Já sabem. Eu acho que é um atrativo mesmo.

Colaborador 7: Eu acho. Das proximidades, Americana, mesmo Campinas eu acho até. A região aqui toda. Santa Barbara, Americana, Limeira, Rio Claro eu já tive amigos até de Laranjal daquela região, eu acho que vem bastante gente.

Colaborador 8: Muito. Desde o começo, eu trabalhei 14 anos na festa. Desde a época que era lá no Lar Franciscano de Menor. A minha barraca era a barraca chinesa da União Espirita. E continuei, todos esses anos que eu fiquei lá, eu continuei com eles trabalhando, e eu acho que trás muita gente de fora, muita gente diferente, muito jovem, famílias também, bastante. Então é um evento muito joia.

3) O que é tradicional em Piracicaba além da Festa das Nações?

Colaborador 1: Bom, eu jamais poderia deixar de falar da Festa do Divino, certo que eu acho que é uma comemoração assim marcante também. Não só nessa área de social que envolve aí a parte da gastronomia, mas aí a parte cultural, a parte religiosa, eu acho que é uma festa que movimenta Piracicaba, região também porque é uma festa que envolve essas cidades vizinhas, e eu acho que é extremamente saudável esse tipo de coisa, como temos o Salão do Humor, que não é uma festa mais é um evento, e que projetou Piracicaba num cenário mundial através do humor, então eu acho que Piracicaba tem alguns eventos assim bastante marcantes. O tradicional eu acredito que seja aquela coisa bem do geração para geração, então são festas, historias, costumes, hábitos que se passam de pai para filho, então eu acho que nós temos obrigação de manter, como a gente faz o macarrão da mama, que era o da nona, e que vai ficar sendo da bisa, eu acho que a gente tem que manter essas coisas sim. Eu de descendência italiana, você já viu.

Colaborador 2: Olha a Festa do Divino é uma festa tradicional, essa é também marca bastante Piracicaba até no que diz respeito alimentação, antigamente era também... eu dizia tradicional para nós em Piracicaba hoje infelizmente em Piracicaba eu acho que nunca foi registrado nenhum caso estranho, mais é tradicional também o trote dos alunos, dos calouros, nós já estamos assim habituados, quando eles chegam eles estão nos faróis pedindo, vestidos de maneira diferente e alegre, então esse ponto também eu acredito ser tradicional porque isso marcou e está ficando, e nós gostamos de ver, já vamos parando, arrumando moedinha, porque a moçada já está no farol com alegria, com bastante educação, então eu considero também mais um momento de tradição aqui em Piracicaba, e a religiosidade do povo também, é um povo religioso, um povo que mantém a tradição religiosa, são pessoas que respeitam não importa a religião, mas se respeitam, então eu acho que isso é um ponto importante, uma tradição e acredito que isso permaneça porque a religião de certo modo, ela não só em si, mas ela ajuda muito na educação familiar também.

Colaborador 3: ... um hábito, mesmo um objeto, uma dança, uma festa. Não é? Tudo isso é um tradição que ela é preservada e eu acho que tem que ter muito cuidado de realmente prevalecer essa espécie, essa tradição pra uma futura geração e valorizar as coisas lá atrás por conta de que é a identidade de cada um. Inclusive a cidade aqui Piracicaba ela é muito tradicional no sentido do folclore, das danças, do cururu. Olha. A tradição... é meio difícil falar o que que é tradicional porque fica na mão de poucas pessoas.: Mas existe a tradição. Então aqui em Piracicaba a Festa do Divino, por exemplo, a Festa do Tupi de São João, a Festa do Milho, a Festa das Nações sim. Então, a Festa do Divino, por exemplo, ela tem uma tradição de mais de 180 anos. Então é um costume que prioriza a necessidade de que as pessoas precisam preservar as coisas, de modo a estabelecer aquela identidade. Por que prevalece a dança? Porque tem um grupo lá que ainda dança o samba-lenço, a congada, a catira, mas é tímido. A cidade de Piracicaba era considerada no médio dessas danças que eram rurais, ela se urbanizou de uma certa maneira que foi pro palco, mas ela é revivida através de alguns eventos. Essas tradições que é o catira, o samba-lenço, e por aí vai.

Colaborador 4: Eu acho que é tradicional aqui a pamonha né, o curau, a pamonha principalmente, a cachaça de Piracicaba, o rio embora a gente esteja com esse rio tão triste, mas a Rua do Porto, eu acho que é um ponto muito tradicional da cidade.

Colaborador 5: Como tradicional? Para mim quermesse de igreja é tradicional, festas juninas de maneira geral, eu considero Natal, Ano Novo. Em Piracicaba? Festa do Divino que está prestes a acontecer, Festa das Nações, eu acho que já é tradicional. Que mais? Mais lembradas, mais recentemente tem agora a Festa dos Mineiros lá. Que está tendo, é. Eu acho que basicamente é isso.

Colaborador 6: Eu acho que é muito forte a Festa do Divino.

Colaborador 7: Os valores. A educação, o caráter, isso acho que é ser. A gente presa por isso à amizade, a palavra dada, eu tenho que cumprir aquilo que eu prometo, se eu não consegui cumprir, ao menos eu dá uma resposta a isso, agora eu se eu for tratar algum negócio com você eu tenho que cumprir exatamente aquilo que eu falei. Isso é ser tradicional, acho que o respeito é tradicional. Essa palavra acho que está perdida. Olha uma coisa que eu não prestava atenção, a Festa do Divino é uma coisa tradicional. Agora eu como sou ex-aluna da ESALQ é tradicional os encontros na ESALQ a cada 5 anos, mas acontece todo ano, essa escola ela incentiva, estimula o tradicional. Manter as coisas, então eu faço parte disso e me sinto privilegiada por isso.

Colaborador 8: Olha o tradicional em Piracicaba eu acho também, é pessoal, é meu também a Festa do Divino, eu acho uma festa que você não tem como mudar o calendário daqui, e a Festa das Nações hoje ela é absurdamente importante. Eu acho que você chega no mês de maio não ter a Festa das Nações, chegar no mês de julho não ter a Festa do Divino, eu acho assim uma judiação. E outra coisa que eu gosto são as atividades aqui no Largo do Pescador. Eu acho muito gostoso, a Seresta ela coloca varias classes sociais, é um momento que está toda interligada das Nações e a Festa do Divino também. Eu acho muito bacana. Mistura e é uma confraternização muito legal, uma outra coisa que de vez em quando acontece aqui é a festa que eu gosto também, é a Festa da Batata. Que ajuda as entidades.

4) Quais são as diferenças entre a Festa das Nações e as antigas quermesses?

Colaborador 1: Eu acho que a Festa das Nações é uma festa assim, lógico tem um apelo social muito maior, porque envolve várias entidades, as festas, as quermesses antigas normalmente eram realizadas com um único objetivo. Eu falei no início desse evento de Ribeirão ele era realizado inclusive nas dependências do asilo, então era para aquele local. A Festa das Nações consegue atender um âmbito bem maior, e acho assim, se você for comparar com outras festas mais populares, a parte de gastronomia da Festa das Nações se profissionalizou muito, porque as pessoas que vão à festa que frequentam, eles vão com esse intuito, primeiro intuito é de comer bem, lógico tem esse apelo do ajudar o outro, do colaborar com alguma entidade, mas as pessoas num primeiro momento eles querem comer bem, e a festa se estruturou para atender esse público, então hoje eu vejo que a culinária da Festa das Nações é uma culinária extremamente elaborada, aonde você pode perceber em determinados países aí a presença da cultura daquele país para manter tradições, e a gente percebe também profissionais da área de gastronomia sendo chamados para participar de cardápios, para orientar em receitas, para inovar em algumas coisas, então eu vejo uma festa assim com um alto nível de sofisticação gastronômica, e profissionalismo.

Colaborador 2: A Festa das Nações, ela procura já pelo próprio nome trazer... são barracas com característica de cada nação ou até mesmo aqui de alguns estados, a gente sabe que o Brasil tem uma diferença até de alimentação e traje até entre estados, mais esse ponto é bastante básico, o que antigamente as festas antigas não tinham isso, era uma festa localizada, e basicamente os atrativos daquela festa também eram os alimentos, mas na realidade uma alimentação mais própria daquela local e não de diversos locais, já a Festa das Nações, você vê ela tem uma riqueza porque nos faz conhecer costumes e alimentos, e culturas de outros estados, de outras nações. O que é muito importante para todos nós, porque aumenta até a cultura.

Colaborador 3: Não vejo. Ela só é um pouquinho mais elaborada porque as entidades de certa maneira elas são administradas de certa maneira por pessoas da elite. Então, não que eu faça diferença. Mas é assim. Uma Festa do Divino, por exemplo, ela é assim porque é assim. Ela começou assim. A Festa do Milho, por exemplo, é tradição.

Você tem que manter aquela... estabelecer que não pode começar a mudar a festa com... colocar shows. Shows grandes. Então ela tem que ser aquela harmonia, aquela coisa simples, rural. Uma festa que... a quermesse que é muito tradicional. Mas eu costumo dizer agora que a Festa das Nações parece um quermessão agora.

Colaborador 4: Eu vejo sim. Eu vejo que eu acho que assim, hoje a Festa das Nações não é todo o público que pode consumir nessa festa né. Porque é uma festa que pra você entrar em um restaurante gasta-se bastante. Nem todo mundo. Tem esse privilégio né esse poder. Então, acho assim, que na quermesse né qualquer nível da população, as pessoas com uma. De baixa renda, uma renda menor tem condições de consumir de experimentar de saborear tudo que tem numa quermesse. Agora acho que a Festa das Nações fica um pouquinho limitado. A não ser os quiosques né que tem lá fora e que servem bolinho de bacalhau, algumas coisas, crepes. Mais acessíveis. É, mas o jantar ou almoço ficam inviáveis pra uma determinada faixa né de pessoas.

Colaborador 5: Olha, as quermesses ainda se mantêm, muito tradicional também tem a festa de Tupi, também é tradicional. Mas eu acho que tem diferença, com certeza, por exemplo, as quermesses as que eu frequentava na igreja, era referente à igreja, eram voluntários também, o objetivo não era tão diferente, que tinha de angariar fundo para uma determinada instituição, mesmo que fosse a igreja. Só que Festa das Nações tomou um porte muito grande e favorece mais de 20 instituições, não é o caso do CEAMI, graças a Deus, a gente brinca que nós estamos no tempo da vaca gorda aqui. Não é o principal, não é o angariar fundo na Festa das Nações, já foi, mas tem muito entidade que depende dessa festa.

Colaborador 6: Pelo volume de pessoas. Volume, porque lá eram duas 3 barracas, aqui cada barraca representando uma nação, e lá não tinha nada disso, era comida como eu falei para você, típica de lá, e agora aqui você come comida quase, de não sei de quantos países. É uma delícia. Além do leilão. Vinha parque de diversão, aquele carrossel lá. Eu não me lembro de música, não lembro de música se tinha, acredito que devia ter sim. Tinha serviço de alto falante que oferecia música para fulano, sicrano. Tipo correio elegante, isso mesmo. Perdeu, acho que acabou de vez. Tinha a reza antes, a novena antecedendo a festa, no dia da festa tinha a missa, a procissão,

a queima de fogos e o leilão, e a gente passeava, namoravam. Aquela flertava, um passava para lá, outro passava para cá. Paquera. Era isso, era muito simples, bem singelo. Não é esse volume de bebida que é hoje e propaganda de cerveja e tudo mais, é mais familiar mesmo.

Colaborador 7: A quantidade de pessoas. O numero de pessoas, aumentou muito, porque lógico a população aumentou, o numero de pessoas aumentou, então era um evento um pouco menor, porque tinha menos gente que tinha condições de ir, a democracia também é isso. Ela permite que todo mundo vá, então fica um grande evento.

Colaborador 8: A variedade da culinária. A proporção é muito maior, porque nas quermesses tinha os brinquedinhos, quando você entra na rua ali no Engenho Central, você vê a barraquinhas, que tem as pescarias, tem as argolinhas, então tem alguns brinquedos que são tradicionais da festa, e tradicional de quermesse também. Então o que me diferencia de uma para outra é justamente a parte culinária, a variedade que você tem na Festa das Nações, e quando você tinha quermesse era uma coisa mais especifica, era o frango, cuscuz, cachorro quente, pastel. Então era uma opção muito menor, era também muito gostoso, era mais aconchegante do que hoje a Festa das Nações, aí você vai lá você tem a opção de tudo, você come em qualquer país do mundo lá dentro. E muito bem, então essa é a diferença também.

5) Quais são, além da comida, os atrativos para as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos e os idosos na Festa das Nações?

Colaborador 1: Olha a gente tem na festa a parte cultural, que são a participação no palco onde são mostradas danças, musicas dos países participantes da festa, eu percebo que as crianças gostam muito disso, é um momento muito lúdico, os adultos também participam de uma certa forma porque tem crianças, tem parentes, tem conhecidos, tem amigos envolvidos, então eu percebo que existe assim uma participação de público grande nesse momento de apresentações culturais, junto disso sempre tem alguma parte de show, hoje os shows diminuíram em termos de... vamos dizer assim, da estrela quem vem, porque a gente já teve eventos aqui com artistas extremamente famosos, hoje os artistas são artistas que estão iniciando, ou

são artistas mais regionais, mais que chamam um público, principalmente um público jovem, tem a parte de brincadeiras também, de barracas onde as crianças podem participar, tem a oportunidade de instituições mostrarem trabalhos que são feitos por eles durante o ano e que são comercializados durante a festa, então a gente escuta pessoas que foram para comprar determinadas coisas, porque sabem que vão encontrar lá, eu acho que é uma festa assim que atende de A a Z, a finalidade e o objetivo maior da festa é que seja uma festa popular, embora a parte de jantares nem sempre seja acessível a grande maioria, mais uma coisa ou outra eu acho que sempre dá para o pessoal aproveitar.

Colaborador 2: Olha para as crianças sempre houve e acho que continua existindo ainda, os parquinhos, os atrativos de diversão. Tem principalmente a presença dos pais, acho isso importantíssimo porque a criança sabe que o pai está, se ela foi, porque o pai foi ou a mãe foi alguém está com ela, isso também acho de fundamental importância, é um momento de família, isso eu gostaria que permanecesse, porque eu acho que é um dos únicos momentos que nós temos aqui em Piracicaba de participação familiar mesmo, e por outro lado também a sua pergunta diz respeito ao tem. Para juventude existem shows interessantes que agradam, e que também são saudáveis, são interessantes e agrada bastante você vê a moçada estar lá durante o dia, por sua vez também tem os (fúteis) [00:15:21] os passeios entre eles, o relacionamento entre os jovens, algum namorico já surge, então isso tudo é um espaço importante para a juventude de hoje, e para os casais o encontro de conagração, que a gente percebe que ali se encontram pessoas que se conhecem, os que chegam são novos, mais logo se entrosam, então nós conhecemos as pessoa e é um momento de encontro. Muito importante esse momento.

Colaborador 3: Olha, Michele. Eu não vejo tanto... além das danças que tem... mas são... as pessoas não se interessam muito. Não. Então você vê um público muito pequeno na hora de uma dança folclórica, na hora de um cururu, de uma música de raiz. Então o que avoluma a festa na hora da programação do show é show popular mesmo. De bandas, de artista. Tanto é que numa época da Festa das Nações, infelizmente foi na época do doutor Humberto que era prefeito. Eles estabeleceram o seguinte, terceirizar a Festa das Nações. Como eu já disse antes a festa é uma festa delicada, familiar. Então terceirizaram a festa e foi a maior roubada. Não deu certo.

Não. Vinha aqueles mega shows aí que era uma coisa horrorosa. Era invadido de uma forma assim sem limites e estragou de certa maneira a festa. Inclusive as entidades reclamaram muito por conta disso e saíram fora. Mas depois como terceirizava... até vou falar mais. Por que terceirizar a Festa das Nações? Porque a prefeitura já não era mais a secretaria. Já era o Fundo Social de Solidariedade que tomava conta. Então como é muito trabalhosa eles acho que não queriam ter esse trabalho, então terceirizaram, bem. Terceirizaram. E pra pagar os custos que uma festa dessa tem, inclusive deu até prejuízo de certa maneira. Então, porque uma arquibancada, por exemplo, num evento da Paixão de Cristo fica caríssimo. Som, luz, figurinos, cenários. Então isso daí vai dinheiro. E na Festa das Nações acharam que terceirizando ia ficar bom trazendo esses shows aí muito popular, e estragou de certa maneira a festa. Mas retomou depois. Aí acabou com isso. Retomou. Mais um outro perfil assim com os grupos de dança, por exemplo, daqui de Piracicaba, alguns cantores da região daqui do local mesmo, os artistas da cidade. Então se vira com isso.

Colaborador 4: Além da comida, eu acho que são as atrações, as músicas né o palco que fica apresentando bandas que tem alguns shows, não aqueles antigos que, infelizmente, criaram alguns problemas né em alguns anos atrás. Mas eu acho assim, pra crianças são os brinquedos que a Selam coloca a disposição né o pula- pula, tem um monte de brinquedos que fica dentro de um barracão no Engenho né, gratuito né, que as crianças podem brincar lá o tempo todo. Para o jovem acho que o que atrai são as músicas, claro as meninas né, os jovens o lado da paquera e as bebidas também, eu acho que isso atrai. Infelizmente atrai os jovens e os adultos também mais jovens né.

Colaborador 5: Olha, além das barracas com as comidas como você falou, tem um parque para as crianças, eu acho que só tem o parque de diversões lá como atrativo, e tem os shows, então tem shows a tarde, e que graças a Deus depois de um certo tempo deixou de ser mega show, porque nesse período pagava se pouco na portaria e os jovens superlotava e as famílias não iam. Isso foi muito ruim, teve que ter um resgate disso, e a gente até de boca a boca da nossa experiência, de convencer as pessoas que tinha mudado a festa, tinha voltado a ser familiar. Então os shows que tem hoje, não os mega shows, e que as pessoas podem circular livremente, então tem

os idosos que podem ir durante a tarde no sábado, no domingo, e que é possível está aproveitando a festa.

Colaborador 6: Eu acho que também vai girar entorno da comida. Com certeza. Todo mundo vai para comer um quibe, ou vai comer uma comida mexicana, ou vai querer lá na salsicha, eu acho que é comida essencialmente. É. Porque antes quando vinham aqueles artistas assim mais conhecidos, as pessoas iam muito pelo show, hoje em dia não deixou de ter show, tem os shows lá, mais não são de artistas assim. Então eu acredito que ninguém vai lá para assistir uma determinada banda que vai se apresentar, ou ia se apresentar. Não, eu acredito que não, eu não sinto isso.

Colaborador 7: O meu objetivo é encontrar as pessoas. Na verdade reencontrar. Os idosos, acho que vão por conta disso, a maioria vai por conta da comida também, vai para experimentar, inclusive eu tenho uma ligação com a Festa das Nações, porque ela me deu uma ideia que eu faço o cardápio típico aqui. Isso, eu usei isso, mas isso puxa muito as pessoas, não puxa tanto a mim, eu vou mais pelo encontro, mas eu acho que é isso. Agora os jovens gostam dos shows. As pessoas ficam esperando os shows.

Colaborador 8: Olha normalmente as crianças vão para brincar, porque têm os parquinhos, aquelas barraquinhas pescaria e tudo, a juventude eu já acho que é um pouco mais serio, porque eles vão para beber. Então é isso que eu vejo na parte ali onde tem a barraca da árabe, ali naquele cantinho que fica perto, da alemã, ali você fica louca, dependendo do dia da semana que você vai, você não consegue entrar ali porque tem muito moço, muita moça, jovens mesmo com copo de cerveja na mão.

6) Quais são as contribuições da Festa das Nações para o lazer de Piracicaba? Qual é o lazer da festa?

Colaborador 1: É, eu acho que o lazer da festa, o principal é a comilança mesmo, e as pessoas lógico, normalmente se organizam para ir em turma, então vão turmas de amigos para jantar numa determinada barraca, um dia na outra, então tem essa parte de convivência que a gente sente que é bem intensa, mas o atrativo principal da festa é a gastronomia.

Colaborador 2: Michele nós não podemos esquecer a origem da festa. A origem da festa ela continua até hoje sendo mantida nesse sentido. Ela só faz sentido, só tem razão de existir com esse objetivo. Recursos para as obras sociais de Piracicaba, basicamente as obras, pelas informações que eu tenho, às vezes elas conseguem até manter com a renda da festa quase que um semestre do seu trabalho na instituição, você sabe que hoje não é fácil você conseguir verbas estaduais, federais para esse tipo de trabalho. Para as ONGs, elas contam com o apoio da população mesmo, e nesse momento o apoio é muito forte, é bastante grande, a renda é muito boa para as instituições, então eu acho que a maior contribuição, é a contribuição que ela oferece para as obras, porque na verdade a festa existe com essa finalidade. Mais ela trás como consequência também da própria festa, outros benefícios que é aquilo que eu já disse anteriormente, o conagraçamento entre as pessoas, entre os jovens e esse relacionamento até com as autoridades.

Colaborador 3: Pra mim vem mais pra degustar, comer as comidas típicas. Pra mim é isso. Claro que tem gente que vem passear, vem conhecer a festa, aproveita pra conhecer a cidade. Mas não vem assim. Porque ela não oferece aquela parte cultural. Tá faltando.

Colaborador 4: Sim. Eu acho que é uma grande atividade, porque são 5 dias de festa né. Ele inicia normalmente quarta e vai até domingo. E de quarta a domingo ela está praticamente, são quase 100 mil pessoas que passam por lá. Então, é um evento que atrai a cidade toda né. Ele é esperado, nem se cogita né em falar que um dia essa festa possa vir acabar jamais. Então, ela tem que crescer. Hoje, já não cabem mais entidades no Engenho então, eu acho que para o futuro tem que se pensar como ampliar né esse local, porque tem outras entidades que querem ser né, querem participar do evento. Então, tenho certeza que é um lazer maravilhoso pra todo mundo. Do eu ponto de vista. Olha, de lazer eu gosto do tiro ao alvo, comer a maçã do amor, passear, encontrar os amigos, até tomar um café, comer um doce típico. Então, acho que ali vão está representando vários países, então, você pode ir em um certo restaurante né de um país e talvez matar a saudade de alguém que já viajou pra aquele país, encontra né a comida, um doce ou um quitute ali que vá fazer né relembrar sua viagem. Então, acho que pra cada pessoa né ela vê de uma forma. Eu

vou lá eu me distraio, eu gosto muito de passear lá e visitar né quando, porque não é possível visitar as 21 entidades nos 5 dias. Tem muita atividade de palco então, eu não consigo realmente ir para todas, mas acho que tem muita, só de passear dentro do Engenho, de olhar aqueles restaurantes, aquelas pessoas voluntárias né trabalhando por esse objetivo né ajudar a entidade, pra mim isso já é um lazer.

Colaborador 5: Eu acho que se tornou mesmo um plano de está no guia turístico já enfim, durante o ano isso, faz parte do calendário da cidade, e eu acho que é o encontro de pessoas, a gente vê grupos, famílias se reunindo na Festa das Nações, a nossa barraca, por exemplo, que quem gosta de bacalhoadada vai come bacalhoadada, toma o vinho português, levando os pais, comemorando o aniversário da mãe, então é um espaço que propicia esses encontros, além de você está ajudando, você está saboreando diversos tipos aí de comida. Então eu acho que é assim muito legal porque agrega esses 2 fatores e de lazer é mais ou menos aquilo que eu falei, além de ter o encontro, lá você tem a oportunidade até de rever algumas pessoas que faz tempo que você não encontra, eu falo isso pelo meu marido que adora essa festa, enquanto eu estou trabalhando ele fica passeando, e aí ele encontra primos, ele encontra amigos, então isso é muito legal, eu acho que a festa voltou a ter esse aspecto familiar, além da benevolência aí de você está ajudando.

Colaborador 6: Sim, porque você pode observar, essa semana da Festa das Nações até o shopping sente. O pessoal não vai no shopping que também é um lugar de passeio piracicabano, eu acho que cai o movimento nos restaurantes. Todo mundo se resume a lá, porque você pode ir de dia, você pode ir de noite. Tem variedade. De horário, é fácil acesso, é muito bem organizada. Estava muito limpo esse ano, calçaram. É porque sempre eu vou com alguém. Quando o Jorge era vivo... a mamãe gostava muito também, a mamãe toda Festa das Nações ela almoçava no sábado lá, então a gente acompanhava, depois os meninos mocinhos, sempre tinha amigo que vinha, a gente ia também. E esse ano que não tinha nenhum filho, a Paula foi comigo.

Colaborador 7: Acho que sim, é uma semana que todo mundo fica voltado para isso. É o passeio em um lugar diferente, e é lógico eu falo que, como eu sou do ramo de alimentação, que ela não me atraí, mas eu gosto de ir ver, ver as receitas diferentes, a gente acaba pegando as novidades, lógico porque eu trabalho com esse temático

também, e para mim é gostoso porque também eu vou comer uma coisa que os outros prepararam.

Colaborador 8: Eu acho bastante. A integração das pessoas, mais a parte da culinária, e a ajuda que essa festa proporciona para varias entidades. A questão de ser beneficente. Eu acho que isso são os 3 pontos.

7) O ritual da festa é adequado? Se a abertura e o encerramento são de alguma forma marcantes?

Colaborador 1: Olha a festa eles têm assim, algumas atividades anteriores ao acontecimento dentro do Engenho que são já meio que tradicionais, por exemplo, no sábado que antecede a festa, tem o passeio de jipe das rainhas e embaixadoras das barracas pela cidade, então é o momento que a gente vê que no trajeto as pessoas já estão paradas esperando as meninas passarem para que possam aplaudir, para que possam brincar, então é alguma coisa que já se tornou assim esperado nesse antecedente da festa, tem uma noite de apresentação, que é a noite de apresentação da festa, das rainhas embaixadoras também, normalmente acontece num clube aqui da cidade que é um momento também assim bastante esperado por todos, principalmente por elas que estão participando e vão ser os cartões de visita dos países e das entidades que elas representam, então é uma festa muito gostosa, um momento muito gostoso, e durante a festa eu acho que a solenidade de abertura ali com as meninas no palco, com bandeiras, com roupas típicas, apresentando alguma coisa da cultura em termos de dança ou musica, é muito bem vindo, e a festa de encerramento apesar de todo mundo já está assim cansadíssimo, e para elas também é uma semana de uma rotina bem intensa, porque essa meninada toda estuda, então no outro dia começa cedo, no domingo a tarde todo mundo já está de língua de fora, mais eu acho que todo mundo fica esperando essa finalização, aonde na realidade acontece praticamente uma despedida de todos, um agradecimento para todos que participaram, e eu acho bastante interessante.

Colaborador 2: Veja Michele realmente eu sim acho, sem dúvida nenhuma, ela se destaca primeiro naquele ponto que eu disse que é fundamental, ela é uma festa para as obras sociais, voltada para obras. Então o que você vê é um esforço das

instituições todas, das obras sociais, das ONGs nesse trabalho montando barraca com a participação de voluntários. Olha a participação de voluntários, até queria destaca isso, é um outro ponto de fundamental importância nessa festa, tudo aquilo é feito com voluntários, todo aquele trabalho de barraca de comida, tudo por voluntários, então nós temos um ponto importantíssimo que é a participação da comunidade na festa voluntariamente. Com relação à pergunta, sim, o ritual. A abertura sempre é marcada, é sempre uma abertura solene, ela se dá num dia especial, ela marca muito porque nós temos presença de pessoas da comunidade e de toda a região, autoridades presentes, as instituições todas presentes, e uma coisa muito importante também é que no envolvimento das instituições, nós temos envolvimento também das famílias que trabalham nessas instituições, ou daqueles que recebem benefícios da instituição, que com as crianças concorrendo durante todo o período que antecede a festa, a rainha da festa e com isso tudo vendendo ingressos, em relação trazendo contribuição naturalmente para a instituição para qual está trabalhando, por outro lado também no momento da festa, na abertura as nações se apresentam com as mocinhas todas vestidas a caráter de acordo com cada nação, isso é um ponto importante também marca muito o início da festa, outra coisa que marca o início da festa, é o encerramento também porque é um momento de conagração entre todos que participaram esses voluntários todos. Então é outro momento muito importante nesse conagração nessa festa.

Colaborador 3: Ah. Eu acho que como qualquer festa assim desse porte aí tem que ter uma abertura legal. Tem... marcar presença. Chamar as pessoas. Dar notoriedade pra cidade. Porque as pessoas aqui em (Piracicaba), o turismo, os visitantes é mais de final de semana. Principalmente no domingo. Mas vem muita, muita, muita gente pra (Piracicaba) no final de semana pra almoçar na Rua do Porto e enfim... principalmente. Mas na festa não... Abertura e encerramento você acha que não são marcantes? Não. É como outra qualquer.

Colaborador 4: É. Eu acho que é marcante, porque nós temos a rainha né as rainhas, embaixadoras e os guardiões e a gente apresenta as danças típicas né embora, eu acho que seja um pouco cansativo. Esse ano não, a gente até reduziu foi uma dança assim, curtinha né não se chegou dançar toda a música, porque eu acho que cansa o público, todo mundo está ali em pé assistindo, mas mesmo assim, sem grandes

comodidades as pessoas estão ali em pé assistindo a abertura da festa, as danças, os patrocinadores que a gente faz questão de agradecer, porque se não fossem eles e a mídia toda né não seria possível ter uma festa nesse porte com tanto sucesso. Então, acho que a abertura pode sim, a gente se pensar em reduzir um pouco cada vez mais pra não cansar o publico que está ali em pé nos prestigiando e prestigiando a rainha, embaixadores e os guardiões. Então, acho que tem que estudar um pouquinho isso né. Talvez atrapalhe até um pouco o consumo nos restaurantes. Por conta desse tempo que a pessoa fica ali assistindo, mas está em estudo, a gente já está discutindo isso que pode ser feito pra. E é uma oportunidade pra gente dar as entidades, porque cada uma quer ver sua dança né sua representante, a rainha dançando. E ao mesmo tempo eles têm que trabalhar. Então, a própria entidade mesmo não vê né, às vezes, vê um pedacinho só da coreografia e já tem que voltar para o restaurante. Então, nós precisamos pensar bem as mudanças que podem ser feitas.

Colaborador 5: Eu acho que a abertura é mais do que o encerramento, porque há o passeio das meninas no centro da cidade, se não me engano no sábado anterior a festa. O desfile de jipe: eu acho que isso é muito legal, tem um evento à noite durante a semana anterior. Não me lembro, não estou bem ao certo, mas eu acho que é anterior ao passeio do jipe, que é a divulgação, é a abertura da festa. Tem acontecido ultimamente no Clube de Campo, então todas participam, familiares participam, a imprensa, então ali é dada uma abertura, e aí tem sido dada uma cobertura de algumas revistas, de jornais, então eles até vem aqui conversar com a gente divulgam a entidade, o nosso prato.

Colaborador 6: Então apesar de eu gostar de ir, eu nunca fui numa abertura, nem fui no encerramento. Não. Não me atrai. Nunca atraiu.

Colaborador 7: Não. Eu acho que tem que haver, mas eu vou ser sincera, eu nunca vi. Não. Acho que eu vi uma vez apresentação de balé das meninas que tinha contato. Não me lembro.

Colaborador 8: Tem. Normalmente a festa começa em fevereiro. Para você preparar tudo, aí quando chega acho que uns 10 dias antes, eles têm marcado, tem a

apresentação das embaixatrizes e das rainhas, elas fazem um serviço bacana, os pais na realidade, e as entidades. Eles fazem a venda daqueles bloquinhos para vender carro, rifa. Para poder angariar dinheiro para essas entidades que ajuda na festa, então quando chegam uns 10 dias antes, eles têm uma sede de um clube que eles oferecem apresentação dessas rainhas, as embaixatrizes, das entidades e o que cada barraca vai servi. E na quarta-feira tem o desfile tradicional, para anunciar que naquele dia estão começando os preparativos e estão começando a Festa das Nações. Então a preparação é desde fevereiro, mas a apresentação eu acho adequada porque aí coloca todo mundo a par através do ritual do desfile, aí eles vão todos para o Engenho, tem a abertura da festa no palco, com as musicas, com danças e tal, que eu acho muito bonito, antigamente eles punham artistas, o que eu acho que desvirtuou bastante a festa, a partir do momento que eles resgataram, tiraram esses artistas famosos e deixaram os shows típicos, danças típicas, etc. eu achei que eles resgataram a festa. Então eu acho que isso é bacana, então essa é a preparação inicial que eles fazem. É um trabalho bem grande. O encerramento não tem muita coisa. Eu acho apagado, eu acho sem brilho porque eles põem só as rainhas e embaixatrizes, cada um apresenta a bandeira de cada país, e eu acho bastante simples, não é chamativo, por exemplo, eu antigamente ia para ver o encerramento, todas às vezes, era gostoso tinha dança e tal, hoje já não tem tanto. Já é mais meio sem sal. Eu acho que eles precisariam fazer o mesmo tumulto que eles fazem no início, que é o desfile. Podia fazer um desfile, anunciar o encerramento da festa. Dar uma maior importância, se bem que a importância maior mesmo que eu acho, é o início para chamar a população para ir até lá.

8) Você acha que a festa contribui para reunir familiares e amigos?

Colaborador 1: Eu acho que sim, porque eu percebo que, principalmente nos jantares fechados, existe uma movimentação grande das pessoas em se agruparem para estar indo juntos, participando de um determinado evento, eu acho que uni sim, e a gente escuta muito na festa também, porque eu vou encontrar fulano na barraca tal. Então as pessoas já marcam esse encontro para tomar um chopp, para degustar um bolinho, então agora eu vou encontrar com fulano em tal lugar. Eu acho que une sim.

Colaborador 2: Sim Michele contribui muito com isso, porque exatamente onde se encontram os casais, como eu disse anteriormente, eu acho que dificilmente uma festa consegue aqui em (Piracicaba) marcar presença de famílias, essa é uma festa familiar, ali você vê pai, mãe e filhos, e eu não sei se existem outras aqui em Piracicaba. As demais que eu conheço não têm essa marca tão acentuada, e outro ponto importante é a contribuição que ela trás para intuições como eu já disse, porque esse é o foco principal. Agora outra coisa importante também para se destacar é que nós vamos conhecendo a alimentação de cada região, de cada país não é Michele. Isso é muito bom. Porque a gente não conhece, não dá para viajar em todos, pelo menos a gente conhece alguma coisa, a roupa. Como se vestem, conhecemos alguma coisa relativa, bastante relativa à alimentação, e conhecemos também a forma de vida porque também é relatado por cada um que participa das barracas.

Colaborador 3: Ah. Sim. Acho sim. Acho. Ela é uma festa familiar Num certo período da festa, por exemplo, durante o dia, você vê um público. À noite você vê outro. Então assim durante o dia, almoço, a festa tem menos gente, as famílias vão, levam as crianças. É claro. Tem um lazer lá. Parquinho, jogos, umas atividades infantis. E à noite já é um outro público.

Colaborador 4: Eu acho que sim. Porque olha, principalmente no domingo você vê muitas famílias que vão almoçar né no encerramento, no último dia da festa. E durante a semana também nos jantares que eu tenho observado são mais amigos, eu acho que famílias vão mais no domingo no almoço. Mas é uma confraternização você rever os amigos depois estar com a família no domingo, eu acho que a própria festa né o intuito dela faz com que as famílias fiquem mais unidas e vão lá pra realmente ajudar a entidade.

Colaborador 5: Com certeza. Eu acho que a nossa barraca, por exemplo, grande de bastante movimento, a gente vê muito isso, grupo de amigos, que nem nos primeiros dias a gente faz com venda antecipada, então você vê realmente grupo de amigos se reunindo, familiares se reunindo para, então eu acho que é uma oportunidade de reunir sim. Encontro.

Colaborador 6: Com certeza, é. A gente encontra as famílias, você vê a filha que veio de fora com neto, a mãe, o pai, o avô. Tem muitas famílias e tem aqueles grupos certos, que vão na barraca certa todo ano. Porque os voluntários também levam a família atrás deles. Então você tem uma tia que está na barraca árabe, com certeza você vai sentar na barraca árabe. Vai prestigiar. Porque é uma beleza esse serviço voluntário e eles são pessoas muito conhecidas da gente, em toda barraca você tem um conhecido e eu acho que isso faz as pessoas irem lá e falar vou prestigiar o meu amigo que está trabalhando em tal barraca. E é uma festa muito organizada, eu acho muito boa.

Colaborador 7: Muito. É um ponto de reunião. De reencontro. É que eu tenho hoje a mãe doente, mas a gente esperava, e a minha mãe e as minhas irmãs, nós íamos juntas. A família. Era um evento familiar.

Colaborador 8: Bastante. Eu acho. Com certeza. Aí você compra, por exemplo, no primeiro dia é um jantar fechado, então a gente está sempre telefonando para um e para outro, vamos ajudar, que barraca nós vamos esse ano?. Esse ano, por exemplo, eu fui na árabe, aí nós reunimos, nós estávamos em 10 pessoas, então é o momento que você reúne família, você tem um momento que você reúne amigos, então eu acho que a função da festa atualmente depois de ter tirado toda a parte artística, famosa da festa, ela ficou direcionada para esse tipo de público maior. Eu acho que é muito importante isso.